

# **As cerâmicas medievais dos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa (Sécs. XIII-XIV)**

André Macedo de Faria Manique Silva

Aluno nº 53755

Mestrado em Arqueologia

Dissertação orientada pela Professora Doutora Catarina Tente

Outubro, 2019

## Agradecimentos

Começo por agradecer à minha orientadora, a Prof. Doutora Catarina Tente, pela simpatia e disponibilidade que sempre demonstrou no esclarecimento de dúvidas, nas sugestões que deu e nas revisões que fez durante todo o processo mas também pela partilha de conhecimento e saber que proporcionou.

Quero deixar um agradecimento muito especial à Neoépica, em particular ao Paulo, Raquel e Nuno, amigos com os quais tenho tido o privilégio de poder trabalhar ao longo destes últimos onze anos, nos mais diversos contextos, nas mais diversas vicissitudes, próprias de quem trilha este percurso da arqueologia preventiva e sem os quais teria sido impensável chegar a concretizar, alguma vez, o presente trabalho. O seu apoio e incentivo foram determinantes para a tese que agora se apresenta.

Um agradecimento muito especial à Helena Pinheiro, outro membro da *família* Neoépica, que sempre se mostrou disponível para o debate de ideias e partilha de informação e sem a qual o presente trabalho talvez não tivesse começado pois, na verdade, deu continuidade a uma primeira abordagem por ela realizada dos materiais agora apresentados.

Quero deixar também uma palavra de agradecimento ao Ricardo Ávila Ribeiro, pela cedência dos dados arqueológicos de campo, inéditos, e que se tornaram bastante úteis para a elaboração do trabalho, num período em que o relatório final da intervenção de 2014/2015 ainda se encontra em processo de execução.

À minha mãe, para lá de muitos outros agradecimentos que poderia aqui referir, quero deixar um, pela ajuda prestada na recolha de informação e que serviu de base para a contextualização histórica dos materiais estudados.

Um último agradecimento, mas talvez o mais importante, à Verónica, que para além de me ter ajudado ávidamente na elaboração de diversas tarefas da presente tese, tem sido incansável na ajuda e suporte ao longo destes onze anos de percurso em comum, ao Afonso pela colaboração na cedência de peças da *LEGO* que permitiram servir de base às peças fotografadas e à Petra por até gostar de ver *pratos partidos*, prometendo, desde já, recuperar e compensar futuramente todo tempo e atenção que o pai não lhes pode disponibilizar enquanto da elaboração do trabalho.

## **Resumo**

**PALAVRAS-CHAVE:** Arqueologia preventiva, Armazéns Sommer, Silo/Fossa.

Tendo em vista a construção de um hotel na Rua Cais de Santarém, localizada nos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa, foi realizada uma intensa campanha arqueológica preventiva ao longo dos anos 2014 e 2015 pela empresa de arqueologia Neoépica, Lda. Esta consistiu, genericamente, na escavação de todas as áreas que foram sujeitas a mobilização de solos, bem como na caracterização do edificado existente, materializada na execução de trabalhos de picagem parietal, no âmbito da denominada Arqueologia da Arquitectura (NETO, REBELO, RIBEIRO E ROCHA, 2017).

A intervenção permitiu confirmar dados já reconhecidos em 2004 e 2005 nas intervenções arqueológicas da responsabilidade de Ana Gomes (2004/2005). Possibilitou igualmente colocar a descoberto toda uma série de contextos desconhecidos e de inegável importância para a caracterização da ocupação humana naquela área, com o registo de uma sequência ocupacional contínua desde, pelo menos, a Idade do Ferro até à época Contemporânea.

Ao longo da intervenção nos diversos sectores, onze no seu total, a ocupação do período Medieval Cristão foi a que se revelou menos relevante, facto este que poderá resultar das afectações aquando da intensa campanha de obras que levaram à construção do complexo palaciano da família dos Condes de Coculim, já em período Moderno.

No entanto, no sector 4, enquadráveis no período Medieval Cristão e depositados numa estrutura em negativo de tipologia silo/fossa escavada no substrato geológico arenoso, foi possível recolher algumas peças cerâmicas enquadráveis nos sécs. XIII-XIV, tratando-se predominantemente de louça utilitária em cerâmica comum.

O presente trabalho é o resultado do estudo destes materiais cerâmicos. A sua análise foi realizada tanto do seu ponto de vista formal como do ponto de vista funcional. A presente dissertação expõe e discute os resultados obtidos.

## **Abstract**

**KEYWORDS:** Preventive archeology, Sommer Warehouses, Silo/Pit.

Between the years 2014 and 2015 an intensive preventive archaeological campaign was carried out within the building of a hotel on Rua Cais de Santarém, located in the former Sommer Warehouses (Lisbon). This archaeological excavations that were carried out by the company Neoépica, Lda, focused in several areas that were subjected to soil mobilization. At the same time these team did also the characterization of the existing building and its structures, under the so-called Archeology of Architecture (NETO, REBELO, RIBEIRO E ROCHA, 2017).

The archaeological remains of Sommer building were already under excavations between 2004 and 2005 under the responsibility of Ana Gomes (2004/2005). The intervencion by Neoépica confirmed the information collected by the excavations done in 2004 and 2005, but also permitted the identification of new archaeological contexts of undeniable importance for the comprehension of the human occupation of this area of the city. It was possible to recorded a continuous occupational sequence from, at least, the Iron Age to the Contemporary era.

Alhought the excavations had affected eleven different sectors, the archeological remains from the Late Medieval Period was the one that proved to be less relevant. This could be due to the building of the Coculim Count's palace in the Modern period, that largely affected the previous medieval contexts.

However, in the sector 4, was possible to identified a negative structure, a silo/pit, that was excavated in the sandy geological substrate and contained several ceramics, essentialy from common utility tableware, dated between the 13th and 14th centuries.

This work have studied these ceramics. The analysis carried out foccused in the formal characterization but also functional. The dissertation presents the results of this study.

## **Siglas e abreviaturas**

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

CIGA - Projeto de sistematização para a Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus

ENP – Elementos não plásticos

IEM - Instituto de Estudos Medievais

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico

Kg - Quilogramas

m - Metros

mm – Milímetros

NMI – Número mínimo de indivíduos

NMxI – Número máximo de indivíduos

Nº Inv. – Número de inventário

PC. – Perfil completo

SD. – Sondagem

Séc. – Século

Sécs. - Séculos

ST. – Sector

U.E. – Unidade Estratigráfica

Ø - Diâmetro

## Índice

<b>1- Introdução.....</b>	<b>7</b>
1.1. Estado da arte.....	7
1.2. Objetivos.....	10
<b>2- O sítio arqueológico dos antigos Armazéns Sommer.....</b>	<b>11</b>
2.1. A intervenção arqueológica.....	11
2.2. O silo [453].....	19
<b>3- Os materiais cerâmicos do silo [453].....</b>	<b>27</b>
3.1. Metodologia de análise.....	27
3.2. O conjunto.....	30
3.3. As formas.....	30
3.3.1. Utensílios de cozinha.....	32
3.3.2. Recipientes de mesa.....	42
3.3.3. Recipientes de armazenamento e transporte.....	48
3.3.4. Utensílios de uso específico.....	50
3.4. As técnicas de fabrico.....	53
3.5. Acabamentos e decoração das superfícies.....	57
<b>4- Discussão.....</b>	<b>66</b>
4.1. Interpretação do contexto arqueológico.....	66
4.1.1. Cronologias do conjunto.....	66
4.1.2. Análise do contexto arqueológico.....	70
4.1.3. Contributos para o estudo da Lisboa medieval, dos séculos XIII/XIV..	72
4.2. Contributo da arqueologia preventiva para a formação do conhecimento.....	75
<b>5- Considerações finais.....</b>	<b>80</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>82</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>92</b>
Anexo I: Tabela de Inventário do silo [453].....	93
Anexo II: Implantação, estratigrafia e fotografias de materiais .....	105

## **1. Introdução**

### **1.1. Estado da Arte**

A arqueologia da Plena e da Baixa Idade Média teve um forte impulso com o incremento das investigações em castelos e em meios urbanos que foram efectuados a partir dos anos 90 do século passado com remodelações diversas. Braga, Porto, Coimbra, Santarém, Lisboa, Almada, Palmela, Évora, Mértola, Silves e Tavira, tornaram-se nos principais centros urbanos que tiveram sistematicamente trabalhos de escavação arqueológica, com consequente divulgação de resultados (FERNANDES, 2005).

Em Tondela, em Outubro de 1992, realizam-se as 1<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, dando a conhecer os resultados da investigação no âmbito da cerâmica medieval e pós-medieval, decorrentes de pesquisas etnoarqueológicas iniciadas em finais dos anos 80. Entre estas, importa destacar a intervenção efectuada em 1991, na Casa do Infante, no Porto, na qual se permitiu identificar pela primeira vez, um número bastante razoável de cerâmicas importadas da primeira metade do séc. XIV, algumas delas oriundas de Saintonge, no sudoeste de França (REAL ET AL., 1995). Esta equipa, de forma integrada e metodologicamente inovadora, efectuou registos e estudos do maior interesse para níveis entre os sécs. XIV e XVI, com destaque para as produções cerâmicas (FERNANDES, 2005, p. 154). São de salientar ainda, as intervenções como a da Casa nº4 da Rua do Castelo, em Palmela, a qual revelou um conjunto de cerâmicas baixo-medievais (sécs. XIII/XV) (FERNANDES E CARVALHO, 1995), como também um conjunto de cerâmicas de produções típicas tardo-medievais e modernas, recolhidas de um silo medieval na vila do Crato (CATARINO, 1995). Nas jornadas seguintes assistiu-se a uma crescente participação portuguesa para estudos de cerâmica islâmica mas também medieval cristã e moderna. Surgem novas propostas de nomenclatura para o estudo da cerâmica medieval (TORRES, GOMEZ E FERREIRA, 2003). Outros conjuntos cerâmicos de cronologias análogas vão sendo registados mais a Sul, como os provenientes de Cascais (CARDOSO E RODRIGUES, 1991), Sintra (AMARO, 1992), Alcácer do Sal (PAIXÃO ET AL., 1994) e Almada (SABROSA E ESPÍRITO SANTO, 1992).

Estudos como o de Isabel Fernandes sobre os materiais cerâmicos do Castelo de Palmela (FERNANDES, 2004), ou de Helena Catarino sobre a cerâmica da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim (CATARINO, 2003), vieram dar um enorme contributo para o estudo das cerâmicas baixo medievais.

As grandes intervenções arqueológicas na cidade de Lisboa têm o seu início nos anos 80 na Casa dos Bicos e, nos anos 90, na Sé Catedral, onde foram identificados os primeiros vestígios de época Islâmica, além de registos da Antiguidade Tardia (FERNANDES, 2005, p.154). O Castelo de S. Jorge é, também ele, a partir de 1995, palco de importantes trabalhos arqueológicos, coordenados por Ana Gomes e Alexandra Gaspar, os quais revelaram níveis islâmicos e cristãos pós-reconquista (GOMES E GOMES, 2001,2002). No interior do castelo, a escavação do Palácio dos Bispos e dos Condes de Santiago, permitiu identificar ocupações balizadas entre os sécs. XIV e XVIII (FERNANDES, 2005, p.154). Importa destacar ainda o estudo de Alexandra Gaspar e Clementino Amaro sobre as cerâmicas dos sécs. XIII-XV da cidade de Lisboa (GASPAR, AMARO, 1997, p.337-345), e que entregam as cerâmicas do conjunto do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, na Baixa de Lisboa. Mais recentemente, no edifício da antiga prisão do Aljube, foram identificados, em fossa aberta no substrato rochoso materiais de cronologia análoga, nomeadamente louça de cozinha e ir à mesa (AMARO ET AL., 2012).

De outras intervenções com vestígios do período medieval tardio em Lisboa, sobretudo decorrentes de obras de reabilitação urbana, preventivas, de emergência e de acompanhamento, há a referir também, as protagonizadas pelo extinto Museu da Cidade (actual Museu de Lisboa), pelo antigo Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), pelo mais recente Centro de Arqueologia de Lisboa (CAL), e por diversas empresas de arqueologia. Das intervenções levadas a cabo pelo extinto Museu da Cidade importa referir as ocorridas na R. dos Douradores, no Martim Moniz, na Travessa Gaspar Trigo e na Calçada da Graça (FERNANDES, 2005, p.154). De salientar os trabalhos arqueológicos que tiveram lugar na envolvente da Igreja e Convento do Carmo, que em 2008 e 2010/2011, foram exclusivamente levados a cabo por uma equipa do CAL (MARQUES E BASTOS, 2013), mas que em 2013 já tiveram a colaboração de uma empresa de arqueologia (PINHEIRO, 2015). Nessas campanhas, nos designados Terraços do Carmo (integrado no projeto de recuperação do Chiado da



autoria do arquitecto Álvaro Siza Vieira), foi possível tirar conclusões muito interessantes no que se refere à construção do edifício da igreja e convento que data de finais do séc. XIV. A título de exemplo, constatou-se que a sua fachada Este não terá estado exposta às intempéries e erosão muito tempo após a sua construção, já que foi possível ainda identificar algumas marcas de canteiro que conservam vestígios de pigmento vermelho. Coincidentemente, as escavações revelaram também que foi depositado um nível de terras e materiais contendo peças cerâmicas datadas dos sécs. XIII/XIV, estando este parcialmente assente sobre os alicerces do edifício (PINHEIRO, 2015). Efetivamente, esta área do edifício parece assim ter sido aterrada logo após a sua construção o que comprova que cedo foi detetada a instabilidade estrutural, criada pela escolha do local, que do ponto de vista geológico era inapropriada para a edificação do convento e que acabou por determinar a história deste monumento.

Em 2005, a publicação de *A Nova Lisboa Medieval* (da responsabilidade do Instituto de Estudos Medievais (IEM)), veio trazer novas abordagens interdisciplinares sobre o estudo da Lisboa Medieval. Ali foi possível cruzar vários saberes desde a História, a Arqueologia, a Literatura e a História da Arte, e a partir deles, pretendeu-se dar conta das diferentes dimensões de um núcleo urbano muito complexo, uma das cidades mais dinâmicas do sudoeste peninsular e, que cedo se converteria na própria cabeça do reino português (FONTES ET AL., 2016).

Nas II Jornadas Internacionais de Idade Média *Espaços e Poderes Na Europa Urbana Medieval*, realizadas em Castelo de Vide, em Outubro de 2017, reuniram-se investigadores provenientes de Portugal, Espanha, França e Alemanha, cobrindo uma ampla cronologia que se estende entre a Antiguidade Tardia e o início do séc. XVI, resultando em profícuos debates entre historiadores, arqueólogos, especialistas de arquivística, paleografia e heráldica e ainda historiadores de arte, originando, deste modo, publicações muito diversificadas – documentos escritos, heráldica, vestígios materiais, iconografia, iconologia e cartografia (ANDRADE ET AL., 2018, p14). Nestas jornadas, muito centradas nos diversos estudos efectuados em torno do espaço urbano, merecem particular atenção, para o estudo da cidade de Lisboa, as intervenções no Convento de S. Domingos (SILVA, 2018, p.553-569) e as novas leituras sobre a “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média (MOTA ET AL, 2018, p.495-520)

Há assim dados publicados que ajudam a reconhecer os artefactos desta cronologia no contexto da cidade de Lisboa, constituindo um bom ponto de partida para a elaboração do presente estudo, esperando-se que o mesmo venha trazer dados inéditos para o conhecimento da cidade no decorrer dos sécs. XIII e XIV.

## 1.2. Objectivos

Este trabalho pretende realizar o estudo dos materiais cerâmicos provenientes do Sector 4, mais concretamente do silo [453]. O principal objetivo é caracterizar o conjunto que ali foi depositado por forma a compreender melhor o seu contexto de origem primária. Ainda que seja um contexto muito específico, o facto de ser uma deposição secundária homogénea permite abrir, de certo modo, uma janela para os consumos de cerâmica dos sécs. XIII e XIV na cidade de Lisboa. Desta forma o presente estudo poderá contribuir para a compreensão do tipo de ocupação neste local específico da cidade, contribuindo assim para o mapeamento socioeconómico e cultural de Lisboa durante a Baixa Idade Média.

Numa segunda linha de objetivos pretende-se ainda reconhecer, através destes materiais de uso comum, as diferenças formais e estilísticas características desta época, tentando enquadrá-las no contexto histórico em que se terão produzido e utilizado, nomeadamente durante a designada crise do séc. XIV.

Por fim, uma análise sobre o contexto específico em que a intervenção arqueológica foi efectuada, pretendendo demonstrar assim o contributo da arqueologia preventiva e de salvaguarda para o conhecimento científico.

## **2. O sítio arqueológico dos antigos Armazéns Sommer**

### **2.1. A intervenção arqueológica**

O sítio arqueológico dos antigos Armazéns Sommer situa-se na Rua Cais de Santarém, freguesia de Santa Maria Maior, no Bairro de Alfama, em Lisboa. O quarteirão abrangido encontra-se limitado a Norte pela Rua de São João da Praça e a Travessa dos Armazéns do Linho; a Este pela Travessa de São João da Praça que desce para o Chafariz d'el Rei; e a Oeste, pelo Arco de Jesus. Do ponto de vista topográfico encontra-se no sopé da vertente Sul da encosta do Castelo de S. Jorge, actualmente a cerca de 90 metros do Rio Tejo (Figura II.1).

Tendo em vista a construção do Hotel Eurostars Museum neste local, foi realizada uma intensa campanha arqueológica preventiva ao longo dos anos 2014 e 2015 pela empresa de arqueologia Neoépica, Lda. A intervenção consistiu na escavação de todas as áreas que foram sujeitas a mobilização de solos, bem como na caracterização do edificado existente, materializada na execução de trabalhos de picagem parietal, no âmbito da denominada Arqueologia da Arquitectura (NETO ET AL., 2017).

A ocupação desta área distribui-se por vários patamares de natureza antrópica, procurando adaptar-se ao declive natural do terreno, de pendente Norte-Sul. Os trabalhos arqueológicos permitiram verificar a recorrência deste tipo de estratégia de modelação ao terreno, desde os níveis mais antigos, surgindo logo na ocupação da Idade do Ferro, passando para época Romana, Medieval, Moderna e chegando bem marcado aos nossos dias. A construção do próprio hotel acabaria por seguir, em certa medida, o mesmo tipo de adaptação ao terreno (NETO ET AL., 2017).

A primeira fase de diagnóstico arqueológico do local teve início em 1997, contudo este acabaria por não ser concluído, retomando-se os trabalhos entre 2004 e 2005 sob a direcção de Ana Gomes (GOMES, 2004, 2005). Desde logo, o local revelou a presença de um importante conjunto patrimonial, destacando-se os vestígios de época Romana de carácter defensivo; muralha alto imperial e muralha tardo-romana, enquadráveis respetivamente nos sécs. I e IV/V d.C. Foi igualmente identificado nesta intervenção um conjunto urbanístico muito bem preservado, composto por um lajeado

que daria acesso a um fontanário e a um poço-cisterna, bem como alguns contextos de época Medieval Islâmica e época Moderna.

A intervenção arqueológica de 2014/2015 desenvolveu-se fundamentalmente sobre duas vertentes paralelas. Por um lado, com trabalhos de arqueologia vertical, através de sondagens parietais, seguindo os métodos da denominada Arqueologia da Arquitectura, para melhor conhecer e caracterizar os diferentes elementos arquitectónicos que constituíam o edificado existente e, por outro, com trabalhos de escavação arqueológica em quase toda a área do quarteirão, dividida em 11 sectores (NETO ET AL., 2017) (Figura II.2).

Um dos conjuntos identificados durante a campanha de 2014/2015 e que se reveste de extrema importância para o estudo da cidade de Lisboa, são os contextos associados à Idade do Ferro, que estavam sobrepostos pelos contextos relacionados com o período romano republicano e que eram muito idênticos aos identificados na Rua dos Correeiros. Trata-se de um conjunto muito bem preservado de elementos estruturais de planta rectilínea, pisos em terra batida e lajeados, formando uma malha urbana que terá tido o seu arranque entre os sécs. VI/V a.C (NETO ET AL., 2017, p.36). A proteger e limitar esta área urbana da margem do rio, identificou-se também um forte paredão com cerca de 1,2 m de espessura e 3 m de comprimento, servindo como estrutura amuralhada, com acesso ao rio através de uma rampa. Todo este conjunto encontra paralelos nas estruturas mais antigas com as do sítio de Abul, interpretado como colónia fenícia, localizado na margem direita do rio Sado, na Herdade do Manto Novo de Palma, Alcácer do Sal (NETO ET AL., 2017, p.37).

Foi ainda possível recolher nesta intervenção dos antigos Armazéns Sommer, em contexto secundário e reaproveitado na construção de um muro romano de época Imperial, uma epígrafe fenícia (Figura II.3), em bloco talhado de calcarenito fino, cujo estudo permitiu perceber poder tratar-se de uma estela funerária, muito possivelmente associada a uma necrópole da 2ª Idade do Ferro nesta zona. A datação através dos caracteres paleográficos enquadra-a por volta do séc. VII a.C, tornando-a assim, não apenas no mais antigo testemunho de epigrafia lapidar na zona, como também num dos mais arcaicos em todo o Ocidente (NETO ET AL., 2016, p. 123-128). A análise e estudo deste importante elemento permite afirmar, deste modo, o papel central que a cidade de Olisipo já teria no séc. VII a. C.

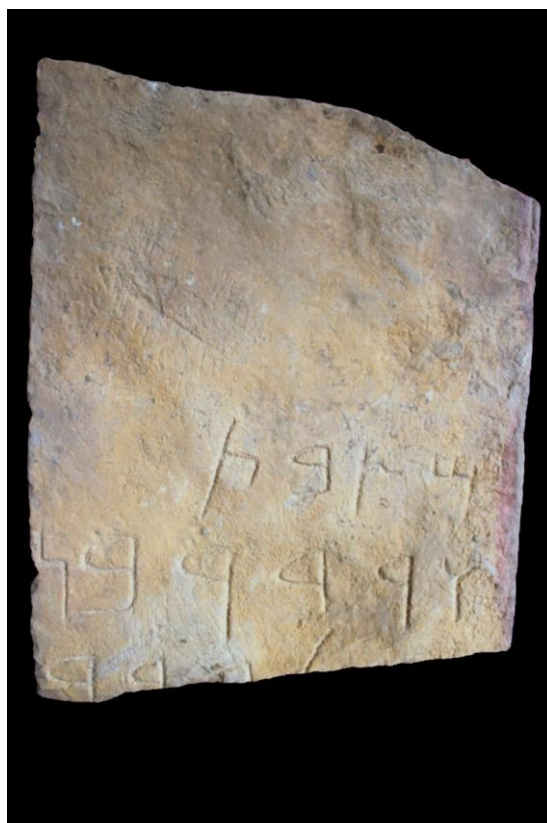


**Figura II.1** - Enquadramento do sítio arqueológico dos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa (NETO ET AL., 2017, p.5).



**Figura II.2** - Sectores intervencionados durante a campanha arqueológica de 2014/2015 (NETO ET AL., 2017, p.6).

O conjunto defensivo de época Romana foi outro dos importantes elementos registados nas intervenções efetuadas nos antigos Armazéns Sommer. Vestígios de extrema relevância, classificados como Monumento Nacional desde 1910 e enquadrados no conjunto do Castelo de São Jorge e muralhas de Lisboa (NETO ET AL., 2017, p.33-34), estas estruturas defensivas já haviam sido identificadas sob os alicerces do palácio de época Moderna durante a campanha arqueológica de 2005, desenvolvendo-se sobre uma orientação Este-Oeste, paralela à margem direita do Tejo (GOMES, 2005). À base da muralha romana de época Imperial (séc. I d.C) encontra-se adossada mais a Oeste a base da muralha romana de época tardia, enquadrada nos sécs. IV e V d.C (GASPAR E GOMES, 2007, p.694). A intervenção de 2014/2015 permitiu confirmar a perda do traçado da muralha imperial na zona central, afectada pela construção contemporânea de um cais de embarque dos armazéns de ferro, e a continuação da muralha tardia para Oeste. Muito embora bastante afectada pelas modificações palacianas de época Moderna, conserva ainda uma altura de 8 m, por uma largura preservada de 5,5 m, sendo visível o seu escalonamento na sua face interna (NETO ET AL., 2017, p.35).



**Figura II.3** - Epígrafe fenícia sobre estela funerária em bloco talhado de calcarenito fino (NETO ET AL., 2016, p. 127).

Durante a Antiguidade Tardia dá-se uma reorganização ocupacional de alguns espaços, dando-se o abandono dos mesmos ainda durante o mesmo período. Uma das construções que determina uma reformulação geral de alguns espaços é a construção da muralha romana tardia. No sector 11, nesta fase de transição regista-se um abandono geral dos espaços onde outrora se encontrava um urbanismo bem desenhado, sendo disso exemplos um pavimento lajeado de orientação Norte-Sul, um tanque fontanário e um poço de fase romana tardia, estruturas já anteriormente identificadas durante a intervenção de 2004 (GOMES, 2004). Todo este complexo estrutural faz hoje parte do núcleo museológico do Hotel Eurostar Museum, inaugurado em 2017. Igualmente parte integrante do núcleo museológico do novo hotel é o designado compartimento da casa romana, localizada a Este da área no sector 9 (Figura II.4). O compartimento possui uma planta de desenho quadrangular, com cerca de 39 m<sup>2</sup>, onde ainda é possível observar em razoável estado de conservação nas paredes Norte, Este e Sul, o revestimento a estuque polícromo. No chão, um pavimento em mosaico, destacando-se do magnífico conjunto um hexágono posicionado no centro de um grande círculo, representando a figura de Vénus, nua, apoiando o braço esquerdo num remo, enquanto com a mão direita descalça a sandália do pé esquerdo (Figura II. 5).



**Figura II.4** - Compartimento de casa romana com estuques pintados e pavimento musivo. (NETO ET AL., 2017, p.30)





**Figura II.5** - Motivo central do pavimento em mosaico da casa romana. (NETO ET AL., 2017, p.33)

A ocupação do período Medieval Cristão foi a menos reveladora nos diversos sectores intervencionados, facto este que poderá resultar das afectações aquando da intensa campanha de obras que levaram à construção do complexo palaciano da família dos Condes de Coculim. No entanto, enquadráveis neste período, registaram-se nos Sectores 3 e 4 estruturas em negativo de tipologia silo/fossa. Estas apresentavam características diversas, com profundidades na ordem de 1 a 2 metros. A abertura destas estruturas em negativo acabariam por afetar contextos mais antigos de época Islâmica e Romana, caso do silo/fossa localizado no sector 4a, o silo [453], debaixo do lance de escadas do palácio que davam acesso a S. João da Praça (Figura II.9, p. 20). Aqui foi possível recolher algumas peças cerâmicas enquadráveis nos sécs. XIII-XIV, objectos de estudo da presente tese. A área do sector 3 acabou por corresponder em larga medida à dimensão deixada aquando do desmonte do pátio de época Moderna anteriormente referido. Debaixo dos alicerces do palácio foram identificadas nessa altura várias estruturas em positivo, nelas se destacando um compartimento de desenho quadrangular estruturando um pátio com um piso em empedrado, encontrando-se para Este a boca de um poço/cisterna, organizada com grandes lajes, que estaria associado a um nível de piso irregular composto por lajes e tijoleiras.

Do complexo palaciano de época Moderna, foi identificado, em plataforma superior localizada a Norte, nos designados sectores 2 e 3, um conjunto estrutural em muito bom estado de preservação, como sejam uma calçada de acesso ao palácio (pelo lado de S. João da Praça), o portal em cantaria calcária de acesso ao mesmo, ladeado por dois monólitos que protegiam as laterais do embate dos carros, e o enorme pátio de



serviço a que tinham acesso, com o remanescente silhar de azulejos de padronagem seiscentista que o decorava (Figura II.6). Foi ainda identificado um lance de escadas, ladeado por silhar de azulejos do último quartel do séc. XVII, que faria a ligação do pátio com S. João da Praça a norte, em patamar superior. Com o terramoto de 1755 dá-se o abandono do sítio (Figura II.7), sendo este aterrado já no séc. XIX, como comprovaram os materiais contemporâneos recolhidos no nível de aterro (NETO ET AL., 2017).

De época Contemporânea foi possível identificar um conjunto de edifícios ligados, de uma forma geral, à atividade industrial associada aos antigos armazéns de ferro e cimento geridos pela firma Sommer & Companhia (posteriormente Casa Sommer e C<sup>a</sup>), a partir de 1885 até meados do século passado. A construção destes edifícios viria a afetar e a incorporar, no entanto, parte da estrutura palaciana pré-existente de época Moderna pertença da família dos Condes de Coculim, e que até meados do séc. XIX ainda se encontrava parcialmente consolidada, ainda que bastante danificada pelo terramoto de 1755.



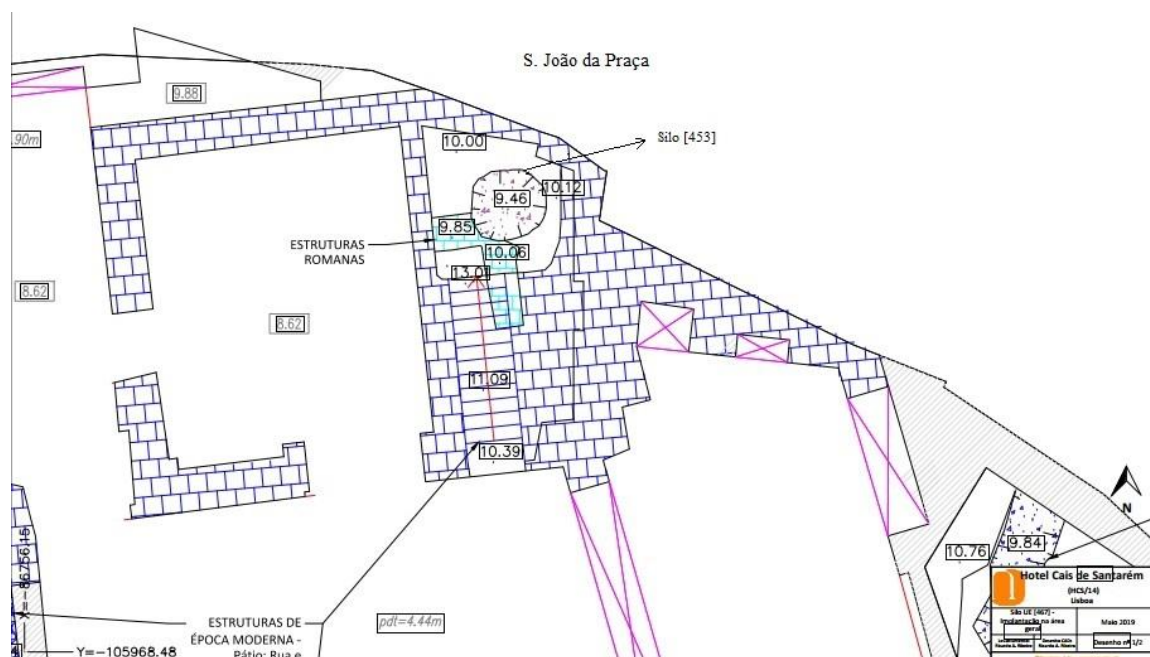
**Figura II.6** - Vista Norte do pátio do complexo palaciano de época Moderna, pertença da família dos Condes de Coculim, intervencionado no sector 3 (NETO ET AL., 2017, p.14).



**Figura II.7** - Contextos associados ao terramoto de 1755 (NETO ET AL., 2017,p.12).

## 2.2. O silo [453]

Os contextos dos sécs. XIII e XIV identificados durante a intervenção efectuada em 2014/2015, encontram-se em dois sectores, o sector 3 e o sector 4, sendo que o presente estudo se centra exclusivamente no sector 4a (Figuras II.2 e II.8), mais concretamente nos materiais do silo [453] que aí foi identificado. Este continha, em deposição secundária, uma concentração bastante homogénea de cerâmica comum e louça, maioritariamente de levar à mesa e de cozinha, permitindo deste modo, uma abordagem precisa, tanto do ponto vista formal, como funcional, dos mesmos. Efetivamente foram identificados também alguns vestígios cerâmicos da mesma cronologia noutros sectores da intervenção de 2014/2015, nomeadamente no sector 3, contudo, em muito menor quantidade e de forma algo dispersa.



**Figura II.8** – Implantação do silo [453], no denominado sector 4a (Neoépica, Lda.).

A intervenção no sector 4a começou pelo desmonte de um lance de escadas em calcário, ladeado por silhar de azulejos do último quartel do séc. XVII, e que faria a ligação do pátio do complexo palaciano de época Moderna com S. João da Praça, a norte, conforme se pode observar pelas figuras II.8 e II.9.





**Figura II.9** - Lance de escadas (secção e plano) que davam acesso do pátio do complexo palaciano de época Moderna a S. João da Praça, a norte (NETO ET AL., 2017, p.16).

No vão da escada, além de um entaipamento de porta, e debaixo de um grande depósito de tijoleiras e cerâmica de construção, foi identificada uma calçada irregular portuguesa, designada U.E. [435], constituída por pequenos blocos calcários. Foram igualmente identificados alguns buracos de poste e um interface de uma pequena fossa, a norte (Figura II.10).



**Figura II.10** – U.E. [435], calçada irregular portuguesa, constituída por blocos calcários (Neoépica, Lda.).

Depois de desmontada a calçada, surgiu uma camada de sedimento argilo-arenoso, heterogéneo, de cor avermelhada, com presença de pedaços de terra batida de cor castanha escura e com bolsas de areia pequenas, a qual foi atribuída a U.E. [449]. Identificou-se nesta U.E. algum espólio arqueológico, com presença de alguma cerâmica comum, vidrada e esmaltada, muitas tachas metálicas e alguma fauna mamalógica e malacológica (Figura II.11).



**Figura II.11** – U.E. [449] (Neoépica, Lda.).



**Figura II.12** – Muro romano [457] cortado pelo interface do designado silo [453] (Neoépica, Lda.).

Sob esta camada, a qual se estendia por toda a área que se encontrava por debaixo do vão da escada, foi possível identificar o interface de formato sub-circular, paredes verticais, perfil em "U", revestido a argila e argamassa, do designado silo [453]

(Figura II.12). Este interface cortava duas estruturas pétreas pre-existentes, correspondentes a um muro romano de época Imperial, a estrutura [457], em pedra, unido por argamassa muito compacta e de cor amarela. Verificar-se-ia posteriormente, aquando da escavação de toda a área do sector 4A, que este era rebocado na sua face Oeste, apresentando pintura mural de cor negra e vermelha, apresentando-se a vermelha na área mais abaixo do estuque (Figuras II.19 e II.20, p. 26). Esta estrutura desenvolver-se-ia no sentido N-S, fazendo ângulo de 90° graus para Oeste. A abertura do silo iria afectar precisamente esta esquina murária. A camada do topo do silo, a U.E. [452], de sedimento de grão argiloso, heterogéneo, macio e adesivo, de cor castanha, com inclusões clásticas calcárias e de xisto, continha também algum espólio arqueológico, cerâmica comum e de construção, bem como alguns vestígios de argamassa. A camada seguinte, a U.E. [459], um sedimento de grão argilo-arenoso de cor castanha-avermelhada, macio e muito adesivo, continha algumas inclusões clásticas calcárias e carvões, assim como bastante fauna mamalógica e malacológica. Identificaram-se alguns numismas e materiais metálicos, alguma cerâmica fina, objectos em osso, argamassas, bastantes cerâmicas de construção e cerâmica comum. A camada [460], sedimento de grão arenoso, solto e não adesivo, de cor esbranquiçada, continha algumas inclusões clásticas calcárias e de xisto, alguma fauna mamalógica e malacológica, algum material vítreo, cerâmica de construção, argamassas e pouca cerâmica comum.



**Figura II.13** – U.E. [461] (Neoépica, Lda.).



A [461], constituída por sedimento de grão argilo-arenoso, macio e adesivo, de cor negra, continha inclusões clásticas calcárias e bastante fauna mamalógica, malacológica e ictiológica, bem como muito espólio arqueológico - alguma cerâmica de construção e materiais vítreos, bastantes materiais metálicos, argamassas, numismas e muita cerâmica comum e fina. Esta U.E. continha muitas peças inteiras de cerâmica comum, sendo a camada do silo que apresentou o maior número de peças com perfil completo (Figuras II.13 e II.14).



**Figura II.14** – Pormenor de plano intermédio da U.E. [461], onde foram identificadas diversas peças inteiras de cerâmica comum (Neoépica, Lda.).

Entre a [461] e a [463], surgiu uma unidade, a [464], que não se estendia por toda a área do silo, de sedimento de grão arenoso, solto e de cor castanha esverdeada, onde não se identificou cerâmica comum, apenas alguma fauna osteológica, ictiológica, malacológica, bem como alguma cerâmica de construção, líticos e alguns metais em ferro. A camada seguinte, a [463], de sedimento de grão argiloso, macio e adesivo, de cor castanha esverdeada continha bastante fauna mamalógica (*Ovis aries/Capra*). em comparação com as camadas anteriores. Continha alguma cerâmica de construção, bastante cerâmica comum, material metálico, numismas e argamassas. Surge nesta camada alguma argamassa de cor esbranquiçada, com estuque. A cerâmica de construção evidencia-se pela presença de telha, de cor amarelada, argamassa amarelada, blocos de tijolo vermelho e nódulos de argila cinzenta, provenientes de

algum revestimento. A última camada do silo, a [465] (Figura II.15), corresponde a um sedimento de grão argilo-arenoso, adesivo e macio, de cor castanha-escura/esverdeada. Continha bastantes carvões e nódulos de argamassa, bem como diversa fauna mamalógica (*Ovis aries/Capra*), fauna malacológica (*Solen marginatus*), cerâmica comum, de construção, numismas e vidros (Figura II.16).



**Figura II.15** – U.E. [465] (Neoépica, Lda.).

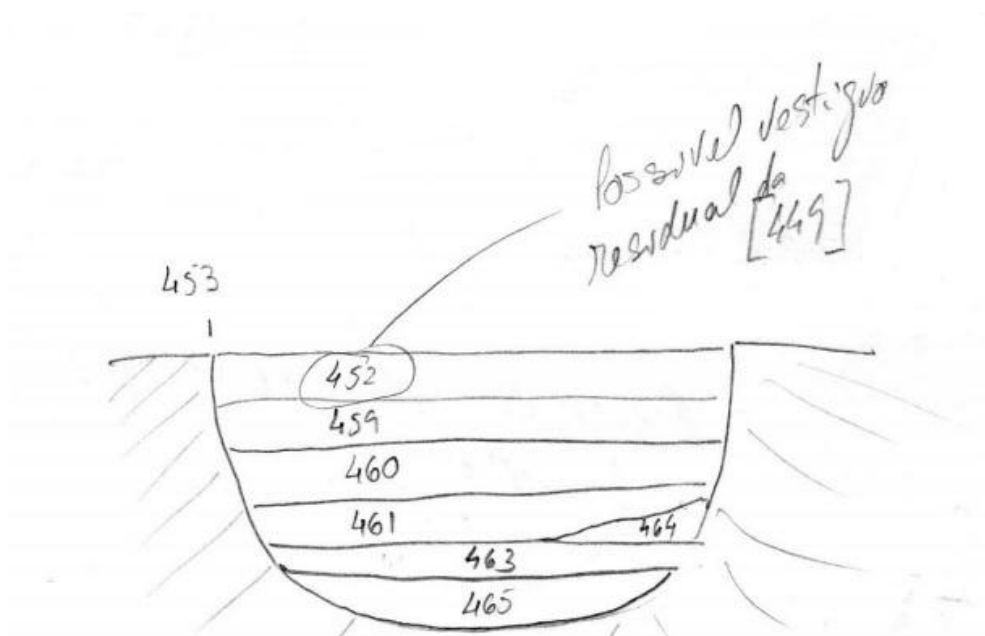


**Figura II.16** – Pormenor da U.E. [465], onde se identificou uma grande quantidade de fauna mamalógica (*Ovis aries/Capra*), bem como fauna malacológica (*Solen marginatus*) (Neoépica, Lda.).





**Figura II.17** – Plano final do silo [453] (Neoépica, Lda.).



**Figura II.18** – Croqui de campo representando, de forma sintética, a estratigrafia do silo [453] (Neoépica, Lda.)(Croqui: Rui Couto).



**Figura II.19** – Estrutura [457], muro romano de época Imperial cuja esquina é cortada aquando da abertura do silo [453] (Neoépica, Lda.).



**Figura II.20** – Pormenor do reboco no alçado oeste do muro [457], apresentando pintura mural de cor negra e, junto à base, de cor vermelha (Neoépica, Lda.).

### **3. Os materiais cerâmicos do silo [453]**

#### **3.1. Metodologia de análise**

Para a classificação das cerâmicas realizou-se primeiramente uma recolha bibliográfica dos trabalhos que publicaram materiais cerâmicos de cronologias análogas àqueles em estudo.

Os critérios de análise para o estudo das cerâmicas procuram incidir sobretudo na matéria-prima e sua tecnologia, análise formal e decoração das mesmas (TENTE, 2010, p.19).

Dada a abundância de material arqueológico recolhido na intervenção, e as restrições financeiras típicas deste género de trabalhos interventivos, optou-se por criar um inventário por sistema de lotes, por tipos de material. No caso da cerâmica, foram criados lotes para a cerâmica comum, cerâmica vidrada, cerâmica fina, cerâmica de armazenamento, faianças, porcelanas, entre outras. Estima-se que terão sido recolhidos, entre as onze áreas intervencionadas, mais de 9300 Kg (nos casos contabilizados ao peso, constituindo a grande maioria inventariada), acondicionados em cerca de 530 contentores.

A partir desse primeiro inventário mais genérico, criou-se um outro mais específico (Anexo I, p.93) e detalhado para a cerâmica do sector 4, onde a título de exemplo, num bordo da sondagem 1 (onde o silo [453] se encontrava), unidade [452] poderá ler-se HCS/14.ST.4.SD1.[452].38.1, sendo que “38” corresponde ao número de lote atribuído ao conjunto dos bordos da unidade e “1” ao novo número de inventário do mesmo. Deste modo, a cada um dos lotes a que se atribuiu um número de inventário, optou-se por acrescentar ao número de lote uma nova contagem iniciada em 1, e que corresponde individualmente a cada peça. Embora contabilizados todos os fragmentos cerâmicos recolhidos nas camadas associadas ao silo, apenas se procurou, para este inventário mais específico, individualizar os bordos, os fundos, asas e paredes que apresentam decoração ou que permitam efectivamente uma identificação clara da forma a que pertencem. Identificaram-se assim todas as peças susceptíveis de permitir classificação tipológica, pois foram estas as seleccionadas para o estudo mais detalhado. Relativamente aos bordos fez-se ainda uma análise qualitativa e quantitativa das formas. Nos casos em que houve colagens entre fragmentos, contabilizou-se apenas uma

unidade. Os valores apresentados do número de fragmentos e do número mínimo de indivíduos (NMI) procuraram seguir a proposta do Protocolo Beauvray (ARCELIN E TUFFREAU-LIBRE, 1998).

Importa destacar a terminologia utilizada para descrever algumas formas, sugeridas por Cláudio Torres, Susana Gómez e Manuela Barros Ferreira (TORRES ET AL., 2003) e ainda para uma análise formal e estilística onde se poderam aplicar estas realidades, procurou-se adaptar os princípios e métodos de análise definidos por C. Orton, P. Tyers e A. Vince (ORTON ET AL., 1993).

Noutros casos ainda, procurou aplicar-se a metodologia proposta pelo grupo CIGA (Projeto de sistematização para a Cerâmica Islâmica do Garb al-Andalus) para uma “definição rigorosa dos elementos designados por cada termo”, para que o cruzamento de informação entre os investigadores seja o mais correto possível (BUGALHÃO ET AL., 2010).

Relativamente à organização das formas por categorias funcionais seguiu-se o modelo apresentado por Helena Catarino para as formas do Alto Algarve Oriental (CATARINO, 1997/98). Assim, o conjunto foi dividido sobretudo por utensílios de cozinha, recipientes de mesa, de armazenamento e/ou transporte, utensílios de uso específico, incluindo estes últimos cerâmica de iluminação (candeias) e cerâmica de uso lúdico (marcas de jogo) e , por fim, recipientes de uso indeterminado, nos casos em que não foi possível determinar a forma dos recipientes.

Deste inventário constam os seguintes campos:

- Número de inventário (Nº Inv): corresponde ao código da jazida intervencionada, neste caso HCS/14 (Hotel Cais Santarém/2014), seguindo-se a área de proveniência, a unidade estratigráfica e o número atribuído aquando da marcação das peças;
- Proveniência (Área/Sector(ST)/Sondagem(SD)): corresponde à área de proveniência dos materiais;
- Unidade Estratigráfica (U.E.): indicação da realidade de proveniência do material;
- Designação (Categoria): identificação da forma tipológica do artefacto em estudo;

- Forma: identificação da forma da peça inventariada.
- Porção: Identificação da porção da peça a que corresponde o fragmento: bordo (onde se incluíram peças com perfil completo (PC)), fundo, asa (onde se incluíram as pegadas) ou parede.
- Tipo: nesta tabela o critério “Tipo” foi usado para enquadrar a subdivisão feita em cada forma.
- Diâmetro do bordo ( $\varnothing$ ), em milímetros (mm).
- Espessura: espessura média das paredes das peças inventariadas, em milímetros (mm).
- Técnica de fabrico das pastas: caracterização dos elementos não plásticos (ENP) existentes nas pastas, quanto à sua densidade, dimensão e tipo. Inclui-se também o tipo de cozedura realizada nas pastas (Redutora, Oxidante ou Mista).
- Acabamentos/Decorações: identificação ou descrição sumária do tipo de decoração ou tratamento de superfície dos artefactos cerâmicos.
- Cronologia: identificação da cronologia do lote com base nas suas características tipológicas, decorativas e estratigrafia em que foi exumada.
- Texto: Campo destinado a possíveis considerações sobre eventuais discrepâncias entre a cronologia da peça e o contexto da sua proveniência.
- Desenho: indicação sobre se a peça se encontra ou não desenhada.
- Fotografia: indicação se a peça se encontra ou não fotografada.
- Observações: usado para a prestação de informações adicionais que se considerem úteis para o entendimento do elemento em análise.

Relativamente ao desenho das peças, este foi feito em papel milimétrico à escala 1:1. Estes foram posteriormente tintados no programa Adobe Illustrator CS6, sendo dispostos em estampas criadas com o mesmo programa e individualizadas de acordo com as suas formas. Para as estampas, os desenhos e a escala gráfica que os acompanha foram reduzidos para 33,3%, ficando à escala 1:3.

### 3.2. O conjunto

O conjunto analisado é representado por um total de 1635 fragmentos, dos quais 70% são paredes (1152), 13% correspondem a bordos (210), 11% a fundos (188), 3% a perfis completos (PC) (43) e 3% a asas (42) (Tabela 1). Do número mínimo de indivíduos (NMI) foram contabilizados 253 indivíduos, considerando-se apenas os bordos e os perfis completos para o seu cálculo. Para o número máximo de indivíduos (NMxI) somaram-se o NMI ao número de fundos, obtendo-se um máximo de 441 indivíduos. Dos depósitos identificados no silo, o depósito [463] é o que apresenta mais material exumado, seguido dos depósitos [465] e [461], respectivamente.

U.E	PC	Bordos	Fundos	Paredes	Asas	Total	Nº Min I. (NMI)	Nº Max I.
[449]	0	12	1	50	0	63	12	13
[452]	1	13	5	71	2	92	14	19
[459]	8	25	7	118	6	164	33	40
[460]	1	4	4	26	4	39	5	9
[461]	18	32	19	152	12	233	50	69
[463]	11	75	83	577	15	761	86	169
[465]	4	49	69	158	3	283	53	122
Total	43	210	188	1152	42	1635	253	441

**Tabela 1** – Conjunto cerâmico, seus totais e Número Mínimo de Indivíduos (NMI).

### 3.3. As formas

O conjunto cerâmico exumado no silo [453] é constituído maioritariamente por cerâmica comum, conforme se pode observar no Gráfico III.1.

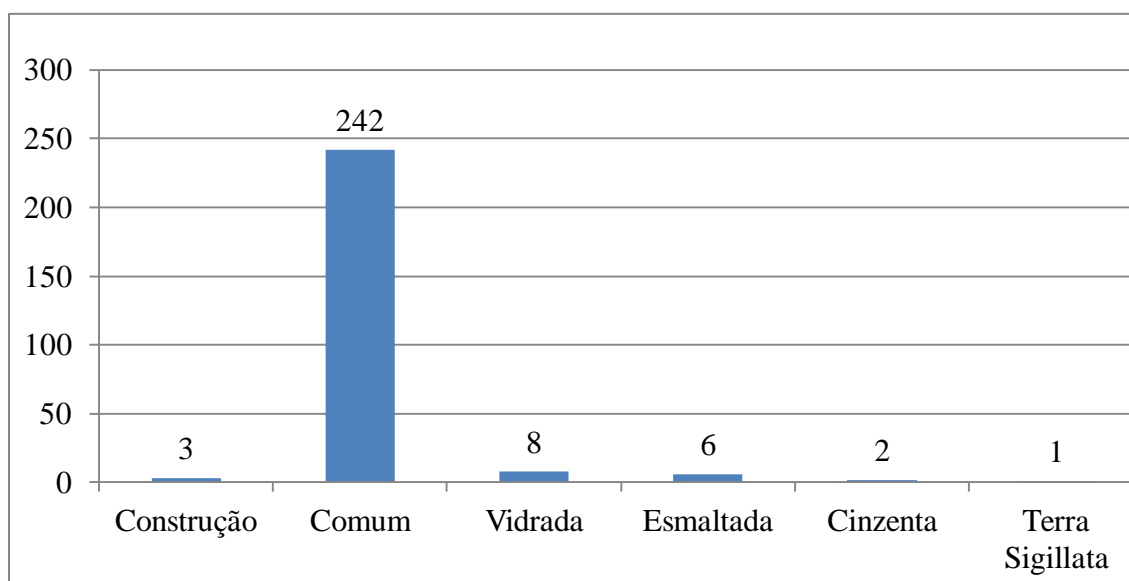
A pouca cerâmica esmaltada identificada encontrava-se em unidades mais recentes, que enchiam a parte superior do silo e, inclusive, integrava as U.E.'s que cobriam o silo.

Os dois únicos bordos de cerâmica de pasta cinzenta e brunida identificados, da Idade do Ferro, surgem como intrusão no enchimento do silo, sendo provenientes de contextos circundantes mais antigos, identificados durante a intervenção nos antigos armazéns Sommer. O mesmo sucede com um bordo de *terra sigillata*, de forma indeterminada, identificado na U.E. [463], e que, por ser proveniente de uma das

camadas do fundo do silo, nos permite concluir poder tratar-se de uma peça intrusiva dentro do conjunto medieval em estudo (Anexo II, Fig. 23, p.117).

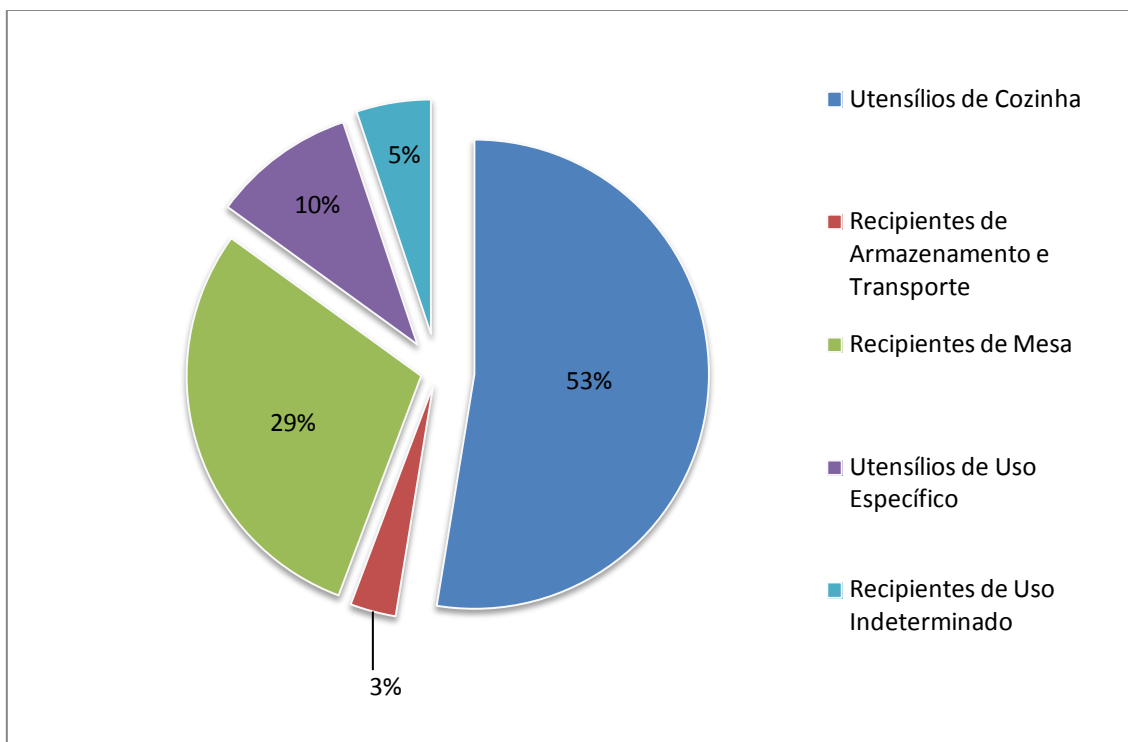
Tal como expresso na metodologia, o conjunto em estudo foi primeiramente dividido de acordo com a sua função primária: utensílios de cozinha, recipientes de mesa, recipientes de armazenamento e transporte, utensílios de uso específico e, para os casos em que não foi possível determinar a forma dos recipientes, recipientes de uso indeterminado. No caso dos utensílios de uso específico integram-se as cerâmicas de iluminação, representados pelas candeias, e a cerâmica de uso lúdico, caso das marcas de jogo.

Tal como se pode observar no gráfico III.2, o conjunto encontra-se dominado pelos utensílios de cozinha, constituindo metade do material individualizado, cerca de 53%.



**Gráfico III.1** – Categorias das cerâmicas identificadas no silo [453].



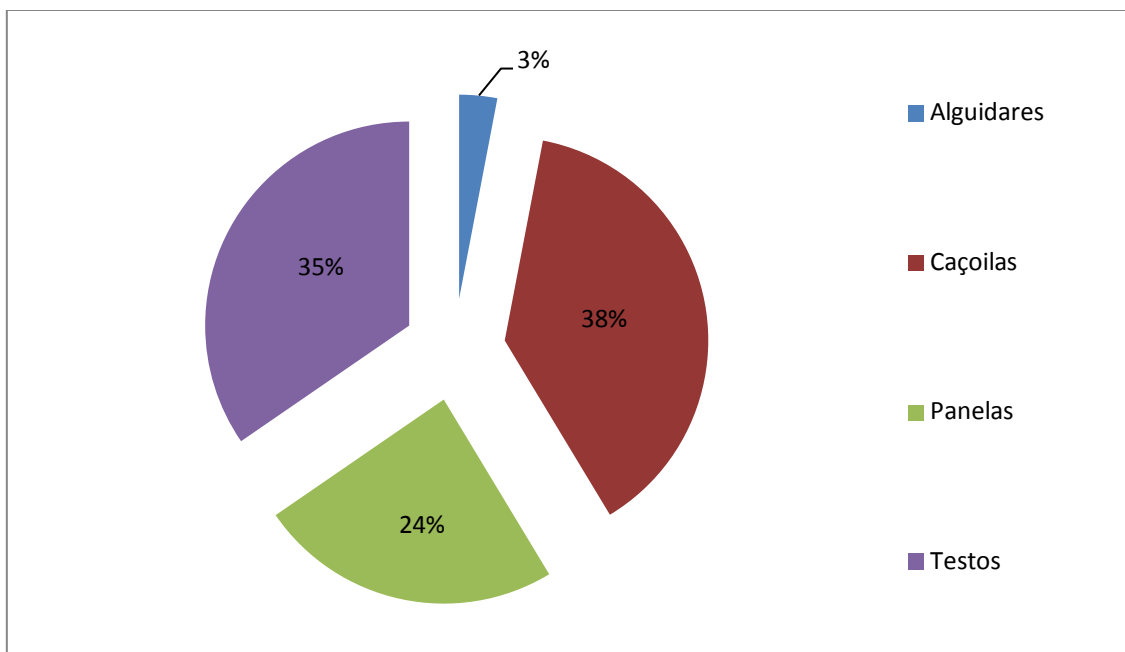


**Gráfico III. 2** - Distribuição da cerâmica do silo [453], por categorias funcionais.

### 3.3.1. Utensílios de Cozinha

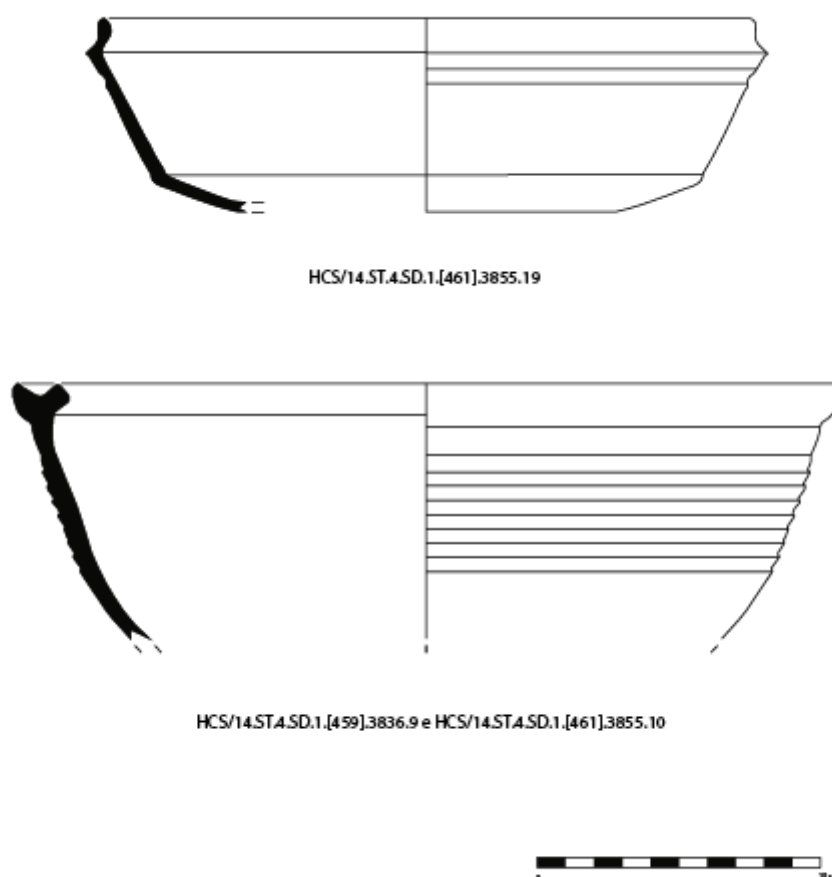
Tal como o nome da categoria designa, agregaram-se neste conjunto todas as peças que eram utilizadas na cozinha, incluindo as peças de levar ao lume e cozinhar como as caçoilas, as panelas, mas também os multifuncionais alguidares, que para além de servirem para lavagens serviam igualmente para misturar produtos, como para amassar farinhas (pão e bolos) ou preparar o recheio dos enchidos (Gráfico III.3). Incluiu-se ainda os testos ou tampas, por serem peças complementares à preparação de alimentos. A maioria apresenta vestígios de lume, demonstrando que serviam frequentemente o objectivo de alcançar mais rapidamente a temperatura desejada tapando vasilhas diversas, prevenindo o derramamento do seu conteúdo (LIBERATO, 2011, p.20). Esta foi uma das evidências que determinou a sua inclusão nos utensílios de cozinha, todavia, eles são também utilizados para cobrir outro tipo de recipientes, como sejam os de armazenagem quer de líquidos, quer de alimentos sólidos, caso das bilhas, jarros ou talhas.





**Gráfico III.3** – Percentagem de peças na categoria de utensílios de cozinha.

As **caçoilas** ou sertãs, como frequentemente também eram denominadas, apresentam formas abertas, paredes baixas, geralmente com grandes diâmetros e base plana ou convexa, variante que poderá corresponder a uma solução estrutural para evitar que estalassem devido aos grandes choques térmicos a que eram sujeitas (LIBERATO, 2011). As caçoilas, que serviam para cozinhar os alimentos bem como, muitas vezes, servi-los à mesa, são os recipientes de cozinha com maior representação no silo [453], com 51 peças, cerca de 38%. Destas, 13 apresentam perfil completo. Este grupo foi dividido em dois tipos, conforme as características formais que apresenta.



**Figura III.1** – Caçoilas Tipo I (3855.19) e Tipo II (3855.10).

O Tipo I corresponde a 90% das peças, e o Tipo II a apenas 10%. Ambas as tipologias apresentam paredes esvasadas e bordo bifurcado, sendo mais evidenciado e proeminente nas do Tipo II, podendo estas saliências ter como função proporcionar um melhor assentamento do testo (Figura III.1). Esta saliência e ligeiro ressaltado do bordo poderá também servir de pega pois nos paralelos encontrados não se identificaram quaisquer asas associadas a este tipo de caçoila (FERNANDES E CARVALHO, 1997; CARVALHO, 2005). Foram fundamentalmente estas diferenças de saliência e ressaltado do bordo, sendo as do Tipo II bem mais salientes que as do Tipo I, que determinaram a diferenciação dos dois tipos. Encontram-se paralelos para ambos os tipos em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997 e PINHEIRO, 2015), Palmela (FERNANDES, 2004), Santarém (LIBERATO, 2011) e Mértola (TORRES, 1987). Para as caçoilas do Tipo II

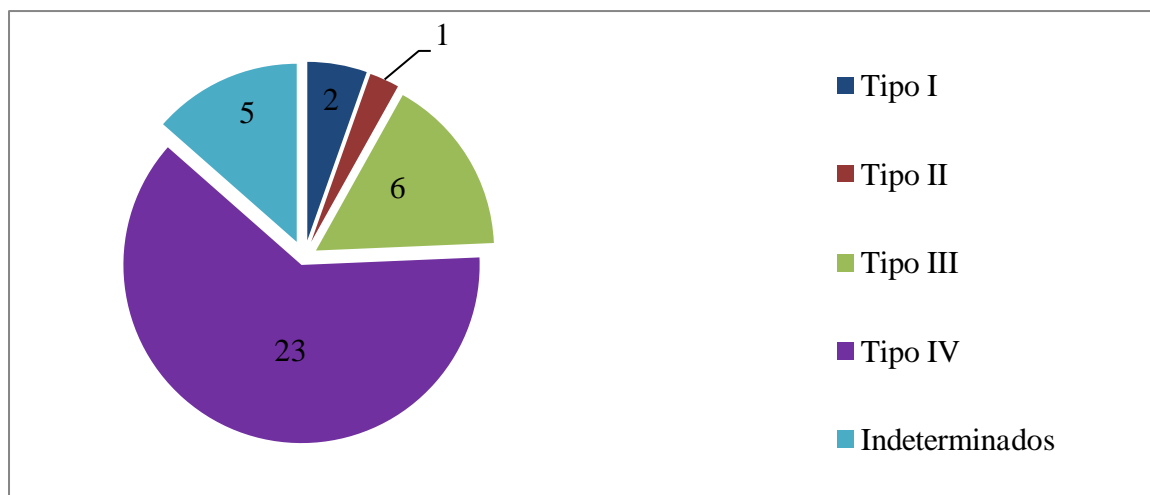
encontra-se ainda paralelo no Castelo de Sesimbra (VIEIRA, 2011). Os diâmetros das caçoilas do Tipo I variam entre os 160 mm e os 280 mm e as do Tipo II entre os 140 mm e os 370 mm, resultando numa grande variabilidade de tamanhos.

As **panelas** caracterizam-se pelas formas fechadas de corpo trococónico a globular, paredes altas e boca relativamente estreita (o suficiente para a entrada dos alimentos a cozinhar), apresentando quase sempre uma ou duas asas que permitiam a sua deslocação durante ou após a confecção dos alimentos, cozeduras com grande quantidade de água em ebulição (LIBERATO, 2011). Deste grupo foram contabilizadas 32 peças, que possibilitam uma contagem do NMI, sendo que dois destes recipientes individualizáveis, apresentam perfil completo. As panelas contabilizam assim cerca de 23% dos recipientes de cozinha identificados. Assim, e devido às diferentes características formais, as panelas foram divididas em quatro tipos (Gráfico III.4).

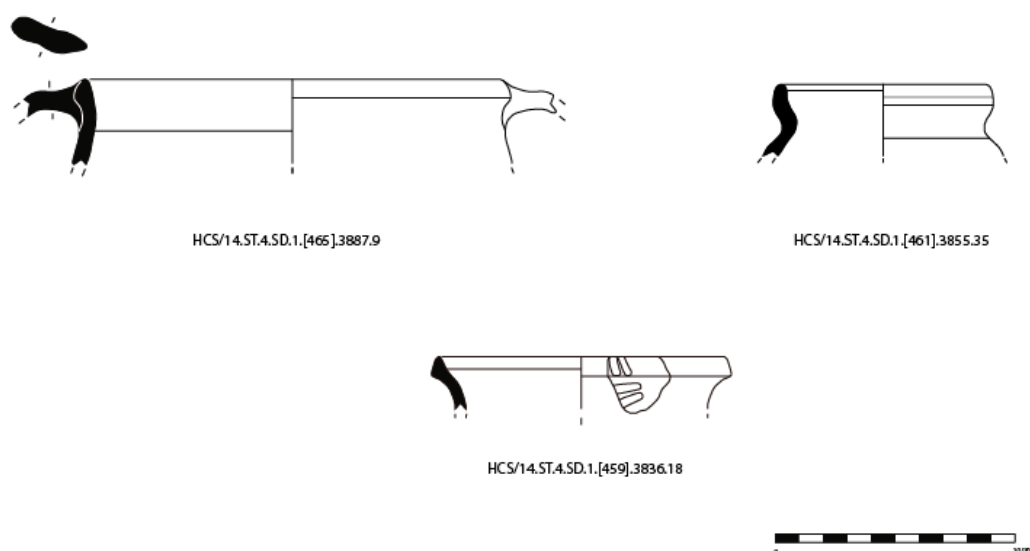
Em alguns dos casos, a distinção entre os tipos teve em conta apenas a forma do bordo, pois a dimensão destes é pequena e as respectivas panças inexistentes, o que impossibilita uma comparação mais aprofundada e completa entre as peças.

É este o caso da divisão entre as panelas do Tipo I e Tipo II (Figura III.2) . As do Tipo I representam apenas 5% do total de panelas, incluindo apenas dois exemplares. Os bordos destas peças caracterizam-se por serem ligeiramente introvertidos, lábio arredondado na peça 3855.35 e ligeiramente semicircular ou biselado na peça 3887.9. Ambas têm corpo globular de colo invertido, mais proeminente na peça 3855.35. A reduzida dimensão da peça 3855.35 não permitiu identificar a existência de asas. Na peça 3887.9 identificou-se, na única asa em fita existente e que arranca do bordo em direção ao bojo, uma decoração em bandas pintadas a branco sobre a superfície do mesmo (Figura III.2 e III.3). Encontram-se paralelos em Lisboa (GOMES ET AL., 2005) e Santarém (LIBERATO, 2011).

A panela Tipo II, que é apenas representada por um único bordo, caracteriza-se por apresentar bordo de perfil triangular e decoração em bandas pintadas a branco sobre a superfície do bordo (Figura III.2). Do ponto de vista formal encontram-se paralelos para este tipo de panela em Lisboa (GOMES ET AL., 2005) e Santarém (LIBERATO, 2011). Os diâmetros das bocas variam entre 80 mm e 160 mm.



**Gráfico III.4** – Tipos de panelas.



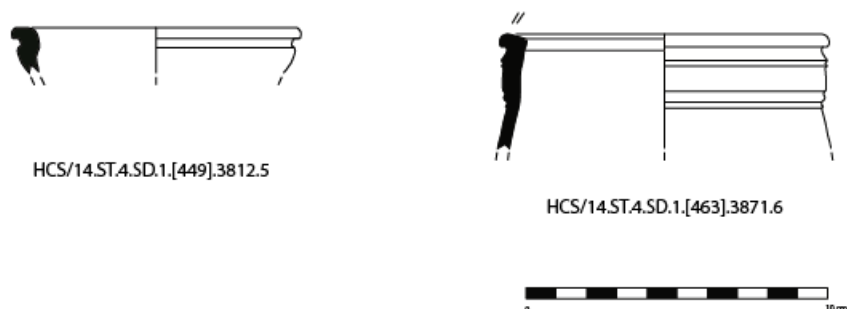
**Figura III.2** – Panelas Tipo I (3887.9 e 3855.35) e Panela Tipo II (3836.18).



**Figura III.3** - Decoração em bandas pintadas a branco sobre a superfície de asa de panela do Tipo I (3887.9).

As panelas do Tipo III, representando 16% das panelas (Gráfico III.4), apresentam bordo em aba, extrovertido e lábio ligeiramente inclinado para o interior, preparados para receber as tampas (FERNANDES, 2004, p.173). As paredes parecem quase rectas e ligeiramente troncocónicas e apresentam caneluras entre o colo e o bordo (Figura III.4). Os diâmetros das bocas variam entre os 80 mm e os 160 mm. Encontram-se paralelos para este tipo de panelas em Cascais, Palmela, Lisboa, Santarém e mais a norte, na Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, cujas cronologias podem ser atribuídas entre finais do séc. XIII e o séc. XIV (CARDOSO E RODRIGUES, 1991; FERNANDES, 2004; GASPAR E AMARO, 1997 e PINHEIRO, 2015; LIBERATO, 2011; SILVA, 2008). Na Torre do Castelo de Aguiar de Sousa, observa-se que este tipo de bordos tendem a verticalizarem-se, por oposição aos perfis em S que caracterizavam produções mais antigas (SILVA, 2008, p.126), o que parece também corresponder às peças do Tipo III. Segundo Marco Liberato, este elemento, associado a uma típica pasta micácea de tom cinzento que aponta indubitavelmente para uma cozedura redutora, assinala uma influência nortenha, permitindo, deste modo, perspectivar que ao longo do séc. XIV continuaram a chegar migrantes vindos do norte do país para a cidade

acompanhados de produções cerâmicas típicas dos seus locais de origem (LIBERATO, 2011, p.96-97). Em Cascais, este tipo de panela aparece também com pastas cinzentas (CARDOSO E RODRIGUES, 1991, p.575). De facto, no silo [453], constata-se que cozedura das panelas do Tipo III, das seis indentificadas, cinco apontam para cozeduras do tipo misto ou redutor, existindo apenas uma peça de cozedura oxidante.



**Figura III.4** – Panelas Tipo III (3812.5 e 3871.6).

As panelas do Tipo IV (Figura III.5) são as que encontram uma maior representação no silo, cerca de 62% do total de panelas. Caracterizam-se por ter perfil globular de colo invertido, bordos de secção rectangular em aba horizontal, com decoração de finas caneluras a meio da pança e apresentando duas asas, que têm arranque a meio da pança e acabam no colo. Os diâmetros variam entre os 90 mm e os 210 mm. Estas peças encontram paralelos em Cascais, Lisboa, Almada, Sesimbra e Santarém, admitindo-se a sua génese nos finais do séc. XIV a inícios do séc. XV, tendo, no entanto, esta variante se prolongado até inícios do séc. XVI (CARDOSO E RODRIGUES, 1991; GASPAR E AMARO, 1997; SABROSA E SANTOS, 1993; VIEIRA, 2011; LIBERATO, 2011).

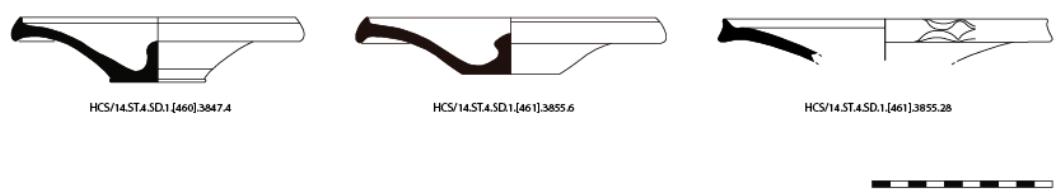


**Figura III.5** – Panela Tipo IV (3855.25).

Do grupo dos **testos**, que acompanhariam os recipientes para ir ao lume, caso das panelas e caçoilas, foram inventariados 46 bordos, sendo que sete são perfis completos e quatro possuem pitorra ou pedúnculo. Apresentam o característico perfil troncocónico ou tronco de cone invertido e paredes esvasadas, com bordo com inflexão interna, ou barbela, mais ou menos proeminente, dependendo, em alguns casos, do desgaste da peça. Em algumas das peças é visível um modelo decorativo de tipo pinçado<sup>1</sup> ao longo da superfície da aba, caso da peça 3855.28 (Figura III.6). Apenas 25 peças apresentam vestígios de lume o que poderá indiciar, como já foi referido, não

<sup>1</sup> Pinçado é um termo que provém dos tecidos mas que foi adaptado à terminologia da cerâmica arqueológica como técnica aplicada na decoração plástica de determinada peça. O pinçado consiste em repuxar, através de impressão digitada e em efeito de pinça, a superfície da peça, como por exemplo na superfície do bordo, caso dos bordos de alguns textos, mas pode também ser aplicada sobre cordões plásticos. Este efeito de pinça aplica-se também na execução dos bicos trilobados, como por exemplo, no caso das candeias.

serviriam apenas para acompanhar recipientes ao lume mas também servir de tampa noutro tipo de contexto, protegendo elementos como talhas ou jarros, prevenindo, deste modo, o derramamento do seu conteúdo (LIBERATO, 2011, p.20). Os diâmetros dos testos variam entre os 60 mm e os 170 mm.

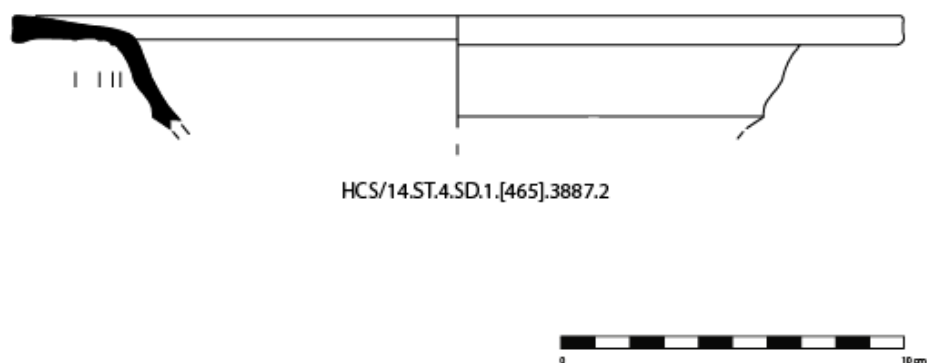


**Figura III.6** – Testos (3847.4, 3855.6 e 3855.28).

Para os **alguidares** foram individualizados quatro bordos que correspondem a quatro peças diferentes, representando cerca de 3% dos recipientes de cozinha. Este grupo suscitou algumas dúvidas quanto à sua classificação, principalmente nos bordos de pequena dimensão. O que para alguns autores parece poder tratar-se de um bordo de alguidar, para outros é considerado um bordo de talha (FERNANDES E CARVALHO, 1997; LIBERATO, 2011; VIEIRA, 2011). Assim, neste caso, considerou-se alguidares todos aqueles bordos que não apresentassem aba decorada com caneluras ou pinçados ao longo da sua superfície, típicos e com presença frequente nas talhas (GASPAR E AMARO, 1997). Os diâmetros das peças estudadas apresentam uma grande margem de variação, isto é, entre os 240 mm e os 490 mm. Como já foi referido, estas formas abertas de grandes dimensões e de paredes divergentes eram destinadas a muitas funções relacionadas com a alimentação e a preparação do alimentos, podendo ser utilizado na lavagem dos víveres ou na preparação do pão (LIBERATO, 2011, p.21). O perfil mantém-se sem grandes variações ao longo do período islâmico e não se observam alterações significativas no período cristão. As diferenças ocorrem sobretudo no lábio, sempre virado para o exterior, em aba recta, pendente ou descrevendo um semi-círculo (FERNANDES ET AL., 2012, p.126) (Figura III.7). Encontram-se paralelos em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997 e PINHEIRO, 2015), Cascais

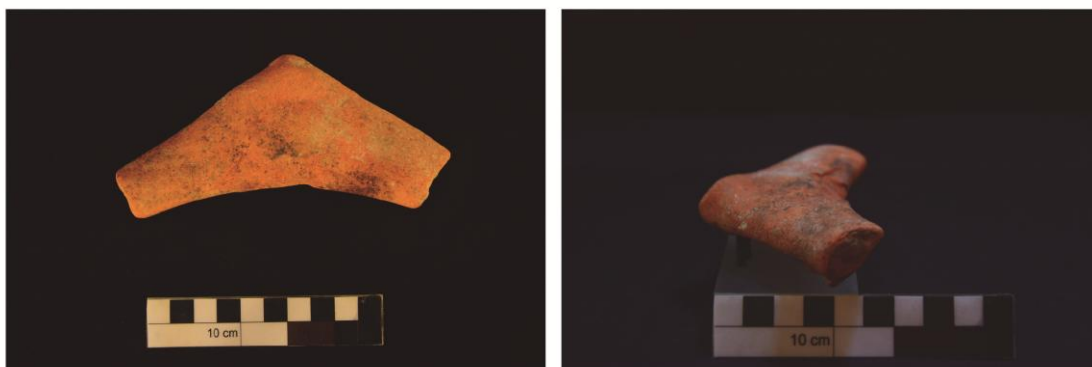


(CARDOSO E RODRIGUES, 1999); Palmela (FERNANDES E CARVALHO, 1997), Sesimbra (VIEIRA, 2011) e Santarém (LIBERATO, 2011).



**Figura III.7** – Alguidar (3887.2).

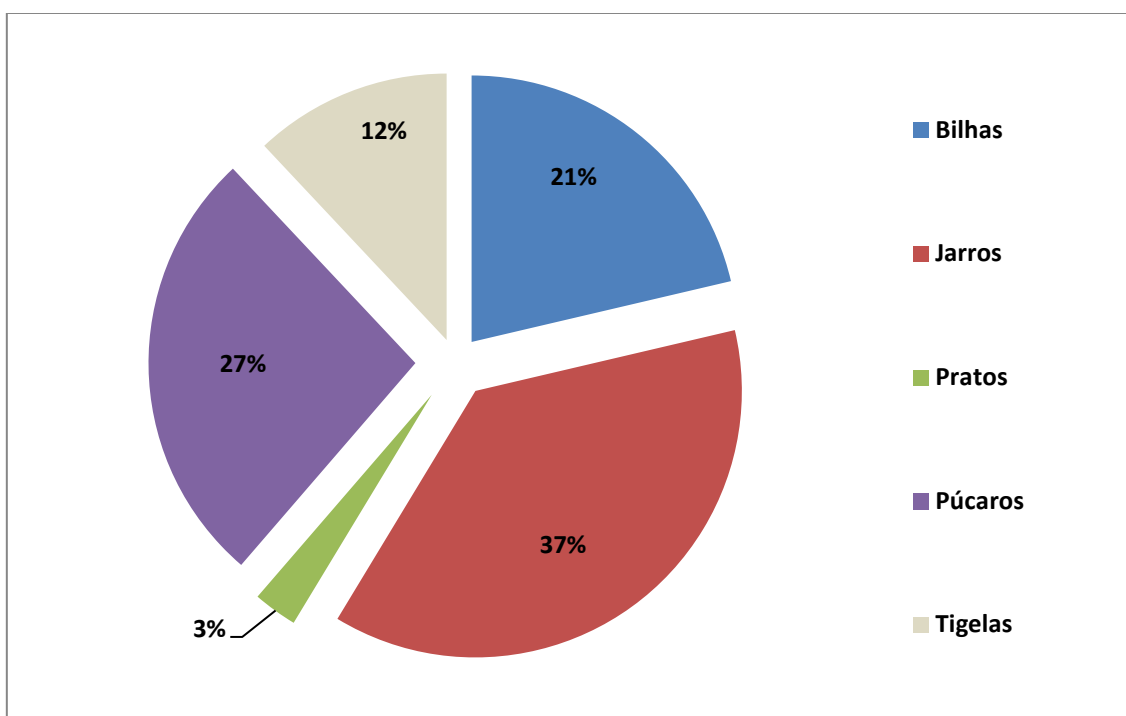
Foi identificado ainda um bordo de tacho/frigideira de pega de secção triangular (Figura III.8) numa camada do topo do silo, a U.E. [452]. Possui bordo introvertido, com lábio de perfil semi-circular. Os tachos, considerados uma evolução das caçarolas (caçoilas), copiam, no entanto, os atributos destas, substituindo as asas laterais geminadas por pega lateral fazendo corpo com o bordo (FERNANDES E CARVALHO, 1998, p.232 *apud* VIEIRA, 2011). Encontram-se vários paralelos para estes recipientes, nomeadamente em contextos surgidos de intervenções mais recentes de salvaguarda e com cronologias que apontam já para a época Moderna, no entanto, destacam-se aqui Cascais (CARDOSO E RODRIGUES, 1999); Sesimbra (VIEIRA, 2011); Palmela (FERNANDES E CARVALHO, 1998) e Montemor-o-Novo (RIBEIRO, 1984 *apud* VIEIRA, 2011).



**Figura III.8** – Pega de secção triangular de tacho/frigideira (3820.12).

### 3.3.2. Recipientes de Mesa

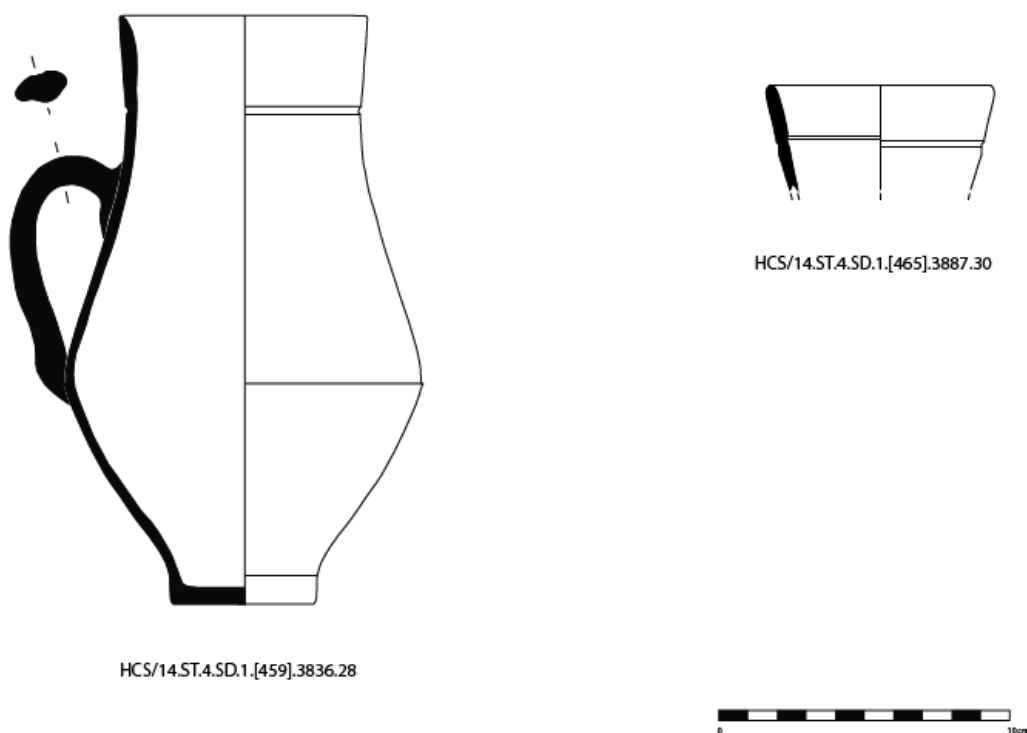
Foram incluídos nesta categoria todas as peças que iam à mesa, desde contentores de líquidos como os jarros, os púcaros e as bilhas, como também as que serviam para o consumo de alimentos mais sólidos ou caudalosos como as tigelas, os pratos e as taças (Gráfico III.5).



**Gráfico III.5** – Percentagem de peças na categoria de recipientes de mesa.

Os mais representados são os jarros e as bilhas com um total de 44 peças (28 jarros e 16 bilhas). A distinção entre estas duas formas teve por base a distinção apresentada por Henrique Mendes, João Pimenta e António Valongo (2002, p.259-276) e por Alexandra Gaspar e Clementino Amaro (1997, p.337-345).

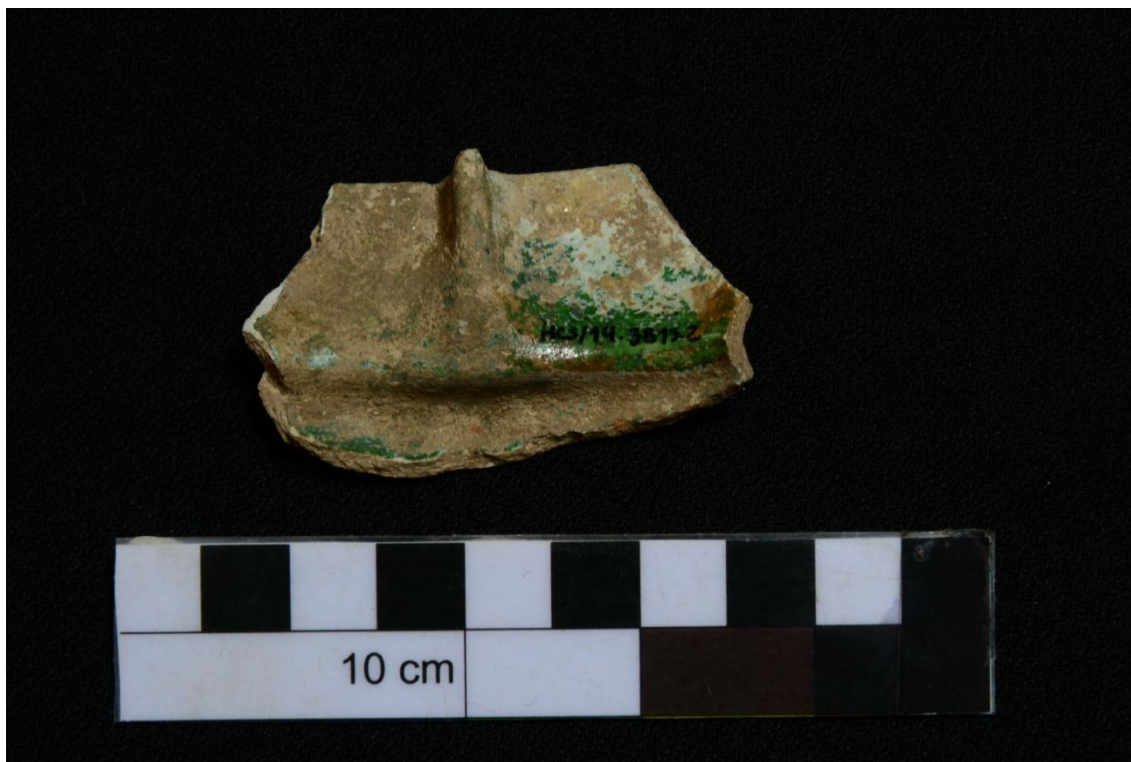
Sendo os recipientes de mesa mais bem representados, cerca de 37% do total, grande parte dos **jarros** possuem bordo simples com lábio biselado, bojo carenado e com uma única asa que arranca da base do colo e termina ao nível da carena, assentando a peça em fundo plano. Estas peças encontram paralelo em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997, p.341) (Figura III.9).



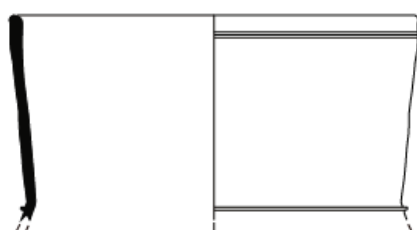
**Figura III.9** – Jarros (3836.28 e 3887.30).

Apresentam diâmetros entre os 50 mm e os 160 mm. Inclui-se ainda neste grupo, e proveniente de uma das camadas que cobria o silo, a [449], um bordo de um possível pichel, em cerâmica de pasta branca acinzentada e vidrada a verde, proveniente de alguma oficina de Saintonge, França (Figura III.10). O bordo parece apresentar um bico vertedor trilobado. Estas importações são frequentes em alguns dos contextos arqueológicos nacionais, sobretudo em ambiente urbano, tais como Lisboa (GASPAR E

AMARO, 1997: 339,est. 2; FERNANDES, MARQUES E TORRES, 2008: 166, figs.13-14), Porto (GOMES ET AL., 2004: 91-92) e Santarém (BOAVIDA, CASIMIRO E SILVA, 2013, p.937-945).



**Figura III.10** – Bordo de pichel, em cerâmica de pasta branca acinzentada e vidrada a verde, proveniente de Saintonge (3813.2).



HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.16



HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.75

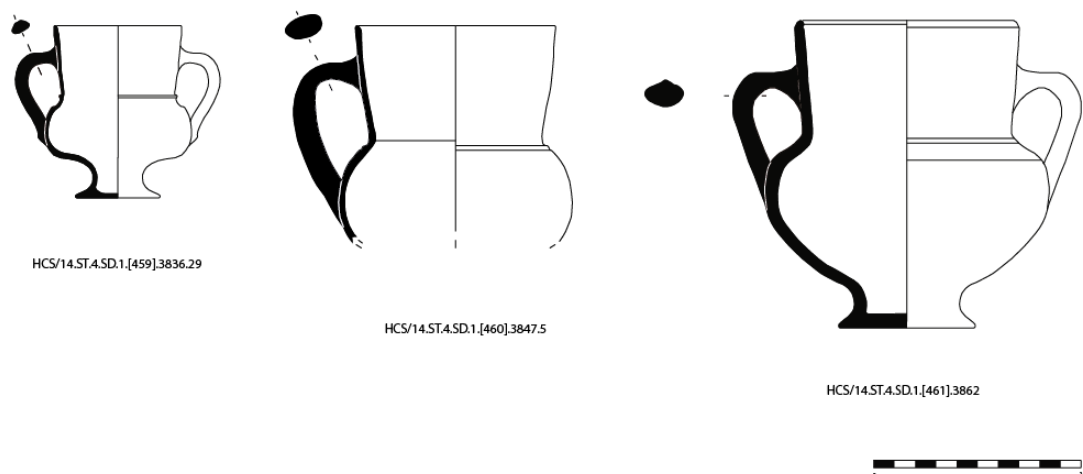


**Figura III.11** – Bilhas (3855.16 e 3871.75).

As **bilhas**, formas fechadas, de corpo globular, gargalo e boca estreitos, bordos verticais com lábios arredondados e biselados, para além de terem como função servir líquidos, eram também utilizadas para os guardar, podendo também serem consideradas por vezes como recipientes de armazenamento. É também muito característico o bordo moldurado e decorado com caneluras nestas formas (GASPAR E AMARO, 1997, p.341) (Figura III.11), estando presentes em algumas bilhas provenientes do silo [453].

Encontram-se paralelos em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997), Santarém (MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002; LIBERATO, 2011) e Palmela (FERNANDES, 2004). Os diâmetros das bilhas variam entre os 80 mm e os 230 mm.

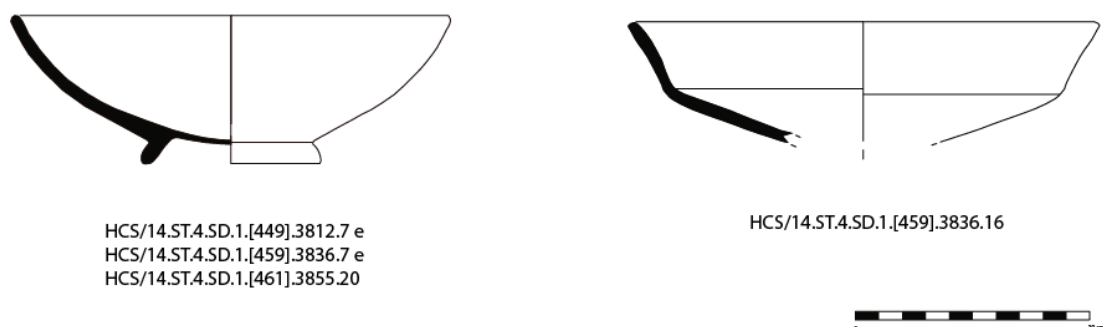
Um segundo grupo muito bem representado é o dos **púcaros**, com 20 peças, dois dos quais apresentando perfil completo. Os púcaros poderiam ter como função não apenas servir para a ingestão individual de líquidos, como também para ir ao lume, podendo assim servir também como recipiente de cozinha. Muito embora um dos púcaros identificados apresente vestígios de lume, optou-se, no entanto, por incluí-los no grupo dos recipientes de mesa por ser essa a sua função dominante. Existem duas peças inteiras que apresentam duas asas, uma delas um púcaro de pequena dimensão (Figura III.12), no entanto, e tendo em conta a dimensão diminuta de muitas das restantes peças, não é garantida apenas a existência de duas asas por púcaro, podendo ter existido púcaros de apenas uma asa. No aspecto formal, caracterizam-se por possuir corpo globular e bordo vertical ou ligeiramente introvertido com lábios biselados, bojo baixo por oposição a um colo alto e pé em bolacha. O diâmetro dos mesmos varia entre os 60 mm e os 100 mm. Encontraram-se para estes recipientes paralelos em Lisboa, Cascais, Santarém, Palmela e Sintra (GASPAR E AMARO, 1997, PINHEIRO, 2015; CARDOSO E RODRIGUES, 1991; MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002, BOAVIDA, CASIMIRO E SILVA, 2013, LIBERATO, 2011; FERNANDES E CARVALHO, 1995, p. 92; AMARO, 1992).



**Figura III.12** – Púcaros (3836.29, 3847.5 e 3862).

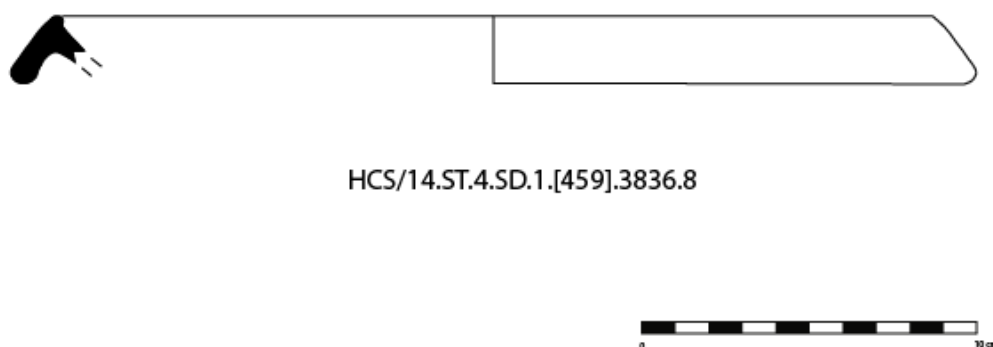
As tigelas e os pratos são os que se encontram com menor representação, somando entre eles apenas 15% dos recipientes de mesa. Contabilizaram-se nove tigelas e dois pratos.

As **tigelas** apresentam corpo semi-esférico, com ou sem carena média suave, de tamanho variável e bordos de lábios arredondados (Figura III.13). As que apresentam carena média suave têm paralelos com peças oriundas de intervenções efectuadas em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997), Santarém, embora aqui o autor tenha preferido usar a designação de escudela (LIBERATO, 2011) e em Cascais (CARDOSO E RODRIGUES, 1991), optando os autores pela designação de malga carenada. Uma das tigelas, a única de perfil completo e sem carena, apresenta corpo semi-esférico, bordo com lábio arredondado e fundo de pé anelar alto diagonal, cuja forma encontra paralelos no Castelo de Paderne, em Albufeira (CATARINO, 1994). As tigelas apresentam diâmetros que variam entre os 100mm e os 230mm.



**Figura III.13** – Tigelas (3812.7, 3836.7, 3855.20 e 3836.16).

Do grupo dos **pratos**, contabilizaram-se apenas dois exemplares, ambos em cerâmica comum, provenientes das U.E.'s [459] e [465]. O exemplar da camada [465], a camada que cobre o fundo do silo apresenta a superfície interior brunida. O outro exemplar identificado, identificado numa das unidades do topo do silo, a U.E. [459], parece trata-se de um prato de de bordo com aba pendente (Figura III.14), de cronologia que aponta para o século XV e que encontra paralelo em Santarém (BOAVIDA ET AL., 2013, p.944) .



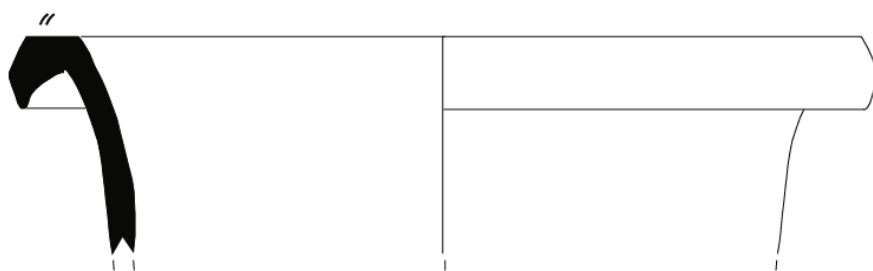
**Figura III.14** – Prato com bordo de aba pendente (3836.8).

### 3.3.3. Recipientes de Armazenamento e Transporte

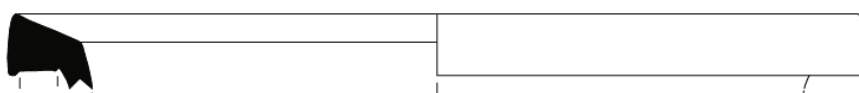
Foram aqui incluídas as talhas e os cântaros, recipientes de grande dimensão que serviriam para guardar, armazenar e transportar sólidos ou líquidos. Correspondem ambos a formas fechadas, e no caso dos cântaros, possuem gargalo e boca relativamente estreitos para que o líquido não se verta. Na totalidade das peças reconhecidas no silo, estas representam apenas 3% da totalidade das peças individualizáveis dentro do conjunto estudado (Gráfico III.2). Foram apenas identificados seis talhas e dois cântaros.

A identificação das **talhas**, conforme referido atrás em relação às bilhas, suscitou algumas dúvidas, optando-se, nos casos menos claros, por considerar talhas as formas que apresentassem a aba decorada com caneluras ou pinçados ao longo da sua superfície (Figura III.15). Os seus diâmetros variam entre os 260mm e os 560mm, sendo bem reveladora a dimensão destes recipientes. Foram identificados algumas paredes, embora não individualizadas, com motivos decorativos de cordões plásticos em redor da pança, mas que serviam também como reforço das paredes destes grandes recipientes (CATARINO, 1997/98, p. 852). Encontram-se paralelos em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997 e PINHEIRO, 2011), Santarém (LIBERATO, 2011) e Sesimbra (VIEIRA, 2011).

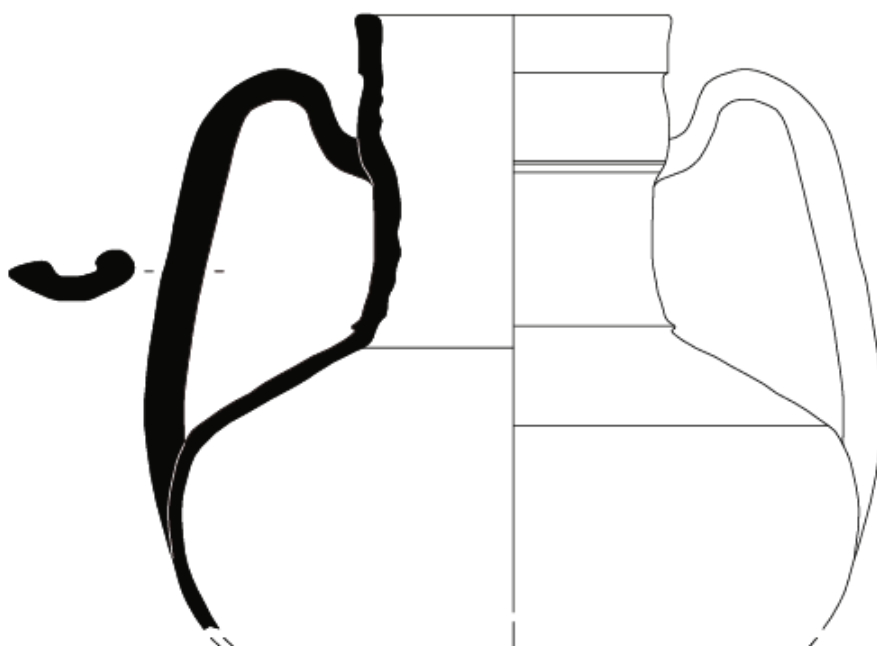




HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.21



HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.1



HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.22



**Figura III.15** – Talhas (3855.21 e 3887.1) e Cântaro (3855.22).

Um dos **cântaros**, a peça 3855.22 da U.E.[461], apresenta duas asas verticais que arrancam da parte superior do colo elevando-se quase à altura da boca, terminando na parte superior da pança (Figura III.15). Estas peças, encontram paralelo noutros contextos de silos, identificados por exemplo em Palmela (FERNANDES, 2004, p.173), Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997), Santarém (MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002) e Alcácer do Sal (PAIXÃO ET AL., 1994), onde foram datados dos sécs. XIII-XIV. O seu diâmetro situa-se nos 80 mm.

#### 3.3.4. Utensílios de uso específico

Nesta categoria foram incluídos a cerâmica de iluminação identificada no silo, caso das candeias, bem como a cerâmica de uso lúdico, as malhas de jogo. Contabilizaram-se ao todo 17 candeias (seis das quais apresentando perfil completo) e oito malhas de jogo.

As **candeias** foram divididas, quanto à sua forma, em 3 tipos distintos.

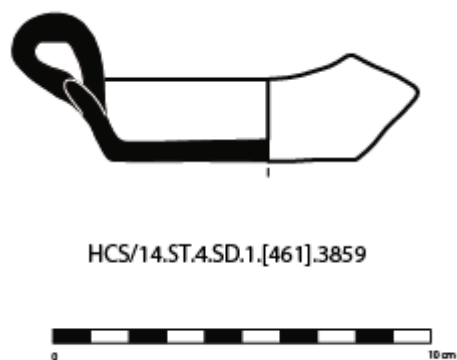
O Tipo I encontra-se representado por uma candeia de pé alto (Figura III.16). Esta apresenta um bico trilobado e um pé alto, que une a parte inferior do depósito de combustível a uma peanha ou pequeno prato, servindo esta de base para apoiar o corpo da peça (ROSSELLÓ BORDOY, 1978, p. 50 *apud* SERRANO, 2011, p.63) como também para recuperação do combustível líquido que pudesse verter do depósito (ALVAREZ GARCÍA, 2001, p. 380 *apud* SERRANO, 2011, p.78). A asa vertical arranca da peanha e termina na base inferior do depósito de combustível, tomando dimensões consideráveis (SERRANO, 2011, p.63). Surgida no séc. XII, sendo comum em sítios almóadas por todo o al-Ândalus, perdurou, no entanto, até época Medieval Cristã (HUARTE CAMBRA ET AL., 1999, p. 148 *apud* SERRANO, 2011, p.63). Encontram-se paralelos para estes recipientes em Mértola (TORRES, 1987, fig.31), Loulé (CATARINO, 1995, p.29), Cacela Velha (ALVARO SÁNCHEZ, 2000, p.453;464), Alcácer do Sal (PAIXÃO E CARVALHO, 2001, 199; 229), Beja (KEMMITZ, (1993/1994), p.453-455), Silves (RAMOS, 2006, p.68; GOMES E GOMES, 2001; GONÇALVES ET AL., 2007, p. 645) e Lisboa (GASPAR ET AL., 2009).

As restantes 16 peças identificadas correspondem a candeias do Tipo II. Apresentam câmara aberta, parede baixa troncocónica invertida, base plana ou com ligeira concavidade, bico trilobado e pequena asa vertical que, quando presente, arranca da parte interior do receptáculo, na extremidade oposta ao bico, terminando na superfície do bordo (Figuras III.17 e III.18). De todas, a peça .3859, fragmentada apenas em parte do depósito e bordo, é a que se apresenta mais completa, conforme se pode observar na figura III.18. Encontram-se paralelos para este tipo de candeias em Tomar (PONTE ET AL., 2001, p. 433 *apud* SERRANO, 2011, p.40); Santarém (MENDES ET AL., 2002, p. 259; 276 *apud* SERRANO, 2011, p. 41); Lisboa, provenientes da Casa do Governador, no Castelo de S. Jorge (GASPAR ET AL., 2009); Palmela, na Rua do Castelo (FERNANDES E CARVALHO, 1995); Almada, na Rua da Judiaria (LEAL, 2000, p. 204 *apud* SERRANO, 2011, p.40); Aljustrel (RAMOS ET AL., 1993, p. 13 *apud* SERRANO, 2011, p.181, fig. nº9 A); Silves (GONÇALVES ET AL., 2007, p. 645); Mértola (TORRES, 1987) e Loulé (GOMES, 2009).

Os diâmetros das candeias que se conseguiram apurar variam entre os 50 mm e os 90 mm.



**Figura III.16** – Candeia Tipo I (3889.1).



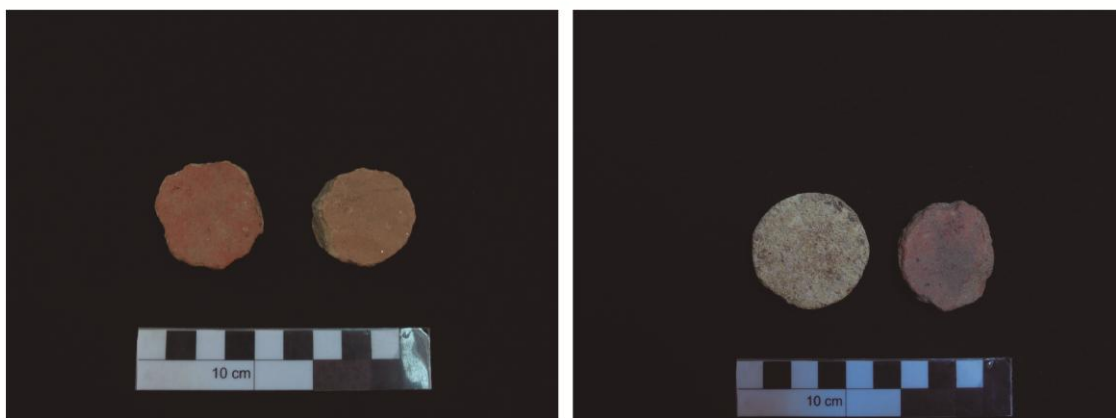
**Figura III.17** – Candeia Tipo II (3859).



**Figura III.18** – Candeia Tipo II (3859).

Das oito **malhas de jogo** identificadas, cinco são afeiçãoadas a partir de recipientes em cerâmica comum e três a partir de cerâmica de construção, sendo estas as que atingem maiores espessuras. Uma destas malhas de jogo de cerâmica de construção possui uma pasta de cor branca, calcária (Figura III.19), proveniente da U.E. [465]. Os

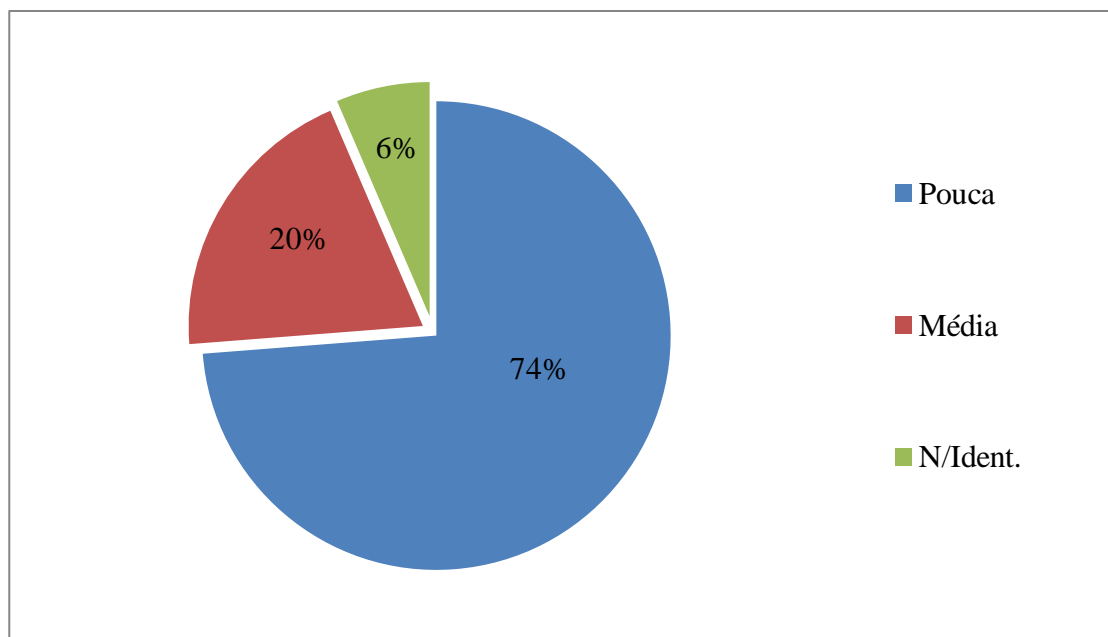
diâmetros destas formas circulares variam entre os 30mm e os 40mm e a espessura entre os 5 mm e os 14 mm.



**Figura III.19** – Malhas de Jogo (3871.92, 3871.93, 3887.50 e 3887.51).

#### 3.4. As técnicas de fabrico

Para as técnicas de fabrico, procurou-se analisar a composição mineralógica das argilas usadas nas pastas e suas inclusões, bem como as técnicas de manufactura e acabamento dos recipientes. A fracção não-plástica das pastas, designada em arqueologia por “elementos não plásticos” (ENP), inclui um desengordurante, introduzido propositadamente pelo oleiro, e elementos naturais que fazem parte das argilas e não foram removidos no processo de depuração e remoção das impurezas.

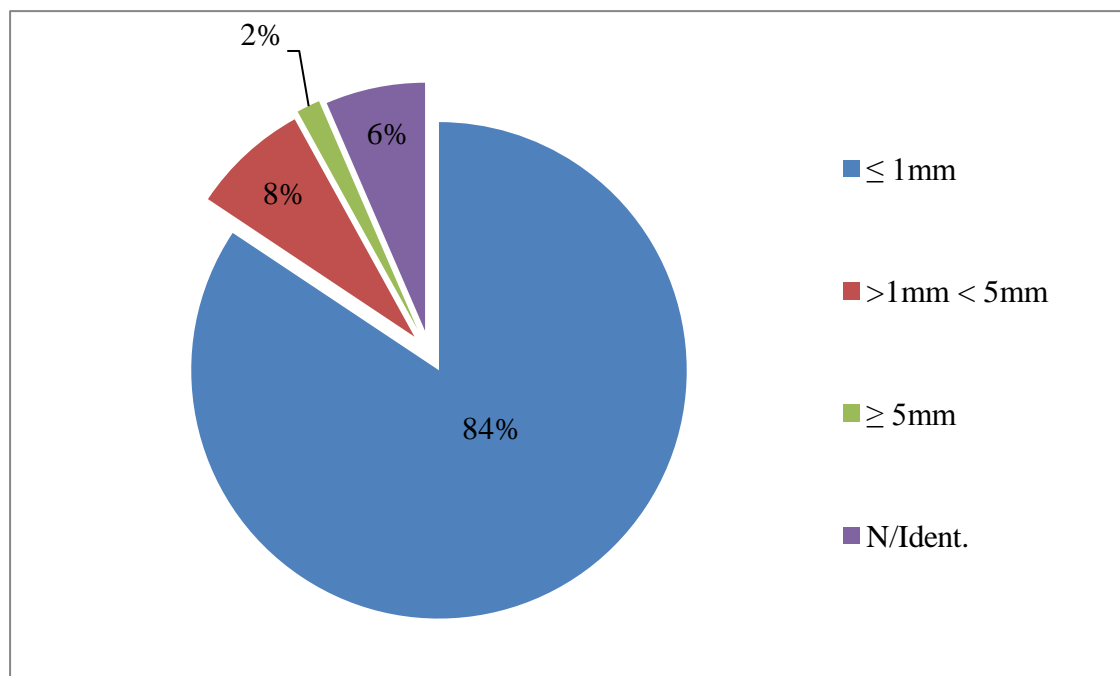


**Gráfico III.6** – Densidade dos elementos não plásticos (ENP).

Destes desengordurantes introduzidos pelo oleiro para reduzir a plasticidade, fazem parte alguns de origem mineral, caso das micas, quartzos, calcites ou feldspatos (CRUZ ET AL., 2007, p23-26). É importante referir que a análise de pastas das peças inventariadas do silo [453] foi feita macroscopicamente. Para a análise das pastas e dos elementos não plásticos (ENP) presentes em cada peça, criou-se uma pequena tabela, inserida no inventário individualizado, onde constam a densidade, o tamanho e dimensão dos ENP, bem como o tipo de ENP presentes (Gráfico III.6).

A densidade observou-se pela frequência das partículas existentes nas pastas: pouca, média e muita. Considerou-se alta densidade a presença de mais de 30% de partículas presentes nas pastas, em função do tamanho da peça, média densidade entre os 15% e os 30%, e pouca densidade uma concentração abaixo dos 15%. Das pastas observadas, constatou-se não existirem casos com muita densidade de ENP, o que significa existirem apenas casos com pouca e com média densidade. Assim sendo, conclui-se existirem 194 peças (74%) com pouca densidade de ENP, 52 peças (20%) com média densidade e ainda 17 peças (6%) para os casos onde não foi possível observar-se com clareza a presença desses elementos (pastas com presença de argamassas ou pigmentações) ou não se tratavam de pastas de cerâmica comum.

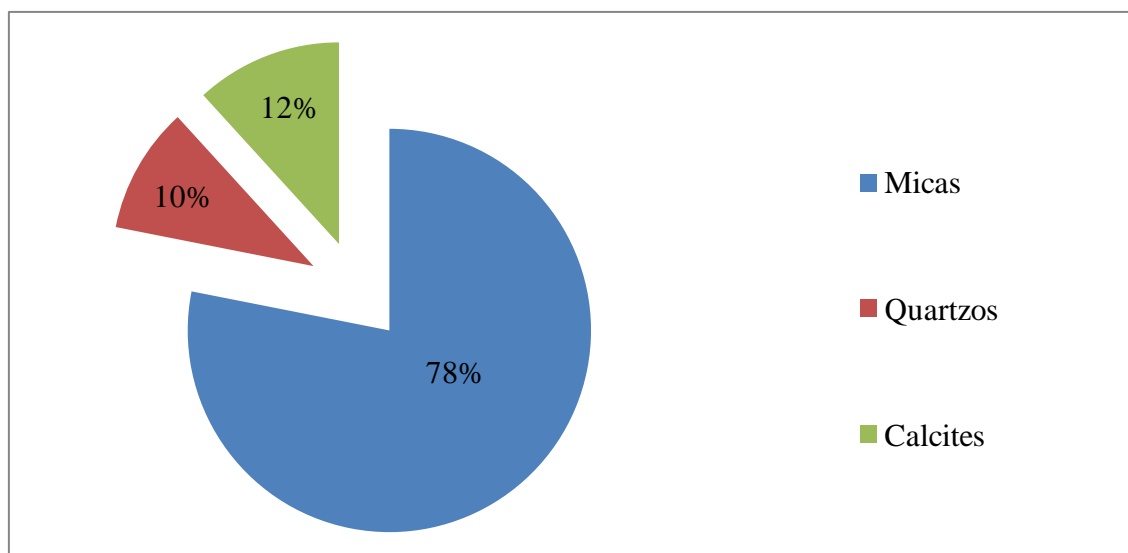
Para a dimensão dos elementos não plásticos identificados, estabeleceram-se valores inferiores, iguais ou superiores a 1 mm e inferiores, iguais ou superiores a 5 mm (Gráfico III.7).



**Gráfico III.7** – Dimensão dos elementos não plásticos (ENP).

Constatou-se ser a maioria dos desgordurantes presentes nas cerâmicas individualizadas de dimensão inferior ou igual a 1mm (84%), 20 peças apresentam desgordurantes de dimensão entre 1 mm e 5 mm (8%), e apenas 2% com dimensão igual ou superior a 5mm. Os 6% correspondem a casos onde não foi possível observar-se com clareza a presença desses elementos, como aconteceu com a análise da densidade. Do conjunto analisado, verificou-se a presença de micas em 78% dos recipientes, e uma presença mais reduzida de calcites (12%) e quartzos (10%) (Gráfico III.8).

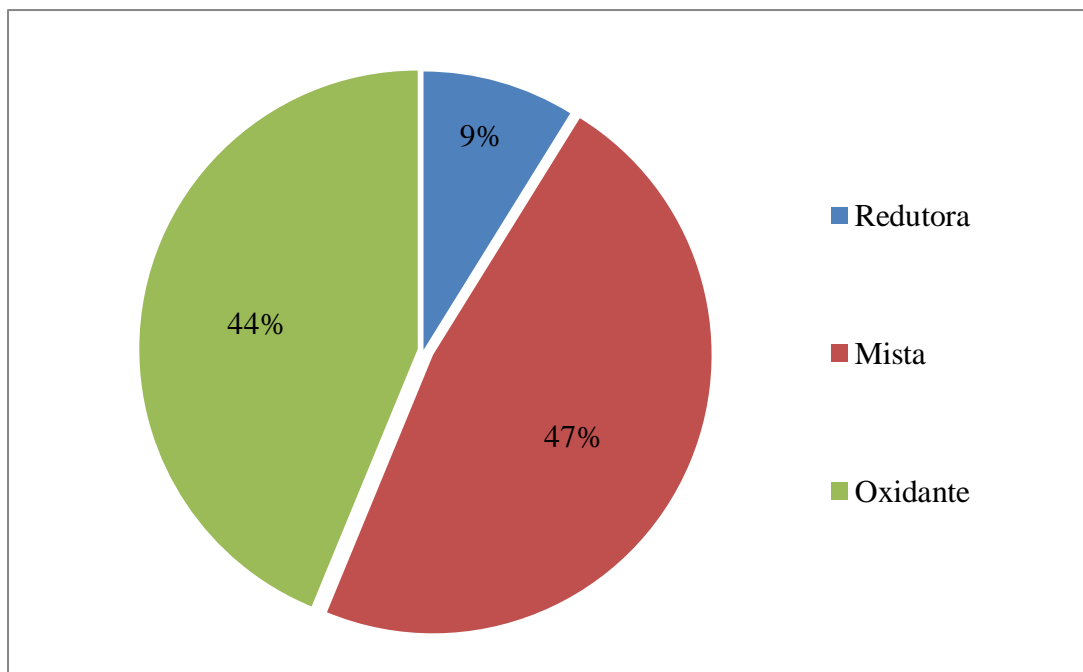




**Gráfico III.8** – Tipologia dos elementos não plásticos (ENP).

Os elementos com dimensão igual ou superior a 5 mm são sobretudo calcites. Podemos assim concluir, dada a fraca densidade de ENP, que estas pastas foram bem depuradas e sofreram um tratamento prévio antes do seu fabrico.

Para o caso da cozedura das pastas, consideraram-se três atmosferas diferentes, consoante a quantidade de oxigénio presente aquando da cozedura e arrefecimento das cerâmicas; redutora, mista e oxidante. Numa atmosfera redutora, sem oxigénio, consideraram-se as pastas de cor negra ou cinzenta homogénea e para uma atmosfera oxidante, consideraram-se as pastas de coloração mais clara ou avermelhadas. Aquelas que apresentaram evidências de cozeduras e arrefecimentos diferenciados, revelando tanto tonalidades negras como tonalidades mais claras e avermelhadas, atribui-se uma categoria mista. Assim, observou-se a presença de cozeduras redutoras em apenas 22 peças (9%), 109 (44%) provenientes de uma atmosfera oxidante e, por último e em maior número, as provenientes de ambiente misto, em 118 peças (47%) (Gráfico III.9).

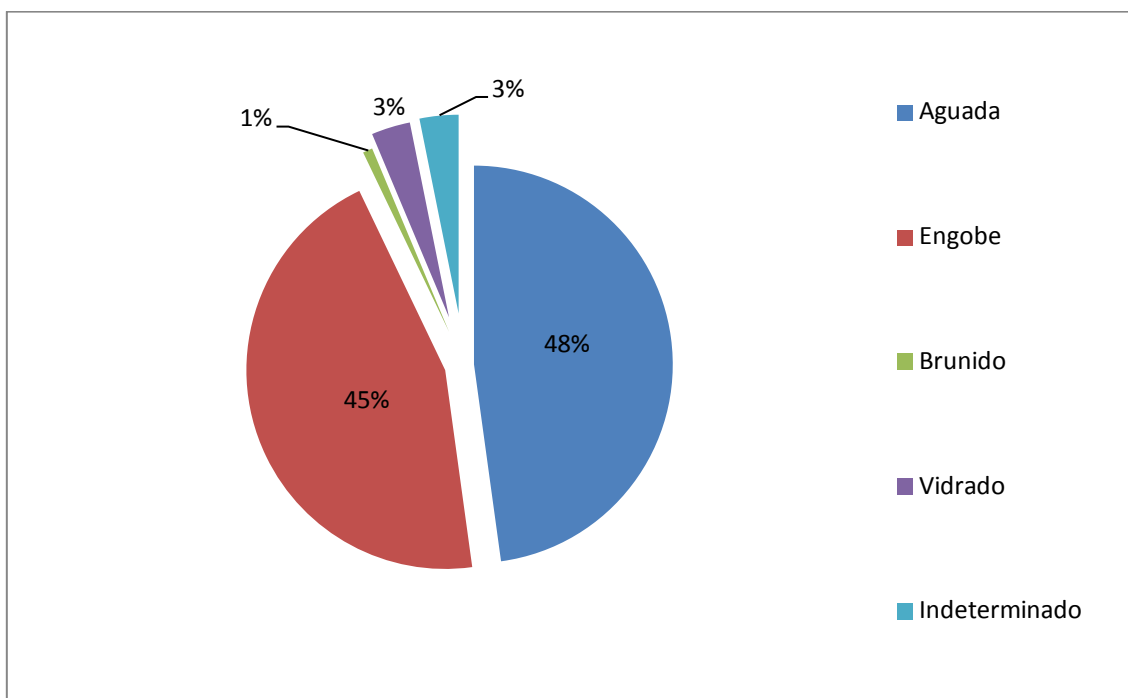


**Gráfico III.9** – Cozedura das pastas.

### 3.5. Acabamentos e decoração das superfícies

Relativamente ao tratamento e acabamento das superfícies, este caracteriza-se pela presença de aguadas e de engobe na quase totalidade do conjunto. Ambos são, salvo raras exceções, da cor das pastas, e foram aplicados em ambas as superfícies. Entende-se por aguada a aplicação de argila muito diluída na peça ou o simples acto, por parte do oleiro, de molhar as mãos durante o processo de fabrico, obtendo-se, deste modo, uma maior impermeabilização da mesma. O engobe é normalmente aplicado após a secagem do recipiente, mas antes da cozedura, sendo polido com maior ou menor intensidade, podendo a cor do engobe tornar-se semelhante à da pasta, dificultando assim a sua identificação. A análise microscópica será a melhor forma de confirmar a existência ou não de engobe (CRUZ ET AL., 2007, p.36). Deste modo, e porque a análise foi efectuada de forma macroscópica, designaram-se por aguadas todos aqueles casos em que essa identificação não foi possível ser feita e onde não se observou a aplicação do engobe.

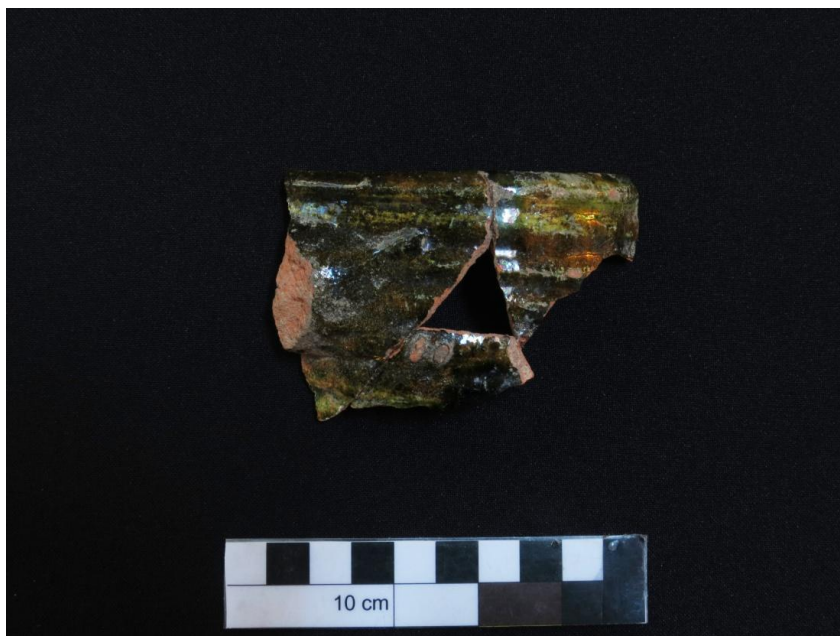
Do conjunto, 121 peças denotam a presença de aguada (48%) e 114 de engobe (45%) (Gráfico III.10).



**Gráfico III.10** – Acabamentos das superfícies.

Foram identificados oito peças vidradas, um deles o bordo de possível pichel já anteriormente referido (Figura III.10, p. 44), de pasta clara e vidrado incolor com decoração pintada a verde (apenas na superfície externa), produção típica de Saintonge, França, datável dos sécs. XIII/XIV. Do conjunto medieval, esta peça foi o único exemplar de cerâmica importada identificada no silo. Os restantes vidrados parecem inserir-se, na sua maioria, em produções locais, onde estão presentes os verdes, castanhos e melados sobre pastas de tonalidade vermelho-alaranjada, caso do bordo de jarro 3872.1 da [463] (Figura III.20) ou as peças, de forma indeterminada, 3837 e 3856.1 (Figura III.21). Estas, identificadas em U.E's diferentes, [459] e [461], respectivamente, e marcadas de forma individual, parecem, no entanto, fazer parte de um mesmo recipiente. A forma que apresentam, paredes baixas com alguns estrangulamentos, formando uma espécie de depósito, pareciam indicar tratar-se de uma candeia, no entanto, sem sinais do bico e/ou da asa ou mesmo dos seus arranques e não tendo sido encontrados paralelos que podessem comprovar tratar-se desse tipo de

recipiente, optou-se assim por classificar esta forma como indeterminada. De salientar a existência de vestígios de argamassa/pigmentação branca na superfície do “depósito” do recipiente e alguns defeitos no vidrado.

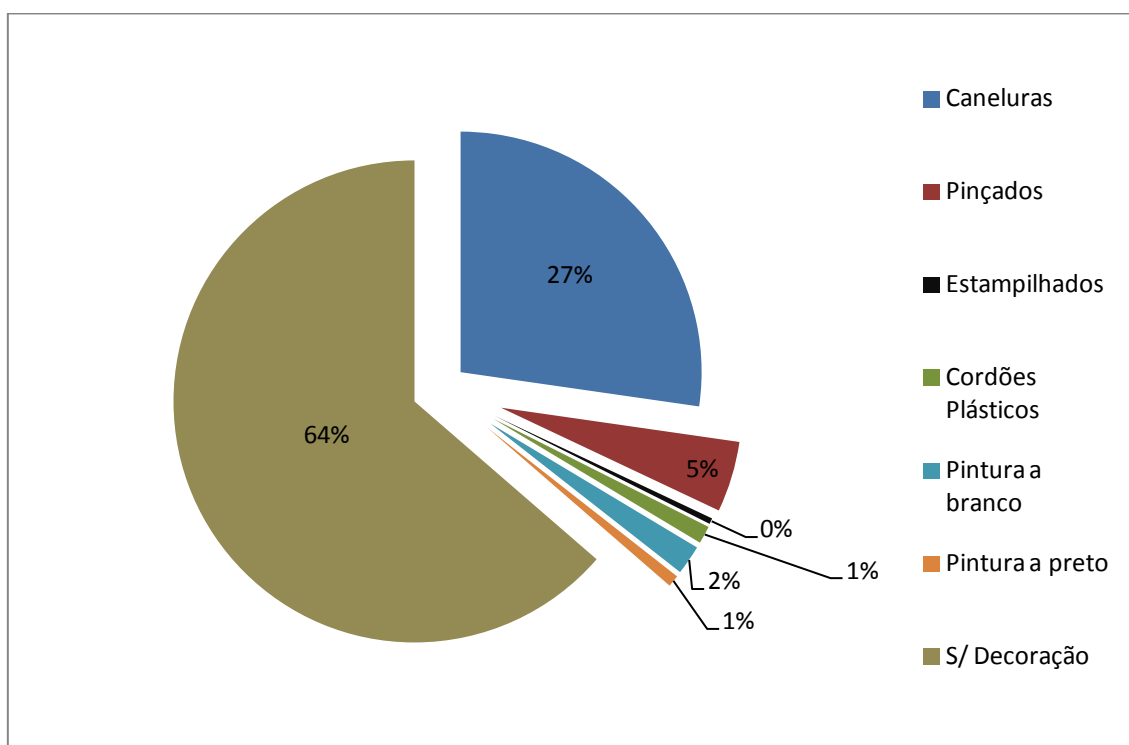


**Figura III.20** – Bordo de jarro em cerâmica vidrada (3872.1).



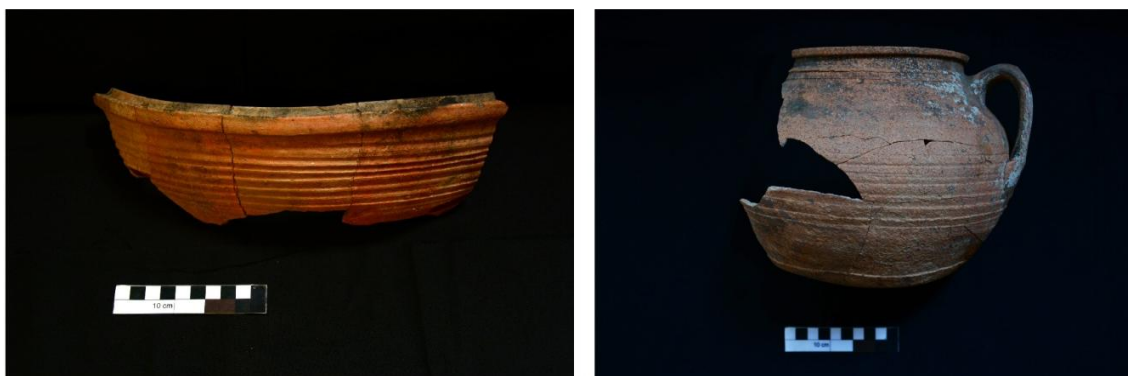
**Figura III.21** – Peças de forma indeterminada em cerâmica vidrada (3837 e 3856.1).

A percentagem de peças com decoração revelou-se muito baixa, demonstrando, de alguma forma, que as peças teriam basicamente um caráter funcional, de uso diário e doméstico. Conforme se pode verificar em baixo, no Gráfico III.11, das 92 peças (36%) com decoração identificadas, a decoração impressa é a que encontra uma maior representação; 69 peças apresentam caneluras (27%), 12 decoração impressa pinçada (5%), 7 com pintura (3%), três com aplicação de cordões plásticos (1%) e apenas uma parede em cerâmica vidrada a verde apresentando decoração estampilhada.



**Gráfico III.11** – Técnicas de decoração.

As caneluras estão presentes em 20 panelas, 14 bilhas, oito caçoilas, oito testos, seis jarros, seis púcaros, quatro talhas, um cântaro, uma tigela e ainda um indeterminado. A presença de caneluras encontra-se com mais evidência, por exemplo, nas paredes das caçoilas 3836.9 e 3855.10 (Figura III.1, p.34 e Figura III.22), nas paredes das panelas do tipo IV, 3855.24 e 3855.25 (Figura III.5, p.39 e Figura III.22) e ainda na decoração do bordo da bilha 3871.75 (Figura III.11, p.44).



**Figura III.22** - Presença de caneluras nas paredes da caçoila 3855.10 e da panela 3855.24.

A decoração pinçada encontra-se em dez testos, numa talha e num cântaro. Esta designação, conforme anteriormente referido, provém dos tecidos e consiste em repuxar, através de impressão digitada, a superfície da peça. A título de exemplo, realce-se a presença deste tipo de decoração ao longo da superfície da aba do testo 3855.28 (Figura III.6, p.40) e na superfície do bordo da talha 3871.31 (Figura III.23).



**Figura III.23** – Decoração pinçada em superfície de bordo de talha (3871.31).



Apenas foram identificados três paredes de forma indeterminada que apresentam cordões plásticos, um dos quais em cerâmica vidrada e onde os cordões parecem servir de moldura a uma figura central, na pança do recipiente (Figura III.24). Nos outros dois, e apresentando bastante desgaste, os cordões plásticos, para além de uma preocupação decorativa, parecem assumir também um papel de reforço das paredes do recipiente, dispendo-se horizontalmente e em redor do mesmo (Figura III.25).



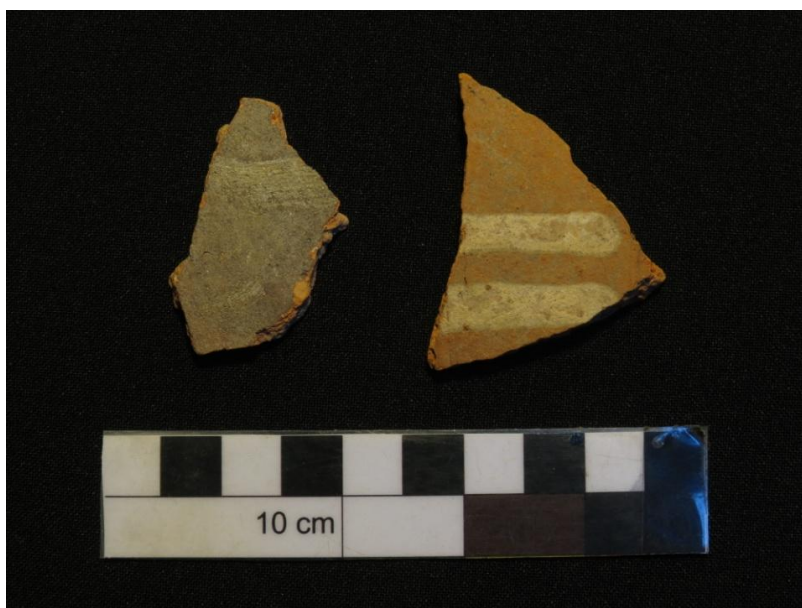
**Figura III.24** – Parede em cerâmica vidrada onde os cordões parecem servir de moldura a uma figura central.



**Figura III.25** – Paredes de forma indeterminada apresentando cordões plásticos (3871.88 e 3871.89).



Foram identificadas cinco peças que apresentam pinturas a branco dispostas em bandas e que cobrem a superfície de peças, tanto escuras como alaranjadas. Estas bandas são motivos bastante simples, normalmente aparecendo dispostas em paralelo, quer na horizontal quer na vertical da peça, como ocorre nos casos das paredes 3887.52 e 3887.54 (Figura III.26), de numa asa, não individualizada, da camada [463] (Figura III.27), no bordo de panela 3836.18, onde se encontram representadas tanto bandas horizontais como verticais sobre fundo escuro (Figura III.2, p.36 e Figura III.28) e ainda no bordo de panela 3887.9 do Tipo I (Figura III.3, p.37). Segundo Marco Liberato esta técnica decorativa constitui um elemento definidor do processo de islamização da produção cerâmica local, encontrando-se estabelecida nos sécs. XI-XII, sendo uma tradição ornamental cujos motivos e organização espacial nos suportes cerâmicos se mantiveram em uso, embora com mutações assinaláveis, até meados do séc. XIV (LIBERATO, 2011, p.4). Na centúria seguinte, e ainda segundo o autor, verifica-se um ressurgimento do pigmento enquanto elemento decorativo, mas obedecendo a lógicas técnicas e ornamentais totalmente diversas dos períodos antecedentes (LIBERATO, 2011, p.4). A partir do final desse século e com o avançar do séc. XV, este elemento decorativo vai tender a desaparecer (FERNANDES E CARVALHO, 1995, p.89). A pintura a branco, no entanto, foi uma das características decorativas mais marcantes de quatro séculos de cerâmica comum de produção islâmica (VIEIRA, 2011, p.682).



**Figura III.26** – Paredes de forma indeterminada apresentando pintura a branco, dispostas em banda (3887.52 e 3887.54).



**Figura III.27** – Asa apresentando pintura a branco disposta em banda.



**Figura III.28** – Bordo de panela do Tipo II, apresentando pinturas a branco dispostas em banda (3836.18).

Identificaram-se ainda duas paredes com decoração a preto, parecendo figurar numa delas, a 3857.2, a representação de uma pata (Figura III.29).

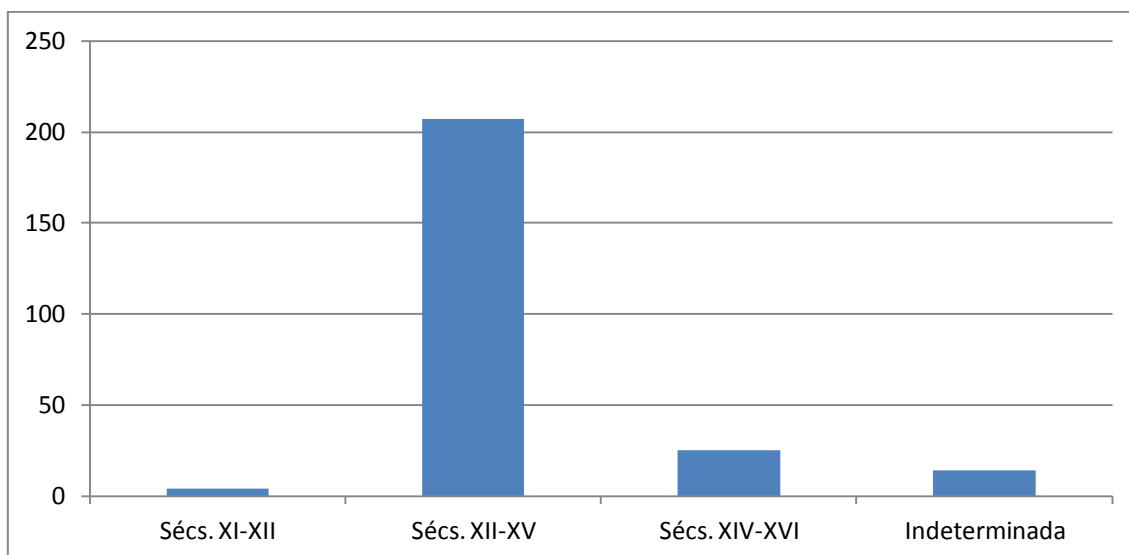


**Figura III.29** – Pintura a preto onde parece figurar uma pata (3857.2).

## 4. Discussão

### 4.1. Interpretação do contexto arqueológico

#### 4.1.1. Cronologias do conjunto



**Gráfico IV.1** – Cronologias das cerâmicas do silo [453] (NMI).

A partir dos dados obtidos do conjunto cerâmico tendo por referência o NMI e cruzando com os diversos paralelos datados de outros contextos, criou-se uma pequena tabela que sistematiza a distribuição do número de peças pelas diversas cronologias. Conforme se pode observar no gráfico IV.1, grande parte das cerâmicas do silo situam-se entre os sécs. XII-XV.

As **caçoilas** do Tipo I, de bordo menos proeminente que as do Tipo II, encontram paralelos em Lisboa, Palmela, Santarém e Mértola. Estes contextos estão datados entre finais do séc. XIII e o séc. XIV (GASPAR E AMARO; PINHEIRO, 2015; FERNANDES, 2004; LIBERATO, 2011; TORRES, 1987). As caçoilas do Tipo II têm paralelos nas peças identificadas igualmente em Lisboa, Palmela, Santarém e Mértola, mas também no Castelo de Sesimbra e, enquadram-se entre meados do séc. XIV e o séc. XV (GASPAR E AMARO; PINHEIRO, 2015; FERNANDES, 2004; LIBERATO, 2011; TORRES, 1987; VIEIRA, 2011).

As **panelas** de Tipo I, de corpo globular de colo invertido, apresentando bordos ligeiramente introvertidos, lábio arredondado e ligeiramente semicircular ou biselado e

com decoração em bandas pintadas a branco. Peças semelhantes a estas foram estudadas em diversos contextos, como Santarém e Lisboa. No caso de Lisboa, elas foram identificadas no Castelo de S. Jorge, na Praça Nova, no Beco do Forno e Fundação Ricardo Espírito Santo, tendo-se proposto cronologias balizadas entre finais do séc. XI e os finais do séc. XII (GOMES ET AL., 2005). Já a panela do Tipo II, que apresenta um bordo de perfil e decoração em bandas pintadas parece enquadrar-se no séc. XII (GOMES ET AL., 2005 e LIBERATO, 2011), datações sugeridas para os contextos de Lisboa e Santarém. As panelas do Tipo III, com bordo em aba, extrovertido e lábio ligeiramente inclinado para o interior e que apresenta paredes que parecem quase rectas e/ou ligeiramente troncocónicas, enquadram-se em finais do séc. XIII e no séc. XIV, se tivermos como paralelos as peças identificadas em Cascais, Palmela, Lisboa, Santarém e Sesimbra (CARDOSO E RODRIGUES, 1991; FERNANDES, 2004; GASPAR E AMARO, 1997 e PINHEIRO, 2015; LIBERATO, 2011; SILVA, 2008). As panelas de perfil globular de colo invertido e bordos de secção horizontal em aba horizontal do Tipo IV, as que encontram uma maior representação no silo, têm paralelos diretos nas panelas exumadas em Cascais, Lisboa, Almada, Sesimbra e Santarém, admitindo-se a sua génese nos finais do séc. XIV a inícios do séc. XV, tendo esta variante se prolongado até inícios do séc. XVI (CARDOSO E RODRIGUES, 1991; GASPAR E AMARO, 1997; SABROSA E SANTOS, 1993, p.116; VIEIRA, 2011; LIBERATO, 2011).

Os **testos**, de perfil troncocónico, com barbela, enquadram-se entre meados do séc. XIII e o séc. XV (CARDOSO E RODRIGUES, 1991; FERNANDES, 2004; GASPAR E AMARO, 1997; LIBERATO, 2011; MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002). Em finais do séc. XV começa a escassear a variante com barbela, que já não se aplica no séc. XVI (VIEIRA, 2011, p.679), sendo a variante de lábio arredondado, uma variante que circularia a par com a de barbela (porém não identificada no conjunto cerâmico do silo [453]), a solução dominante no trânsito para a Idade Moderna (LIBERATO, 2011, p.97). As peças em que se verificou a presença de decoração do tipo pinçado, ao longo da superfície da aba, caso da peça 3855.28 (Figura III.6, p.40), encontram paralelo no centro histórico de Santarém (MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002, p.272), parecendo situar-se entre meados do séc. XIII e o séc. XV.

Os **jarros**, representando 35% dos recipientes de mesa, de bordo simples com lábio biselado, bojo carenado e com uma única asa que arranca da base do colo e

termina ao nível da carena encontram paralelos nos contextos dos sécs. XIII-XIV, identificados em Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997, p.341; PINHEIRO, 2015). O bordo de pichel 3813.2, em cerâmica de pasta branca acinzentada e vidrada a verde, proveniente de Saintonge, aponta para uma datação de finais séc. XIII ou já séc. XIV, encontrando paralelos em contextos de Lisboa (GASPAR E AMARO, 1997; GOMES ET AL., 2004, p. 91-92), Santarém (BOAVIDA, CASIMIRO E SILVA, 2013, p. 937-945) e Palmela (FERNANDES, MARQUES E TORRES, 2008).

Os **púcaros**, de corpo globular e bordo vertical ou ligeiramente introvertido com lábios biselados, bojo baixo por oposição a um colo alto e pé em bolacha têm paralelos em Lisboa, Cascais, Palmela, Santarém, Almada e Sintra, onde foram datados entre o séc. XIII e os inícios do séc. XV (GASPAR E AMARO, 1997; PINHEIRO, 2015; CARDOSO E RODRIGUES, 1991; FERNANDES, 2004; MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002; BOAVIDA, CASIMIRO E SILVA, 2013; LIBERATO, 2011; SABROSA E ESPÍRITO SANTO, 1992; AMARO, 1992).

As **tigelas** de corpo semi-esférico, com ou sem carena média suave, de tamanho variável e bordos de lábios arredondados, podem enquadrar-se entre finais do séc. XIII e o séc. XIV, tal como as peças semelhantes que foram identificadas em Lisboa, Santarém e Cascais (GASPAR E AMARO, 1997; LIBERATO, 2011; CARDOSO E RODRIGUES, 1991). Relativamente à única tigela de perfil completo e sem carena identificada no silo [453], apresentando corpo semi-esférico, bordo com lábio arredondado e fundo de pé anelar alto diagonal, uma peça muito semelhante foi identificada no Castelo de Paderne, em Albufeira, e o seu contexto de proveniência aponta para uma cronologia entre finais do séc. XIII e o séc. XIV (CATARINO, 1994).

O **prato** de aba pendente (3836.8) com superfície interna brunida tem paralelos em Santarém e foi atribuída uma cronologia entre finais do séc. XIV e o séc. XV (BOAVIDA ET AL., 2013, p.944).

O **cântaro** 3855.22, que apresenta as duas asas verticais, e que encontra paralelos em Palmela, Lisboa, Santarém e Alcácer do Sal, enquadra-se entre os sécs. XIII/XIV (FERNANDES, 2004, p.173; GASPAR E AMARO, 1997; MENDES, PIMENTA E VALONGO, 2002; PAIXÃO ET AL., 1994).

Para a **candeia** do Tipo I, de pé alto, estabeleceu-se uma cronologia entre os sécs. XII-XIII com base em peças identificadas em Mértola, Loulé, Cacela Velha,

Alcácer do Sal, Beja, Silves e Lisboa (TORRES, 1987, fig.31; CATARINO, 1995-1997, p.29; ALVARO SÁNCHEZ, 2000, p.453;464; PAIXÃO E CARVALHO, 2001, 199; 229; KEMMITZ, (1993/1994), p.453-455; RAMOS, 2006, p.68; GOMES E GOMES, 2001; GONÇALVES ET AL., 2007, p. 645; GASPAR ET AL., 2009). As restantes candeias, do Tipo II, apresentando paredes baixas troncocónicas, bases planas ou com ligeira concavidade e bicos trilobados, enquadram-se nos sécs. XII-XV (PONTE ET AL., 2001, p. 433 *apud* SERRANO, 2011, p.40; MENDES ET AL., 2002, p. 259; 276 *apud* SERRANO, 2011, p. 41; GASPAR ET AL., 2009; FERNANDES E CARVALHO, 1995; LEAL, 2000, p. 204 *apud* SERRANO, 2011, p.40; RAMOS ET AL., 1993, p. 13 *apud* SERRANO, 2011, p.181, fig. nº9 A; GONÇALVES ET AL., 2007, p. 645; TORRES, 1987; GOMES, 2009).

A U.E. [463] foi aquela que forneceu o maior número de cerâmicas, que se inserem maioritariamente entre os sécs. XII e XV.

As escassas cerâmicas de cronologias mais antigas identificadas no silo, particularmente as da Idade do Ferro e de época Clássica (Anexo II, p.117), parecem tratar-se de intrusões dentro do conjunto medieval, até porque surgem de forma dispersa em diferentes unidades estratigráficas do silo. Estes materiais surgem dos diversos contextos circundantes ao silo, e que foram identificados durante a intervenção nos antigos armazéns Sommer, como explicado no capítulo 2.1. A abertura do silo também cortou contextos anteriores, como foi o caso do muro de época Romana Imperial [457], conforme abordado no capítulo 2.2, o que, obviamente, comportou mobilizações pós-deposicionais e as intrusões das escassas peças mais antigas em contextos mais recentes.

As cerâmicas esmaltadas datadas entre os sécs. XV e XVIII (Anexo II, p.118) provêm da unidade estratigráfica que cobria o silo, a [449], portanto logicamente mais tardia do que o preenchimento do silo e fora do contexto medieval em estudo.



#### 4.1.2. Análise do contexto arqueológico

Como referido anteriormente, predominam no silo [453] os recipientes de cozinha, representando 51% do total da cerâmica estudada, seguidos dos recipientes de mesa, com 31%. Esta aparente desigualdade de louça de mesa em relação à de cozinha pode dever-se ao facto de algumas peças de uso individual poderem ser em madeira, o que impossibilitou na maioria dos casos a sua identificação em contexto arqueológico.

A fraca densidade de ENP revela que estas pastas foram bem depuradas e sofreram um tratamento prévio, antes do seu fabrico. As cozeduras são maioritariamente oxidantes, sendo sujeitas, no entanto, a arrefecimentos tanto redutores como oxidantes, observados pela alternância entre pastas de cor laranja e outras de cor escura. O tratamento das superfícies foi maioritariamente realizado com recurso a engobe ou aguada, sendo que esta última foi algumas vezes atribuída, conforme anteriormente referido, quando não foi possível detectar a aplicação do engobe. É escassa a presença de cerâmica brunida. A cerâmica vidrada marca também uma baixa presença no silo, apenas 31 fragmentos, conseguindo-se apenas individualizar oito peças. Entre elas encontra-se alguma cerâmica importada, caso do pichel 3813.2 (Figura III.10, p.44) e algumas cerâmicas em que não foi possível detectar as suas formas. Das 253 peças, apenas 97 apresentam decoração, denotando um carácter puramente funcional, em detrimento da estética dos recipientes.

O silo poderá ter sido aberto ainda em época Medieval Islâmica, funcionando como armazenamento de bens alimentares, nomeadamente cereais, leguminosas ou frutos secos, altura em que terá afectado o muro romano imperial, a estrutura [457]. As suas paredes eram revestidas por um reboco constituído por uma argila de cor cinzenta-escura, muito adesiva e por uma argamassa de cal com areia grossa e algum cascalho pequeno, denotando grande cuidado e preocupação no seu revestimento e impermeabilização, sendo este um indicador da sua função primária de armazenagem alimentar. Posteriormente desactivado, por razões higiénicas, de funcionalidade na conservação do que se armazenava, estruturais, administrativas ou de localização, passa a ser reutilizado como local de despejo de desperdícios urbanos, passando a funcionar como lixeira. O material identificado estava claramente em deposição secundária, resultando muito provavelmente de um despejo único de algum contexto que funcionaria nas imediações, proveniente ou de um pequeno conjunto de vizinhos ou

mesmo de algum estabelecimento comercial público, eventualmente uma taberna ou bodega, dada a grande quantidade de louça de mesa (jarros, púcaros, bilhas), mas também de louça de cozinha (panelas e testos) identificados. Esta última hipótese interpretativa pode ainda ser suportada pelo facto de existir também dentro do silo uma quantidade apreciável de restos faunísticos mamalógicos de ovelha/cabra (*Ovis aries/Capra*) e malacológica de lingueirão (*Solen marginatus*), estes últimos, identificados nas duas camadas mais fundas do silo, a [463] e a [465] (Figuras II.15 e II.16, p.24).

Também a colagem de peças provenientes de diferentes camadas que enchem o silo suporta a ideia de que se trata de um único despejo. A título de exemplo, verifica-se na tabela de inventário em anexo (Anexo I, p.93) que o bordo de tigela 3836.27 da [459] cola com o bordo 3820.1 da UE [449] e com a peça 3855.20 da [461]. No mesmo inventário observa-se que toda a cerâmica esmaltada surge na camada [449], que cobria a área onde o silo se encontrava, aparecendo uma intrusão na camada superficial do silo, a [452], um bordo indeterminado (3821), possivelmente resultante de uma escorrência da [449].

A existência de peças cerâmicas inteiras e em muito bom estado de conservação no silo (Figura II.14, p.23), poderá demonstrar ainda serem resultantes de um despejo proveniente diretamente da sua origem primária, possivelmente por terem deixado de cumprir a função a que se destinavam.

Foram exumados cerca de quinze numismas inteiros do silo e mais uns quantos fragmentos de numisma. Deu-se uma maior incidência na U.E. [463], contabilizando-se cerca de oito elementos. A sua presença, tendo em conta que normalmente as moedas não se abandonam mas se perdem ou se apanham inadvertidamente, poderá resultar do processo de limpeza do espaço abandonado, a partir do momento em que este se preparava para assumir outras funções. Por se encontrarem bastante congeccionados e terem de ser primeiramente estabilizados para permitir uma leitura fiável, não foi possível contar com a informação proveniente da análise dos numismas para este trabalho. No futuro, o seu estudo será importante para complementar e acertar de forma mais precisa as cronologias propostas, bem como o contexto de proveniência dos mesmos.

Deste modo, e com base nos dados apresentados no presente trabalho, podemos admitir que o despejo no silo [453] terá sido efectuado entre a segunda metade do séc.

XIV e os inícios do séc. XV. A camada [449] envolve materiais já datados dos sécs. XV/XVI. Este é o momento em que velhos hábitos e consumos ainda marcados pela antiga Lisboa islamizada estão já a ser completamente substituídos e novos comportamentos e gostos começam a surgir. A partir dos sécs. XV/XVI, a economia, sociedade, política e cultura da comunidade urbana lisboeta encontra-se em mudança e *à garupa da expansão ultramarina, os últimos sinais do Mediterrâneo são finalmente suplantados pelo apelo do Atlântico* (VIEIRA, 2011, p.684-685).

#### 4.1.3. Contributos para o estudo da Lisboa medieval, dos séculos XIII/XIV

Lisboa torna-se num eixo fundamental, sobretudo a partir do ano de 1249, com a conquista do Algarve, dentro de um espaço nacional cristão, agora unificado. O interesse por Lisboa como cidade marítima e comercial, a vontade de atrair para a coroa somas cada vez maiores, intensificou a vida económica do reino, sobretudo nas áreas litorais, e Lisboa reunia todas as condições para se tornar um grande entreposto marítimo, o que levou D. Afonso III a transferir a capital do reino de Coimbra para esta cidade.

A evolução urbana pressupõe o crescimento das comunicações, com abertura a rotas atlânticas que continuaram a cruzar-se com as mediterrânicas, desenvolvendo a circulação económica e da moeda. Apesar da massa rural constituir até aqui a quase totalidade da população do país, o reino era um misto de várias influências que partiam da história da sua formação. Aqui se cruzavam culturas e religiões diferentes – cristã, muçulmana, judaica e todas as interações que dela resultaram. A própria prosperidade comercial mercantil das cidades refletia essa diversidade cultural. Cruzavam-se diversos e diferentes produtos: tecidos, vestuário, instrumentos musicais, cerâmica, cestaria, construção civil, metalurgia, matérias primas, pesos e medidas, condimentos alimentares, plantas medicinais, produtos hortícolas, tecnologias de rega e moagem. O aumento da concentração urbana, no entanto, relacionada com a activação da economia monetária e do comércio externo, bem como o incremento de salvo-condutos atribuídos aos mercadores portugueses desde a primeira metade do séc. XIII, levou à procura cada vez maior por parte de mercadores e comerciantes estrangeiros, nomeadamente italianos e catalães, de portos portugueses como entreposto para expandir o comércio

mediterrânico em direcção ao Atlântico norte. O poder régio apoia esta dinâmica, confirmando D. Dinis, em 1293, a bolsa de mercadores que trabalham na Flandres, Inglaterra, Normandia, Bretanha e La Rochelle. No final do séc. XIII, fixam-se em Lisboa genoveses, galegos, aragoneses e catalães. Lisboa torna-se, deste modo, no grande centro da vitalidade do comércio externo português, verificando-se uma concentração populacional excessiva em seu redor face ao restante território do reino. Mas a crise espreitava com a guerra civil de 1319-1324, ocorrida no reinado de D. Dinis. As fomes e a recessão que se agravam em 1348 com a entrada da Peste Negra vieram atingir sobretudo uma população enfraquecida por falta de alimentos, o que originou uma rápida quebra demográfica. Será apenas a partir de 1460 que se dará, de forma definitiva e rápida, a recuperação demográfica (MATTOSO, 1992).

Os materiais do silo [453], estando relacionados com um espaço comercial tipo bodega ou taberna, poderão ser o resultado da limpeza e reconversão do mesmo, tendo este sido possivelmente abandonado durante o período da crise do séc. XIV. Não sendo, no entanto, possível afirmá-lo de forma peremptória, tem de se ter atenção a futuros contextos arqueológicos como este na cidade de Lisboa para ver se existe um padrão comum. A própria localização na frente ribeirinha, junto da azáfama comercial e mercantil da urbe lisboeta dos sécs. XIII/XIV, permite também levantar a hipótese de os materiais do silo serem provenientes deste tipo de estabelecimento. Por outro lado, existem demasiados recipientes e objectos para um simples contexto doméstico.

Deste modo, os materiais cerâmicos provenientes do silo [453], pelo contexto fechado e específico em que se inserem e através dos paralelos que se estabeleceram com outros contextos arqueológicos portugueses, nomeadamente em Lisboa, servem como um contributo, não apenas para o estudo da cerâmica de uso comum da cidade de Lisboa dos sécs. XIII/XIV, como também para o estudo das tradições, vivências e hábitos quotidianos de uma urbe medieval em constante mutação, durante um período de tão grandes e profundas alterações no plano comercial, económico, político e cultural por que o reino passou.

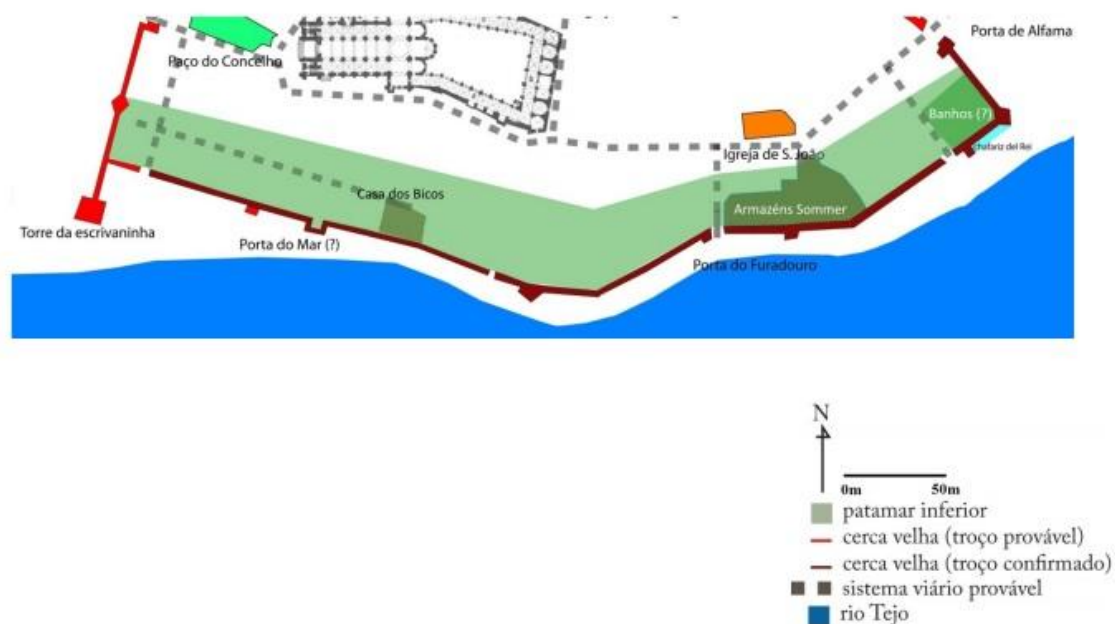


Figura IV.1 – O sítio dos armazéns Sommer, integrado no designado Patamar Inferior, na evolução urbana e da medina intramuros, entre 1147 e 1345 (SILVA, 2017, p.133, f.21).

Numa tese de doutoramento recente em História Medieval, intitulada *Mutação urbana na Lisboa Medieval : das Taifas a D. Dinis*, o autor refere-se à importância dos dados arqueológicos para o estudo da Lisboa medieval, afirmando ser o seu contributo para o avanço do estudo sobre a história da cidade, absolutamente central (SILVA, 2017, p.16). De forma muito pertinente, refere ainda que esse facto deve ser ponderado quer pelos arqueólogos quer pelos historiadores, pois apenas uma união de esforços, e uma divulgação científica necessariamente inclusiva, pode produzir resultados que permitam avançar o conhecimento sobre a história da cidade (SILVA, 2017, p.16). Sobre a importância arqueológica do sítio dos antigos armazéns Sommer e, acerca da intervenção efectuada em 2014/2015 (a qual terminou muito pouco tempo antes de concluir a sua tese, não permitindo ter acesso completo aos resultados arqueológicos dela resultantes), o mesmo autor considera tratar-se da mais importante escavação arqueológica realizada em Lisboa neste século, acreditando que este local será uma chave mestra para se compreender a história da cidade ao longo dos últimos três milénios (SILVA, 2017, p.15-16), referindo ainda, aquando da sua visita ao local, *a existência de fossas de armazenamento e outras estruturas variadas de época medieval, possivelmente de cariz habitacional, mas ainda não totalmente identificadas* (SILVA, 2017, p.135). Para uma análise da tipologia da propriedade dentro da cerca velha entre

1147 e 1345, no denominado Patamar Inferior, área onde se inclui o silo [453] e o sítio arqueológico dos antigos armazéns Sommer (Figura IV.1), o autor refere, baseado em ocorrências registadas na documentação, *a existência de “casas” e espaços habitacionais, espaços comerciais mas, também, espaços de armazenamento. Além do armazém e das adegas referidas na documentação, era também usual a existência de covas no interior e no exterior de propriedades privadas, tal como a arqueologia veio a verificar tanto no claustro da catedral como no teatro romano. Estas covas, muitas vezes concebidas originalmente em época islâmica, foram utilizadas até ao final início do século XIV, revelando a permanência do modo de armazenar alimentos durante vários séculos, uma realidade que a arqueologia permitiu observar também na alcáçova e nos arrabaldes da cidade* (SILVA, 2017,p.143). Os materiais cerâmicos provenientes do silo [453], inserem-se precisamente nesses contextos de época Medieval mencionados pelo referido autor. Pretende-se assim que a presente dissertação sirva como um pequeno contributo para estudos futuros sobre a evolução urbana da Lisboa medieval e para o estudo da histografia lisiponense.

#### 4.2. Contributo da arqueologia preventiva para a formação do conhecimento

Devido à sensibilidade patrimonial e arqueológica da zona em questão, e estando incluída pelo PDM de Lisboa na Zona de Nível Arqueológico 1, o sítio dos antigos Armazéns Sommer torna-se num caso paradigmático de uma intervenção efectuada nos moldes da arqueologia preventiva e de salvaguarda, na actual reabilitação urbana lisboeta.

Para melhor se compreender a importância e o contributo que a arqueologia preventiva tem actualmente na formação do conhecimento, compete remontarmos aos anos 90 do século passado e ao caso Foz Côa, com todo o seu impacto no domínio público de então. Este viria reforçar o papel da arqueologia do ponto de vista social e a necessidade de uma atenção própria e singular sobre o património arqueológico, e não apenas arquitectónico. A interrupção do projecto de construção da barragem de Foz Côa e a polémica em torno da preservação das gravuras rupestres demonstrou a incapacidade da tutela de então (IPPAR), na gestão desta situação. Interrompeu-se a construção da barragem e criou-se um Instituto próprio, dotado de autonomia (SILVA, 1999, p.229).

O IPA (Intituto Português de Arqueologia) foi então criado por Decreto-Lei de 14 de Maio, de 1997. A partir de então, toda a Arqueologia portuguesa passa, pela primeira vez, a ser tutelada por uma entidade que apenas a ela se encontra consignada. O património arqueológico torna-se assim independente do património arquitectónico. Essa separação entre a vertente arquitectónica e a arqueológica do património resultante da criação do IPA, faz surgir um regulamento de trabalhos arqueológicos, que pretende acautelar a salvaguarda e estudo do património arqueológico ameaçado por intervenções humanas de diversa natureza e dimensão, que passa, assim, a merecer atenção prioritária (Decreto-Lei nº 270/99, de 15 de Julho). Foi na realidade, e sob a tutela do IPA que se procurou, de um modo expedito e não burocratizante, incrementar a actividade arqueológica em Portugal numa perspectiva de investigação interdisciplinar e interinstitucional (Decreto-Lei nº 270/99 de 15 de Julho), desempenhando assim um papel essencial na aprovação de trabalhos arqueológicos e na sua fiscalização.

É em 1997, que Portugal, através da Assembleia da República ratifica a Convenção Europeia para a Protecção do Património Arqueológico, assinada em Malta, em Janeiro de 1992. A aplicação das directrizes deste documento em Portugal teve como consequência imediata o crescimento exponencial das medidas preventivas e de minimização de impactes, os trabalhos prévios e os acompanhamentos de obras, sobretudo em áreas urbanas, onde trabalhos de construção ou de reabilitação são mais frequentes (LEMOS, 2006, p.16 *apud* PINHEIRO, 2015, p.13). O acompanhamento arqueológico em contexto de obra, por exemplo, quase inexistente até 1997, tanto em meio rural como urbano, tornou-se essencial ao revelar vestígios arqueológicos não reconhecíveis em trabalhos de prospecção de superfície. O aumento destes trabalhos ditos de “arqueologia preventiva” passou a ser acompanhado por uma diminuição das “intervenções de emergência” (BUGALHÃO, 2011, p.26-27).

Será apenas em 2012, que a revisão do PDM de Lisboa irá redefinir o espaço urbano em três níveis de interesse arqueológico. No Nível Arqueológico I enquadram-se locais com pré-existências já identificadas de inegável valor e potencialidade patrimonial, nomeadamente a área envolvente do Castelo de São Jorge, o Teatro Romano de Lisboa, a Sé Catedral, as Termas dos Cássios/Largo da Madalena, o Largo da Sé/Largo da Igreja de Santo António da Sé, Troços das Cercas Medievais de Lisboa, Galerias Romanas da Rua da Prata e Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Aqui devem proceder-se a estudos prévios que promovam a consolidação e valorização do

uso patrimonial. No Nível Arqueológico II incluem-se locais onde já foram detectados testemunhos arqueológicos e onde se preveja uma maior densidade e diacronia dos vestígios. São abrangidos os Centros históricos antigos (área delimitada pela Cerca Fernandina, incluindo a Mouraria, Bairro Alto [zona onde se inclui o sítio arqueológico que aqui se pretende apresentar], Encosta de Santana; Belém; Benfica; Carnide/Luz; Paço do Lumiar/Lumiar; Charneca; Ameixoeira e Chelas), Fábrica Romana de Belém, Arqueossítios de Monsanto (Montes Claros e Vila Pouca), Tapada da Ajuda e Sete Moínhos. Neste caso são obrigatórios trabalhos prévios que avaliem o impacto ao nível do subsolo, descrevendo e fundamentando as acções e medidas a adoptar que assegurem a identificação, preservação e registo das realidades arqueológicas. O Nível Arqueológico III abrange locais onde as informações disponíveis indiciam a existência de vestígios arqueológicos, designadamente Zonas de expansão periférica dos Núcleos históricos, Núcleos históricos periféricos (Olivais Velho, Telheiras, Benfica, São Domingos de Benfica, Campolide, Belém, Ajuda, Palma de Baixo e Palma de Cima), Frente Ribeirinha, Zonas pré-industriais e industriais de primeira geração, estruturas militares, eixos viários fósseis, arqueossítios da Pré-história à época Romana e Aqueduto das Águas Livres. As medidas propostas para estes locais passam por acompanhamento presencial da obra e, eventualmente, pela realização de trabalhos de identificação, registo ou preservação de elementos de valor arqueológico identificados.

A multiplicação e crescimento de obras públicas e privadas, nomeadamente na reabilitação dos espaços, e a obrigatoriedade por parte das entidades promotoras em adoptar medidas preventivas e minimizadoras perante o património arquitectónico e arqueológico existente, levou a que na última década, a arqueologia e os trabalhos arqueológicos a efectuar passassem a depender directamente do financiamento dessas mesmas entidades promotoras, e a estar sujeita a prazos de conclusão de obras e condicionalismos do ponto de vista contratual. Por outro lado, e no caso específico da intervenção nos antigos Armazéns Sommer, coube à entidade promotora os custos de todos os trabalhos arqueológicos efectuados, na lógica do “poluidor-pagador”, bem como a manutenção e preservação de todas as estruturas e bens arqueológicos, inclusos no museu do novo espaço hoteleiro. É certo que as receitas resultantes dos bilhetes reverterem a favor da entidade hoteleira, mas também se compreenderá que é aquela entidade a responsável pela contínua manutenção do espaço museológico e preservação de todo o espólio exposto. Não sendo obviamente possível impedir a realização de todas



as obras que afectem o subsolo, cabe aos investigadores da área de arqueologia fazer assim um levantamento, um inventário, dos vestígios aí conservados para que se possa salvaguardar o “puzzle” que é a ocupação humana dos vários territórios ao longo das épocas (BUGALHÃO, 2011; ALMEIDA, 2006 *apud* PINHEIRO, 2015,p.17). Ora, esta lógica do “poluidor-pagador” e a necessidade de se implementar uma conservação pelo registo (sabendo-se de antemão que os vestígios irão ser destruídos) obriga o arqueólogo de salvaguarda a fazer um registo rigoroso dos mesmos, minimizando a perda de informação, permitindo assim fornecer dados que outros colegas e investigadores possam vir, com segurança, a interpretar e analisar de futuro. Ora nem sempre se torna fácil harmonizar os trabalhos arqueológicos com o das empreitadas de construção, cujos prazos nem sempre se enquadram com os previstos para os trabalhos arqueológicos, difíceis já por si de serem definidos, por desconhecimento do que se irá encontrar. As estimativas de tempo, quando não cumpridas, podem dar origem a conflitos entre as partes. Apenas um entendimento mútuo poderá resultar no cumprimento dos objectivos a que as partes se propõem. A comunicação permanente entre ambas torna-se fulcral durante todo o processo. O arqueólogo responsável deverá manter informados sempre que possível, os donos de obra, empreiteiros ou trabalhadores, sobre a evolução dos trabalhos. A troca de experiências e valências mútuas servirá talvez como impulso para uma melhor cooperação, permitindo um maior entendimento relativamente aos objectivos a que ambas as partes se propõem.

Embora se vá notando uma progressiva divulgação da arqueologia preventiva, através dos seus mais recentes trabalhos e resultados, particularmente na cidade de Lisboa e na sequência de obras de reabilitação urbana, ainda é muito evidente o desconhecimento geral sobre o que é a arqueologia, do que trata, seus objectivos e suas metodologias. Daí também, o benefício que a comunicação e a partilha da informação, por parte do arqueólogo, trará ao entendimento com as outras partes, sendo este crucial para o bom desenvolvimento das empreitadas a realizar. A inclusão da disciplina de Arqueologia noutros cursos, não apenas em cursos superiores de Arquitectura ou Engenharia, áreas que forçosamente se têm cruzado nos mais diversos projectos de reabilitação levados a cabo nos últimos anos, mas também ao nível do ensino básico e secundário, poderia servir como incremento do conhecimento e respeito que o património histórico e arqueológico nos exige, e que a todos pertence.

A importância da arqueologia preventiva e a obrigatoriedade de realização dos seus trabalhos, permitem um maior conhecimento e uma imagem da história da cidade de Lisboa que, de outro modo, não poderíamos ter apenas com base na documentação. Ainda que existam limitações e restrições quanto ao estudo e divulgação de muitos dos dados recolhidos, o sítio dos antigos Armazéns Sommer tornou-se, no entanto, num dos mais recentes e importantes locais da arqueologia lisboeta. Permitiu, não apenas dar origem ao trabalho que agora se conclui, esperando que outros lhe sucedam, como também a criação de um núcleo museológico que se reveste de extrema importância para o estudo da cidade, ao longo dos últimos três milénios. Haja, por isso, também alguma vontade e cooperação entre o mundo das empresas privadas de arqueologia, os municípios e a própria academia.

## 5. Considerações finais

O estudo do conjunto artefactual cerâmico proveniente do silo [453], identificado durante as intervenções decorridas entre 2014 e 2015 nos antigos Armazéns Sommer e abordado no presente trabalho, pretendeu servir como contributo para o estudo da cerâmica dos sécs. XIII/XIV, em Lisboa. Através dos paralelos estabelecidos para os materiais identificados e tratando-se de um contexto fechado e limitado proveniente de um despejo de materiais em uso até finais do séc. XIV ou inícios do séc. XV, foi possível acrescentar mais uma peça ao “puzzle” que se vai progressivamente elaborando relativamente ao estudo da cidade de Lisboa. Como foi referido, na extensa área dos antigos Armazéns Sommer, o silo [453] do ST.4 foi o contexto que forneceu elementos mais precisos no âmbito destas cronologias, não porque não tivessem existido outros, mas porque a construção do complexo palaciano do séc. XVI e os seus alicerces, acabariam por afetá-los irremediavelmente.

O conjunto cerâmico estudado permitiu ainda uma suportada abordagem do ponto de vista formal e funcional dos mesmos, encontrando paralelos não apenas de contextos arqueológicos em Lisboa, mas também de outras localidades do reino, nomeadamente Palmela e Santarém, onde em contextos dos sécs. XIII/XIV, as *cerâmicas apresentam nítidas introduções morfológicas, fruto das novas necessidades e tradições alimentares e de outras maneiras de fazer* (FERNANDES, 2004, p.169).

Relativamente à origem e proveniência dos materiais depositados no silo, concluiu-se serem provenientes de um local não muito distante, de um contexto coletivo que pode comportar uma área de várias antigas habitações ou, mais provavelmente, uma área comercial como poderia ser o caso de uma taberna, provavelmente situada na atual praça de S. João da Praça. Esta hipótese é suportada pela maior quantidade de recipientes cerâmicos de mesa e cozinha identificados, bem como uma enorme quantidade de fauna mamalógica e malacológica que foram despejados num espaço de tempo muito curto.

Foi possível concluir também, graças ao bom estado de conservação de alguns recipientes, terem sido depositados no silo vindos directamente do seu local de proveniência, ao deixarem de ter uso.

O trabalho que agora se conclui procurou também demonstrar o papel e o contributo que as intervenções arqueológicas de carácter preventivo têm tido nas últimas décadas para a formação do conhecimento científico. Tendo como função primordial a preservação e a minimização de impactes sobre o património arqueológico resultantes, do aumento de trabalhos de reabilitação urbana efectuados um pouco por toda a cidade de Lisboa, cabe ao arqueólogo preventivo e profissional de arqueologia a capacidade de identificar e registar esses contextos com o maior rigor possível, sabendo de antemão que grande parte deles serão irremediavelmente afectados ou destruídos. Mas cabe também aos profissionais de arqueologia, bem como à tutela, estabelecer compromettimentos entre as entidades envolvidas em todo o processo, tendo em vista a divulgação e salvaguarda dos vestígios cujos contextos sejam passíveis de ser musealizados e divulgados ao público em geral. Por outro lado, a proliferação e multiplicação de obras e intervenções arqueológicas que se têm feito sentir, faz com que os profissionais de arqueologia, saltando de obra em obra, de contexto em contexto, não consigam ter tempo por questões contratuais, para a análise devida e necessária dos dados recolhidos. Mas, como se tem verificado actualmente, *a arqueologia já não é apenas uma área de produção de conhecimento e cultura; é, também, uma área de mercado, geradora de postos de trabalho e de lucros* (OOSTERBEEK, 2008, p. 6 *apud* PINHEIRO, 2015). O presente trabalho procurou servir assim para colmatar, de alguma forma, essa lacuna, fornecendo novos dados arqueológicos de um período cujos vestígios arqueológicos, resultantes de intervenções de salvaguarda e de carácter preventivo, não são muitas vezes tratados, estudados e consequentemente divulgados.

## Bibliografia

ÁLVARO SÁNCHEZ, R. (2000) - Cerâmica almohade de Cacela Velha: primeros avances. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular* - Vol. VII, *Arqueologia da Idade Média da Península Ibérica*, Vila Real, Setembro de 1999, Porto, ADECAP, p.453-464.

ALVARES GARCÍA, J. (2001) - El ajuar cerâmico de una casa nazarí en Granada. In *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 7, ADECAP, Porto, p.373-392.

AMARO, C. (1992) - Silos medievais no Palácio Nacional de Sintra, *Arqueologia Medieval*, n.º1, Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, p.111-123.

AMARO, C. ; HENRIQUES, J.P.; SIMÕES, S.; FILIPE, V. (2012) - Edifício da antiga prisão do Aljube, Lisboa – dois contextos medievais. In *X Edição do Congresso Internacional A Cerâmica medieval no Mediterrâneo*. Poster 2. Silves.

AMARO, C. ; FILIPE, V. (2012) - Castelo de Torres Vedras – Testemunho de um contexto Medieval Islâmico. In *X Edição do Congresso Internacional A Cerâmica medieval no Mediterrâneo*. Poster 1. Silves.

ANDRADE, A.A; TENTE, C.; SILVA, G. M da; PRATA, S., Eds. (2018) - *Espaços e poderes na Europa urbana medieval* (Coleção Estudos 18). Lisboa: Instituto de Estudos Medievais (IEM) / Câmara Municipal de Castelo de Vide.

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M.,. (1998) - *La quantification des céramiques. Conditions et Protocole*. Glux-en-Glenne: Centre archéologique Européen du Mont Beuvray. (Bibactre; 2), p.141-157.

ARRUDA, A. M. (2008) - Fenícios e Púnicos em Portugal. Problemas e Perspectivas. *Cuadernos de la Arqueología Mediterránea. Nuevas Perspectivas II: la arqueología fenicia y púnica en la Península Ibérica*, 18, p. 13-24.

ARRUDA, A. M.; FREITAS, V.T.; SÁNCHEZ, J.I.V. (2000) - As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol.3, nº 2, Lisboa, p. 25-59.

BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T.; SILVA, T. (2013) - Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material. In *Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 937-945.

- BUGALHÃO, J. et al. (2010) - Projecto de sistematização para a cerâmica islâmica do Gharb al-Ândalus. *XELB*, 10 (Actas do 7.º Encontro de Arqueologia do Algarve), p. 455 – 476.
- CASIMIRO, T. (2013) - Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, p. 351-367.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1991) - Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 575-585.
- CARDOSO, G.; RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais, *Arqueologia Medieval* 6, p.193 -212.
- CARVALHO, A. (2005) - Intervenção Arqueológica no “Mercado Velho” de Palmela: Primeiros resultados, *Al Madan*, Série II, 13 (Adenda electrónica). Almada: Centro de Arqueologia de Almada, p.V1-V18.
- CATARINO, H. (1994) - O Castelo de Paderne (Albufeira): Resultados da primeira intervenção arqueológica, *Arqueologia Medieval* 2, p. 73-87.
- CATARINO, H. (1995) - Cerâmicas Tardo-Medievais/Modernas do Alto Alentejo: a escavação de um silo na vila do Crato. In *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela, p. 129-136.
- CATARINO, H. (1997/98) - *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica. Povoamento rural e recintos fortificados*. 3 vols. (Al-Ulyã. Nº 6), Loulé.
- CATARINO, H. (2003) - Cerâmica da Baixa Idade Média e de inícios do período moderno registadas no castelo da vila de Alcoutim. In *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Câmara Municipal de Tondela, p. 161-178.
- CATARINO, H.; INÁCIO, I. (2008) - A ocupação tardo-medieval e moderna no castelo de Paderne. *XELB*, 8:1 (Actas do 5º Encontro de Arqueologia do Algarve), p. 307-332.
- CAVACO, S.; COVANEIRO, J. (2010) - Materiais cerâmicos provenientes de um silo do bairro almóada do Convento da Graça – Tavira. *Arqueologia Medieval* 11, p.103-112.

- COELHO, A. (2004) - O Tempo e os Homens: Séculos XII-XIV. In MEDINA, J. (dir. de), *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Vol. III. Madrid: Impressões de Mateu Cromo, Artes Gráficas, S.A., p. 351-541.
- COELHO, A. (2001) - Lisboa nos dois primeiros séculos após a «Reconquista», *Arqueologia Medieval*, 7, p. 235-242.
- CRUZ, M. ; CORREIA, V. ; COSTA, P. (2007) – *Arqueologia: cerâmica utilitária*. Lisboa: IMC.
- DIOGO, A.; TRINDADE, L. (1998) - Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, nos 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 257-265.
- DUARTE, S. (2000) - Cerâmicas de Idanha-a-Velha. Contributo para o estudo dos motivos decorativos, *O Arqueólogo Português*, Série IV, 18, p 99-140.
- FERNANDES, L. (2000) - Novos elementos sobre o Castelo da Guarda (sécs. XIII-XVIII). In *Beira Interior – História e Património*. Guarda, p. 239-252.
- FERNANDES, L.; MARQUES, A.; TORRES, A. (2008) - Ocupação baixo medieval do teatro romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica cerâmicas vidradas e esmaltadas, *Arqueologia Medieval*, 10, p. 159–183.
- FERNANDES, I.; CARDOSO, J.L.; DETRY, C. (2012) - Cozinhar e comer no Castelo de Palmela. In GÓMEZ MARTÍNEZ, S. (coord.), *Memórias dos Sabores do Mediterrâneo*. Campo Arqueológico de Mértola – Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, p. 113-127.
- FERNANDES, I.; CARDOSO, J.L. (2012) - A economia alimentar dos muçulmanos e dos cristãos do castelo de Palmela: um contributo, *Arqueologia Medieval*, 12, p.211-233.
- FERNANDES, I. (2005) - Arqueologia Medieval em Portugal: 25 anos de investigação. *Portugalia*. Nova série, Vol.XXVI, p. 149-173.
- FERNANDES, I. (2004) - *O Castelo de Palmela: do islâmico ao cristão*. Palmela. Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela.

FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (1998) - Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. *Actas das 2<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela. p. 211-255.

FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (1997) - Abordagem arqueológica da Palmela medieval cristã. *Arqueologia Medieval* 5, p. 221-241.

FERNANDES, I.; CARVALHO, A. (1995) - Cerâmicas baixo-medievais da casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela). In *Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 77-96.

FONTES, J.L.; OLIVEIRA, L.F; TENTE, C.; FARELO, M.; MARTINS, M.G., Eds. (2016) - *Lisboa Medieval: Gestes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos 15). Lisboa: IEM.

GASPAR, A. (1991) - Contribuição para o estudo das cerâmicas medievais de Braga. In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo ocidental*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, p. 365-372.

GASPAR, A.; AMARO, C. (1997) - Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa. In *La céramique médiévale en Méditerranée. Actes du Vème Congrès l'AIECM2*. Aix-en-Provence: Narration Éditions, p. 337-345.

GASPAR, A.; GOMES, A. (2007) - As muralhas de olisipo o Troço Junto ao Tejo, In RODRIGUEZ COLMENERO, A.; RODÁ de LANZA, I., Eds. - *Las murallas de Ciudades Romanas en el occidente del Império, Lucus Augusti como paradigma*, Lugo: Diputación Provincial de Lugo, p. 685-698.

GASPAR, A.; GOMES, A. (2001) - Resultados preliminares das escavações arqueológicas no Castelo de S. Jorge, *Arqueologia Medieval*, 7, p. 95-102.

GASPAR, A.; GOMES, A. (2002) - O Castelo de S. Jorge – da fortaleza islâmica à alcáçova cristã. Contribuição para o seu estudo. In *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500). Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos.*, Lisboa, Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela, p. 397-404;

GOMES, A.; GASPAR, A.; GUERRA, S.; CALÉ, H.; RIBEIRO, S.; PINTO, P.; VALONGO, A.; PIMENTA, J. (2005) - Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas. In BARROCA, M. J.; FERNANDES, I. C., Coords. –



*Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs. VIII a XIII)*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela e Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 221-236.

GOMES, A.; GASPAR, A. (2016) - Ocupação Medieval na Sé de Lisboa In *Lisboa Medieval: Gentes, Espaços e Poderes* (Coleção Estudos 15). Lisboa: IEM, p. 113-128.

GOMES, A. (2004) - *Armazéns Sommer, Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa, policopiado.

GOMES, A. (2005) - *Armazéns Sommer, Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa, policopiado.

GOMES, M.; GOMES, R. (1993) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV, XV e XVI do Poço-cisterna de Silves, *XELB*. 3, p. 143-205.

GOMES, M.; GOMES, R.; CARDOSO, J. (1996) - Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV, *XELB* 3, p. 33-78.

GOMES, R. ; GOMES, M. (2001) - *O Palácio Almóada da Alcáçova de Silves, Catálogo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Museu Municipal de Arqueologia de Silves.

GOMES, M. (2009) - Cerâmicas e outros artefactos, medievais, do Castelo de Loulé, *Al- "Uliã: Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 13, p. 51-78.

GOMES, P. [et. Al.] (2004) - Cerâmicas tardo-medievais e modernas de importação na cidade do Porto. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e etnológicos*. 2ª Série, 3, p. 89 -96.

GOMES, R. (2003) - Brinquedos muçulmanos de cerâmica do sul de Portugal. In *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 93-102.

GONÇALVES, A.; SCHIERL, T.; TEICHNER, F. (2004) - A Change of Pottery Style Under Dom Sancho II? A coin dated pottery sequence from a medieval silo excavated in the cloister of the City Museum of Évora (Alentejo, Portugal). *Arqueologia Medieval*, 8, p. 237-252.

GONÇALVES, M.; PIRES, A; MENDONÇA, C. (2009) - Utensílios do quotidiano de um arrabalde islâmico de Silves: análise preliminar da louça de cozinha, *XELB*, 9 (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve), p. 695-706.

GONÇALVES, M.; PIRES, A. MENDONÇA, C. (2007) - Evolução Tipológica de um Conjunto de Utensílios de Iluminação de um Arrabalde Islâmico de Silves. *Vipasca Arqueologia e História*, série 2, nº 2, p. 643-653.

INÁCIO, I. ET AL. (2015) - *A propósito da investigação sobre cerâmica islâmica em Portugal*. Medievalista online, nº17, p.1–44. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/>

KEMNITZ, E. (1993 /1994) - Candis da colecção do Museu Nacional de Arqueologia, *O Arqueólogo Português*, IV série 4, nºs 11/12, p. 427-472.

LIBERATO, M. (2011) - *A cerâmica pintada a branco na Santarém medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiada.

MARQUES, A. (2000) - Escavações arqueológicas no Castelo de Belmonte (1992-1995). In *Beira Interior - História e Património*. Guarda: Câmara Municipal, p. 253-286.

MARQUES, A; BASTOS, M. (2013) – Subsídios arqueológicos para a História da Igreja do Convento do Carmo (Lisboa). In *Arqueologia em Portugal. 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1091-1101.

MARTINS, A.; NEVES, C.; ALDEIAS, V. (2010) - Arqueologia Medieval-Moderna – os silos da Avenida Miguel Fernandes, Beja. In BICHO, N., Coord. - *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular (2004) - As Idades Medieval e Moderna na Península Ibérica*. (Promontoria Monográfica, 13) Faro: Universidade do Algarve, p. 205-212.

MATESANZ VERA, P.; SÁNCHEZ HERNÁNDEZ, C. (2001) - Intervención arqueológica en el Convento de San Vicente Ferrer de Plasencia (Cáceres) : cerámicas de los siglos XIII a XV. In *Garb: Sítios islâmicos do Sul peninsular. Sitios islâmicos del sur peninsular*. Lisboa-Badajoz: Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 283-309.

MATTOSO, J. (dir.) (1992) - *História de Portugal*. Vol.2. (*A monarquia Feudal (1096-1480)*). Lisboa: Círculo de Leitores.

- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2002) - Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 - Centro Histórico de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, p. 259-276.
- MOTA, N.; CARVALHINHOS, M.; MIRANDA, P. (2018) - A “cerca velha” de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. IEM, Câmara Municipal de Castelo de Vide, p.495-520.
- NAZARÉ, M. (2013) - *Cerâmicas medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz) depositadas no Museu Municipal Dr. Santos Rocha*. Coimbra: Relatório de Estágio, policopiado.
- NETO, N.; REBELO, P.; RIBEIRO, R.; ROCHA, M.; ZAMORA, J. Á. (2016) - Uma Inscrição Lapidar Fenícia em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 19, p. 123-128.
- NETO, N.; REBELO, P.; RIBEIRO, R.; ROCHA, M. (2017) - *Intervenção Arqueológica no Hotel Cais de Santarém, Alfama, Lisboa*. Relatório Preliminar, policopiado.
- OLIVEIRA, F.; SILVA, R.B da; FERREIRA, S.; BARGÃO, A. (2017) - O comércio medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: o caso da Rua das Pedras Negras n.ºs 21-28. In *Arqueologia em Portugal 2017- Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1523-1538.
- ORTON, C., TYERS, P., VINCE, A. (1993) - *Pottery in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PAIXÃO, A. C. ET AL. (1994) - O castelo de Alcácer do Sal: um projecto de arqueologia urbana. In *Bracara Augusta*, vol. XLV, nº 97 (110) (Actas do III Encontro de Arqueologia Urbana, Braga), p.227.
- PAIXÃO, A.; CARVALHO, A. (2001) - *Cerâmicas Almóadas de Al-Qasr Al-Fath (Alcácer do Sal), Gharb – Sítios Islâmicos do Sul Peninsular / Sitios Islámicos del Sur Peninsular*, Museu Nacional de Arqueologia e Junta de Extremadura. Museo de Cáceres, p. 199; 229

PINHEIRO, H.I.H. (2015) - *Arqueologia Urbana em Lisboa: o Convento do Carmo entre os séculos XIV e XIX*. Lisboa: FCSH - Universidade de Lisboa. Relatório de estágio de mestrado em Arqueologia, policopiado (<http://hdl.handle.net/10362/16222>).

Protocole Beuvray (1998) - *Protocole de Quantification des céramiques*. In ARCELIN, RAMOS, A. (2006) - Arqueologia Urbana em Silves. A intervenção no Teatro Gregório de Mascarenhas, *XELB*, 6 (Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve), vol. I, p. 51-70.

REAL, M.; GOMES, P.; TEIXEIRA, R.; MELO, R. (1995) - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante-Porto: elementos para uma sequência longa séculos IV-XIX. In *Actas das 1ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 171-186.

RODRIGUES, M. (1994) - *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (Séc. XII-XIII)*. Porto: Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, policopiada.

RODRIGUES, M.; LEBRE, A. (2003) - Cerâmicas medievais da Vila Velha (Vila Real). In *Actas das 3ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 151-160.

RODRIGUES, M.; REBANDA, N. (1998) - Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça. In *Actas das 2ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 101-126.

RODRIGUES, M.; REBANDA, N. (1995) - Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha, Torre de Moncorvo). In *Actas das 1ªs Jornadas de cerâmica medieval e pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 51-66.

ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978) - *Serie Candil, Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca*. Palma de Mallorca: Diputación Provincial de Baleares, p. 48-55.

SABROSA, A. e ESPÍRITO SANTO, P. (1992) - Almada medieval-moderna. Um projecto de investigação. *Al-madan*, IIª Série, nº 1, p. 5-12.

- SABROSA, A.; SANTOS, V. (1993) – Cerâmica comum de silos medievais. Rua Henriques Nogueira – Almada. *Al -madan*. IIª Série, nº 2, p. 116 -122.
- SERRANO, L. (2011) - *Lucernas, Candis e Candeias. Para uma distribuição Geográfica no Território Português*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, policopiado.
- SERRÃO, J. e MARQUES, A. H. de O. (1987) - *Portugal na Crise dos Séculos XIV e XV. Nova História de Portugal*, vol. IV. Lisboa: Editorial Presença.
- SILVA, M. (2017) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval: das Taifas a D. Dinis*. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de História Medieval, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.
- SILVA, M. (2008) - Torre do Castelo de Aguiar de Sousa: resultados preliminares de uma sondagem arqueológica, *Oppidum*, número especial, p. 117-130.
- SILVA, R.B.da (2018) - O Convento de São Domingos, em Lisboa, e a leitura arqueológica das suas hortas, entre os séculos XIII e XV. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa: IEM/ Câmara Municipal de Castelo de Vide, p. 553-570.
- SILVA, A.; RIBEIRO, M. (2006/2007) - Cerâmica medieval das escavações no castelo de Arouca: Ensaio de análise morfotipológica. *Portvgalia*, Nova série, Vol. XXVII-XXVIII, p. 69-88.
- TENTE, C. (2010) - *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, policopiada.
- TORRES, C. (1987) - *Cerâmica Islâmica Portuguesa. Catálogo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, C.; GÓMEZ, S.; FERREIRA, M. (2003) - Os nomes da cerâmica medieval: Inventário de termos. In *Actas das 3<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval: métodos e resultados para o seu estudo*. Porto: Câmara Municipal de Tondela, p. 125-134.
- VIEIRA, A. (2011) - Cerâmicas dos séculos XIV a XVI do Castelo de Sesimbra. *O Arqueólogo Português*. Série V, vol.1, p. 657-687.

HARRIS, E. C., (1991) - *Principios de Estratigrafía Arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.

### **Sites consultados**

<http://www.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/allnumbres.html>

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/Default.aspx](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx)

<http://www.neoepica.pt/>

<http://www.academia.edu>

# **ANEXOS**

## **Anexo I**

### **Tabela de Inventário do Silo [453]**



Cerâmicas medievais nos antigos armazéns Sommer, Lisboa (séc. XIII-XIV)																
Hotel Cais de Santarém/2014 - A cerâmica do ST.4 - Silo [453]																
Nº Inventário	Sector	Sond.	U.E.	Categoria	Forma	Porção	Tipo	Ø Bordo (mm)	Espessura (mm)	Técnicas de Fabrico (Pastas)				Acabamentos/ Decorações	Cronologia	Observações
										ENP			Cozedura			
										Densidade	Dimensão	Tipo				
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812	4	1	[449]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (1), Paredes (45) Total = 46
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.1	4	1	[449]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	110	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de 3 fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.2	4	1	[449]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	250	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbela. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.3	4	1	[449]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.4	4	1	[449]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	230	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.5	4	1	[449]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	90	6	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	Fragmento muito rolado. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.6	4	1	[449]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	180	7	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta desgaste na barbela.
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.7	4	1	[449]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	170	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Cola com fragmento nº 3836.7 da [459] e 3855.20 da [461].
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.8	4	1	[449]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.9	4	1	[449]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Indeterminada	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3812.10	4	1	[449]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	70	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Canelura	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3813	4	1	[449]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (1), Paredes (3) Total = 4
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3813.1	4	1	[449]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Bordo	-	?	?	-	-	-	-	Vidrado / Decoração Aplicada	Indeterminada	Apresenta mamilo aplicado no bordo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3813.2	4	1	[449]	Cerâmica vidrada	Jarro / Pichel ?	Bordo	-	?	3	-	-	-	-	Vidrado	Finais séc. XIII-séc. XIV	Importação de Saintonge?
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Paredes (2) Total = 2
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.1	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Prato	PC	-	180	4	-	-	-	-	Esmaltada /Semi-círculos concêntricos a azul sobre a aba	Séc. XVII-XVIII	Colagem de vários fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.2	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Tigela	Bordo	-	100	4	-	-	-	-	Esmaltada / Filete a azul na superfície interna, junto ao bordo	Séc. XVII-XVIII	Colagem de 2 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.3	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Prato	Bordo	-	-	5	-	-	-	-	Esmaltada / Filete a azul na superfície interna, junto ao bordo	Séc. XVII-XVIII	Colagem de 2 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.4	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Prato	Bordo	-	-	6	-	-	-	-	Esmaltada / Indeterminado a azul	Séc. XVII-XVIII	Colagem de 2 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.5	4	1	[449]	Cerâmica esmaltada	Prato	Bordo	-	-	5	-	-	-	-	Esmaltada / Indeterminado a azul	Séc. XVII-XVIII	Fragmento muito rolado
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820	4	1	[452]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (4), Paredes (70) e Asas (2). Total = 76
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.1	4	1	[452]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	170	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Carena	Finais séc. XIII-séc. XIV	Cola com fragmento nº 3836.27 da UE [459]
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.2	4	1	[452]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	150	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Canelura	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de 2 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.3	4	1	[452]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	160	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.4	4	1	[452]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	150	7	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Com abundantes vestígios de argamassa e de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.5	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	250	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.6	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	260	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.7	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	250	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.8	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	260	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.9	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	170	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.10	4	1	[452]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	320	11	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Misto	Indeterminado	Indeterminada	Fragmento muito rolado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.11	4	1	[452]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	160	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Fragmento muito rolado. Apresenta vestígios de lume.

HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.12	4	1	[452]	Cerâmica comum	Tacho/Frigideira	Bordo	-	250	16	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XVI-XVIII	Pega triangular. Fragmento muito rolado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.13	4	1	[452]	Cerâmica cinzenta	Taça	Bordo	-	140	2	Pouca	≤1mm	Calcites	Redutora	Brunido / Carena	2ª metade séc. V a.C.	Tipo II (Arruda, Sé de Lisboa)
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.14	4	1	[452]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	140	6	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Fragmento muito rolado
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.15	4	1	[452]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3820.16	4	1	[452]	Cerâmica comum	Caçoila	Fundo	I	190	4	-	-	-	-	-	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de 3 fragmentos. Cola com fragmento nº 3836.1 da UE [459]
HCS/14.ST.4.SD.1.[452].3821	4	1	[452]	Cerâmica esmaltada	Indeterminada	Bordo	-	?	?	-	-	-	-	Esmaltada	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836	4	1	[459]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (6), Paredes (117), Asas (6). Total = 129
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.1	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	180	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de diversos fragmentos. Cola com fragmento de fundo nº 3820.16 da UE [452]. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.2	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	240	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta desgaste na barbel e vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.3	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	220	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de 2 fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.4	4	1	[459]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	80	5	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.5	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	II	140	4	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Meados séc. XIV-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.6	4	1	[459]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras e Carena	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de 3 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.7	4	1	[459]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	170	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Cola com fragmento nº 3812.7 da [449] e 3855.20 da [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.8	4	1	[459]	Cerâmica comum	Prato	Bordo	-	300	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIV-séc. XV	Colagem de 2 fragmentos. Apresenta bordo em aba. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.9	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	II	370	8	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras	Meados séc. XIV-séc. XV	Cola com fragmento nº 3855.10 da [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.10	4	1	[459]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	140	5	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcites	Redutora	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.11	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	170	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbel. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.12	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	270	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Meados séc. XIV-séc. XV	Em barbel. Poderá pertencer à peça 3836.13 e 3836.15
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.13	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	270	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Meados séc. XIV-séc. XV	Em barbel. Poderá pertencer à peça 3836.12 e 3836.15
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.14	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	150	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbel
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.15	4	1	[459]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	270	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Meados séc. XIV-séc. XV	Colagem de 2 fragmentos. Poderá pertencer à peça 3836.12 e 3836.13
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.16	4	1	[459]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	200	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Carena	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de 2 fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.17	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	210	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.18	4	1	[459]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	II	130	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzo	Oxidante	Aguada / Linhas brancas sobre fundo escuro	Séc. XII	Bordo triangular
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.19	4	1	[459]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	230	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.20	4	1	[459]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	130	6	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Fragmento muito rolado. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.21	4	1	[459]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	Colagem de 4 fragmentos. Poderá pertencer à peça 3836.25
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.22	4	1	[459]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	?	3	Média	≤1mm	Calcites	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.23	4	1	[459]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Calcites / Quartzo	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.24	4	1	[459]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.25	4	1	[459]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Calcites / Quartzo	Oxidante	Engobe / Canelura	Séc. XIII-XIV	Poderá pertencer à peça 3836.21
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.26	4	1	[459]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	Com arranque de asa
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.27	4	1	[459]	Cerâmica	Tigela	Bordo	-	170	5	Pouca	≤1mm	Calcites / Quartzo	Oxidante	Engobe / Carena	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de 3 fragmentos. Cola

				comum												com fragmento 3820.1 da UE [449] e 3855.20 da [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.28	4	1	[459]	Cerâmica comum	Jarro	PC	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Canelura e Carena	Séc. XIII-XIV	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta vestígios de lume. Apresenta uma asa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.29	4	1	[459]	Cerâmica comum	Púcaro	PC	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Canelura	Séc. XIII-início XV	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta asa. Com arranque da segunda asa na pança.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.30	4	1	[459]	Cerâmica comum	Indeterminada	Fundo	-	60	6	-	-	-	-	-	Indeterminada	Na zona do arranque para o pé, parece ter sido cortado ainda com a pasta fresca.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.31	4	1	[459]	Cerâmica construção	Malha de Jogo	PC	-	40	14	Média	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	-	-	Afeiçoada a partir de fragmento de cerâmica de construção.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.32	4	1	[459]	Cerâmica comum	Malha de Jogo	PC	-	30	6	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	-	Afeiçoada a partir de fragmento de cerâmica comum.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3836.33	4	1	[459]	Cerâmica comum	Malha de Jogo	PC	-	30	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	-	Afeiçoada a partir de fragmento de cerâmica comum.
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3837	4	1	[459]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	PC	III	?	4	-	-	-	Oxidante	Vidrado	Séc. XII-XV	Com vestígios de argamassa e vidrado muito danificado. Fragmento parece apresentar defeitos na aplicação do vidrado? Forma muito parecida com a peça .3856.1
HCS/14.ST.4.SD.1.[459].3838	4	1	[459]	Cerâmica cinzenta	Taça	Bordo	-	190	6	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Brunido	Idade do Ferro?	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847	4	1	[460]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (1), Paredes (23), Asas (4). Total = 28
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.1	4	1	[460]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	130	7	-	-	-	-	Indeterminado	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Fragmento muito rolado e com muitos vestígios de argamassa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.2	4	1	[460]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	200	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.3	4	1	[460]	Cerâmica comum	Alguidar	Bordo	-	300	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.4	4	1	[460]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	160	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de diversos fragmentos. Em barbelas. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.5	4	1	[460]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-início XV	Colagem de diversos fragmentos. Fragmento apresenta asa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.6	4	1	[460]	Cerâmica comum	Bilha	Fundo	-	80	5	-	-	-	-	-	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de diversos fragmentos. Com arranque de asa. Cola com fragmento nº 3855.4 da UE [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.7	4	1	[460]	Cerâmica comum	Testo	Fundo	-	60	4	-	-	-	-	-	XV	Apresenta Pitorra/Pedúnculo
HCS/14.ST.4.SD.1.[460].3847.8	4	1	[460]	Terra Sigillata	Indeterminada	Fundo	-	?	6	-	-	-	-	-	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855	4	1	[461]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (17), Paredes (149), Asas (12). Total = 177
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.1	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	140	4	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	-	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbelas. Colagem de dois fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.2	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	180	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbelas. Colagem de três fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.3	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	2	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzo	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbelas. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.4	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Parede	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de diversos fragmentos. Cola com fragmento nº 3847.6 da UE [460]. Arranque de Asa
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.5	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	150	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbelas. Colagem de dois fragmentos. Apresenta Pitorra/Pedúnculo e vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.6	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	170	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbelas. Colagem de diversos fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.7	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	240	4	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de diversos fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.8	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	260	5	Média	≥5mm	Micas / Calcites / Quartzos	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de diversos fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.9	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	210	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.10	4	1	[461]	Cerâmica	Caçoila	Bordo	II	370	8	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras	Meados séc. XIV-séc.	Colagem de três fragmentos.

				comum											XV	Apresenta vestígios de lume. Cola com fragmento nº 3836.9 da UE [459].
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.11	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	110	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta vestígios de metal na superfície externa do colo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.12	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	110	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de diversos fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.13	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	150	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbela. Colagem de dois fragmentos. Apresenta vestígios de metal na superfície interna e externa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.14	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	180	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados / Caneluras	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbela. Colagem de três fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.15	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	140	4	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-início séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.16	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	140	4	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Canelura	Séc. XIII-início séc. XV	
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.17	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	180	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbela. Colagem de três fragmentos. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.18	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta diversas caneluras.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.19	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	250	5	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzos	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.20	4	1	[461]	Cerâmica comum	Tigela	PC	-	170	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de argamassa branca na parede interna. Colagem de dois fragmentos. Cola com fragmento nº 3812.7 da UE [449] e nº 3836.7 da UE [459].
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.21	4	1	[461]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	300	19	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Fragmento apresenta vestígios de congressões (argamassas e metal).
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.22	4	1	[461]	Cerâmica comum	Cântaro	Bordo	-	80	9	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta duas asas.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.23	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	230	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de diversos fragmentos. Com pequeno fragmento metálico(ferro) encrustado!
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.24	4	1	[461]	Cerâmica comum	Panela	PC	IV	130	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta uma asa. O engobe encontra-se muito desgastado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.25	4	1	[461]	Cerâmica comum	Panela	PC	IV	120	7	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de diversos fragmentos. Apresenta uma asa com digitação na parte superior e vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.26	4	1	[461]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	50	?	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas	Oxidante	Aguada / Carena	Séc. XIII-XIV	Peça quase inteira, falta bordo. Não apresenta asa(s).
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.27	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	150	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbela. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.28	4	1	[461]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	200	3	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.29	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.30	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	230	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Misto	Aguada / Canelura	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.31	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	70	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.32	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.33	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	70	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.34	4	1	[461]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	350	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Canelura	Séc. XIII-XIV	Fragmento de aba. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.35	4	1	[461]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	I	90	6	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Finais séc. XI-1ª metade séc. XII	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.36	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	?	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.37	4	1	[461]	Cerâmica construção	Malha de Jogo	PC	-	40	10	-	-	-	-	-	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.38	4	1	[461]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.39	4	1	[461]	Cerâmica	Púcaro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-

				comum												
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.40	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro?	Bordo	-	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.41	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro?	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.42	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro?	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.43	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3855.44	4	1	[461]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	240	9	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Brunido	Islâmico?	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3856	4	1	[461]	Cerâmica vidrada	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (2), Paredes (3). Total = 5
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3856.1	4	1	[461]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	PC	III	150	4	-	-	-	Oxidante	Vidrado	Séc. XII-XV	Com abundantes vestígios de argamassa na superfície interna. Forma muito parecida com a peça 3837
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3856.2	4	1	[461]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Bordo	-	90	4	-	-	-	Oxidante	Vidrado / Caneluras	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3857.1	4	1	[461]	Cerâmica comum	Indeterminada	Fundo	-	-	8	-	-	-	-	Pintura a preto	-	Poderá pertencer ao fragmento 3857.2 da [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3857.2	4	1	[461]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	8	-	-	-	-	Pintura a preto	-	Colagem de dois fragmentos. Representação de uma pata? Poderá pertencer ao fragmento 3857.1 da [461]
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3858.1	4	1	[461]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	?	4	-	-	-	-	-	Sécs. XII-XV	Com vestígios de pigmentos brancos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3858.2	4	1	[461]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Bordo	-	60	3	-	-	-	Oxidante	Vidrado	-	Fragmento poderá fazer parte da candeia 3856.1.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3858.3	4	1	[461]	Cerâmica cinzenta	Indeterminada	Parede	-	-	3	-	-	-	-	Brunido	Idade do Ferro?	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3858.4	4	1	[461]	Terra Sigillata	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3859	4	1	[461]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	60	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzos	Oxidante	Engobe	Sécs. XII-XV	Peça quase completa, apenas falta fragmento de bordo. Apresenta asa elevada sobre o bordo. Vestígios de lume no bico.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3860	4	1	[461]	Cerâmica comum	Jarro	PC	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Séc. XIII-XIV	Peça completa, com colagem de diversos fragmentos. Apresenta uma asa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3861	4	1	[461]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	210	6	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Peça completa, pouco fragmentada. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[461].3862	4	1	[461]	Cerâmica comum	Púcaro	PC	-	100	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início XV	Peça completa, pouco fragmentada. Colagem de um fragmento. Apresenta duas asas.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871	4	1	[463]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (73), Paredes (567) e Asas (15). Total=655
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.1	4	1	[463]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	560	14	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcites / Quartzos	Oxidante	Engobe / Decoração Incisa / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Apresenta decoração incisa de linhas onduladas entre pequenas caneluras, na aba. Colagem de quatro fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.2	4	1	[463]	Cerâmica comum	Alguidar	Bordo	-	490	13	Média	≤1mm	Calcites / Quartzos	Misto	Engobe	Séc. XIII-XIV	Fragmento muito desgastado, com mais incidência na parede interna.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.3	4	1	[463]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	360	20	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Séc. XIII-XIV	Apresenta aguada escura na sua superfície. Cola com fragmento 3887.1 da [465].
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.4	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	120	8	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de dois fragmentos. Apresenta mancha do arranque da asa no colo e mancha esbranquiçada (pigmento branco?) no bordo e colo. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.5	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	100	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de dois fragmentos. Cola com fragmento de Bordo 3887.7 da [465].
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.6	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	III	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe / Caneluras	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.7	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	100	5	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Misto	Engobe / Canelura	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de dois fragmentos. Apresenta canelura ao longo da superfície do bordo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.8	4	1	[463]	Cerâmica	Panela	Bordo	IV	150	9	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Finais séc. XIV-início	-

				comum											séc. XVI	
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.9	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	210	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Finais séc. XIV-Início séc. XVI	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.10	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	90	6	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Apresenta aguada escura na sua superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.11	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	170	10	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzo	Misto	Engobe	Finais séc. XIV-início séc. XVI	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.12	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	120	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	-	Bordo triangular. Anforeta? Apresenta aguada escura na sua superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.13	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	180	6	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzo	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de três fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.14	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	210	8	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.15	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	220	6	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.16	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	200	4	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzos	Redutora	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.17	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	220	7	Pouca	≤1mm	Micas / Calcite	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.18	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	240	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.19	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	210	6	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.20	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	180	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.21	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	240?	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.22	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	280	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.23	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	260	5	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.24	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	280	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.25	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	170	5	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzo	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.26	4	1	[463]	Cerâmica comum	Cântaro	Bordo	-	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Pinçado	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.27	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	160	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.28	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	200	5	Pouca	≤1mm	Micas / Calcite	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.29	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	250	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.30	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	280	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.31	4	1	[463]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	260	8	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras / Pinçado	Séc. XIII-XIV	Aguada escura na superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.32	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	230	3	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.33	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	II	270	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Pequenas caneluras em linhas onduladas	Meados séc. XIV-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.34	4	1	[463]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	II	270	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Pequenas caneluras em linhas onduladas	Meados séc. XIV-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.35	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	180	3	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.36	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	150	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Em barbel. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.37	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta bordo em barbel. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.38	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	190	5	Pouca	≥5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.39	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	170	3	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.40	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	140	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta bordo em barbel.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.41	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	190	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta bordo em barbel.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.42	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	180	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.43	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	170	3	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta bordo em barbel.

HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.44	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	190	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.45	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	150	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.46	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	130	4	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.47	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	190	4	Média	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.48	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	150	4	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume. Os pinçados no bordo apresentam-se bastante rudimentares e realizados sem muita preocupação estética.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.49	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	140	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.50	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	240	3	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Engobe	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.51	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Fragmento apresenta-se bastante rolado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.52	4	1	[463]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	230	5	Média	≤1mm	Micas / Quartzo	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-início séc. XV	Com arranque de asa. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.53	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzo	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.54	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	140	3	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.55	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.56	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	4	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.57	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	4	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.58	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	70	3	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.59	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	70	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.60	4	1	[463]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	130	4	Pouca	≤1mm	Micas / Calcite	Oxidante	Engobe / Caneluras	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.61	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	60	2	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.62	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	70	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.63	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	60	3	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzo	Misto	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.64	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.65	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	90	4	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.66	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	5	Média	≤1mm	Micas / Quartzos	Oxidante	Aguada	Sécs. XII-XV	Com arranque de asa.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.67	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	160	5	Média	≤1mm	Micas / Quartzo	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.68	4	1	[463]	Cerâmica comum	Tigela	Bordo	-	230	6	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.69	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	150	4	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe	Séc. XIII-XIV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.70	4	1	[463]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.71	4	1	[463]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.72	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Canelura	Séc. XIII-XIV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta caneluras pouco profundas na superfície interna.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.73	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	80	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.74	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	70	4	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Canelura	Séc. XIII-XIV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta caneluras pouco profundas na superfície interna.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.75	4	1	[463]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	5	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-início séc. XV	Colagem de três fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.76	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	Caneluras	-	Colagem de nove fragmentos: apresenta caneluras nas paredes
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.77	4	1	[463]	Cerâmica	Indeterminada	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Colagem de dois fragmentos

				comum												
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.78	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	Carena	Séc. XIII-XIV	Peça quase completa, apenas sem bordo
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.79	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-XIV	Colagem de quatro fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.80	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-XIV	Colagem de dois fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.81	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-XIV	Colagem de três fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.82	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.83	4	1	[463]	Cerâmica comum	Testo	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	Meados sé c. XIII-séc. XV	Apresenta Pitorra/Pedúnculo
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.84	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Apresenta defeito de fabrico?
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.85	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Caneluras	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.86	4	1	[463]	Cerâmica comum	Jarro	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Carena	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.87	4	1	[463]	Cerâmica comum	Púcaro?	Parede	-	-	-	-	-	-	-	-	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.88	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Cordões plásticos	-	Apresenta cordões como decoração
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.89	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Cordões plásticos	-	Apresenta cordões como decoração
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.90	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Engobe / brunido	-	Cerâmica com engobe avermelhado
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.91	4	1	[463]	Cerâmica comum	Indeterminada	Fundo	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Apresenta arranque de asa
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.92	4	1	[463]	Cerâmica comum	Malha de Jogo	PC	-	40	8	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	-	Afeiçoada a partir de fragmento de cerâmica comum
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.93	4	1	[463]	Cerâmica comum	Malha de Jogo	PC	-	35	9	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	-	Afeiçoada a partir de fragmento de cerâmica comum
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.94	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Engobe	-	Cola com Panela nº 3855.24 da UE [461].
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3871.95	4	1	[463]	Cerâmica comum	Panela	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Engobe	-	Cola com Panela nº 3855.24 da UE [461].
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Várias	Paredes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Paredes (Total=7)
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.1	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Jarro	Bordo	-	90	8	-	-	-	Oxidante	Vidrado / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Com arranque de asa. Colagem de três fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.2	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Vidrado / Estampilhado	-	Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.3	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Vidrado / Cordões plásticos	-	Parece apresentar motivo circular com cordões plásticos. Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.4	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Vidrado	-	Colagem de dois fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.5	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Vidrado	-	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3872.6	4	1	[463]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Vidrado	-	Colagem de dois fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.1	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	90	5	Média	> 1mm < 5mm	Micas / Calcite / Quartzo	Oxidante	Engobe	Sécs. XII-XV	Peça quase completa. Sem asa e bico vertedor.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.2	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Sécs. XII-XV	Com arranque de bico vertedor. Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.3	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	90	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	Apresenta asa elevada sobre o bordo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.4	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	PC	II	?	5	Pouca	≥5mm	Micas / Calcite	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	Apresenta asa elevada sobre o bordo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.5	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.6	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	50	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.7	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3873.8	4	1	[463]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[463].3880	4	1	[463]	Terra Sigillata	Indeterminada	Bordo	-	160	5	-	-	-	-	Brunido	Romano	Sudgálica
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887	4	1	[465]	Cerâmica comum	Várias	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundos (65), Paredes (155) e Asas (3). Total=223



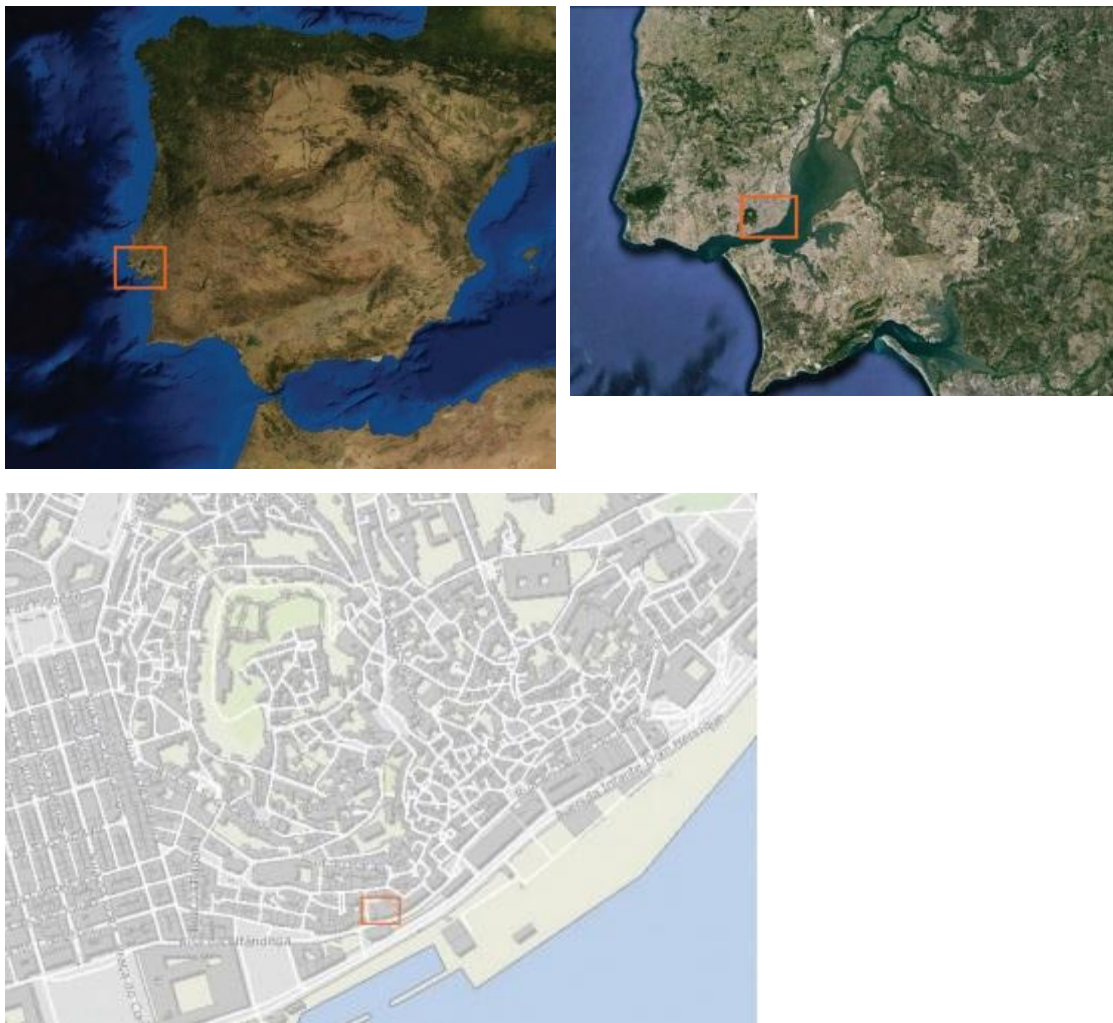
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.1	4	1	[465]	Cerâmica comum	Talha	Bordo	-	380	27	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzos	Misto	Aguada	Séc. XIII-XIV	Apresenta aguada escura na sua superfície. Cola com fragmento 3871.3 da [463].
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.2	4	1	[465]	Cerâmica comum	Alguidar	Bordo	-	260	8	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Carena	Séc. XIII-XIV	Apresenta carena no colo do fragmento. Bordo em aba.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.3	4	1	[465]	Cerâmica comum	Alguidar	Bordo	-	320	7	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	Bordo em aba.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.4	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	146	6	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Oxidante	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de vários fragmentos. O recipiente apresenta caneluras no colo e pança e tem vestígios de lume. Recipiente apresenta asa e não apresenta fundo.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.5	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	130	6	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de três fragmentos. O fragmento apresenta uma canelura no colo e superfície interior. Fragmento apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.6	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	120	6	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de três fragmentos. O fragmento apresenta uma canelura no colo e caneluras pouco profundas na superfície interna. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.7	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	100	4	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Misto	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de três fragmentos. O fragmento apresenta caneluras no colo e caneluras pouco profundas na superfície interna. Apresenta congrossões na superfície interna. Cola com fragmento 3871.5 da [463].
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.8	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	140	8	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Redutora	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Colagem de cinco fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.9	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	I	170	9	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Engobe / Pintura com linhas brancas sobre engobe vermelho	Finais séc. XI-1ª metade séc. XII	Bordo com arranque de Asa. A decoração com linhas brancas encontra-se na superfície do arranque da asa. Apresenta vestígios de lume e argamassas brancas.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.10	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	130	5	Média	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada / Caneluras	Finais séc. XIV-início séc. XVI	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.11	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	140	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Bordo apresenta vestígios de lume e uma pigmentação branca (argamassa?).
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.12	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Bordo	IV	130	8	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Finais séc. XIV-início séc. XVI	Bordo apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.13	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	260	5	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de três fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.14	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	240	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Calcites	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de sete fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.15	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	190	4	Pouca	> 1mm < 5mm	Micas / Quartzos	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de cinco fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.16	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	PC	I	280	4	Pouca	≥5mm	Micas / Calcites	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.17	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	230	4	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Misto	Engobe	Finais séc. XIII-séc. XIV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.18	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	250	5	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.19	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	220	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.20	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	220	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.21	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	250	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.22	4	1	[465]	Cerâmica comum	Caçoila	Bordo	I	210	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Finais séc. XIII-séc. XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.23	4	1	[465]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	90	4	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Oxidante	Aguada / Carena e Canelura	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.24	4	1	[465]	Cerâmica comum	Púcaro	Bordo	-	90	4	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-início XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.25	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	60	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.26	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	90	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-

HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.27	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	90	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.28	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	90	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.29	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.30	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Bordo	-	80	3	Média	≤1mm	Micas	Oxidante	Engobe / Canelura	Séc. XIII-XIV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.31	4	1	[465]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	80	3	Pouca	≤1mm	Micas / Calcite	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Fragmento bastante desgastado, tanto na superfície externa como interna. Apresenta caneluras longitudinais e paralelas no colo do fragmento.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.32	4	1	[465]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	120	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Fragmento bastante desgastado, tanto na superfície externa como interna. Fabrico bastante rudimentar.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.33	4	1	[465]	Cerâmica comum	Bilha	Bordo	-	90	3	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada / Caneluras	Séc. XIII-XIV	Fragmento bastante desgastado, tanto na superfície externa como interna. Apresenta caneluras longitudinais e paralelas no colo do fragmento.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.34	4	1	[465]	Cerâmica comum	Indeterminada	Bordo	-	90	10	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	-	Romano?	chacota?
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.35	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	PC	-	160	4	Média	≤1mm	Micas	Misto	-	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de cinco fragmentos e cola com 3871.83 da [463]. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.36	4	1	[465]	Cerâmica comum	Prato	Bordo	-	300	7	Média	≤1mm	Micas	Misto	Engobe / brunido	Finais séc. XIV-séc. XV	Colagem de dois fragmentos. Encontra-se brunido na sua superfície interna.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.37	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	170	3	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Misto	Aguada / Caneluras /Barbela	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de três fragmentos. Bordo apresenta na sua superfície caneluras longitudinais.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.38	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	3	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de três fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.39	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	240	5	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.40	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	250	5	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.41	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	3	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Barbela / Caneluras	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta bordo em barbela e caneluras longitudinais na sua superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.42	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	200	4	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Oxidante	Aguada / Caneluras	Meados séc. XIII-séc. XV	Colagem de dois fragmentos. Apresenta caneluras pouco profundas e longitudinais na sua superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.43	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	160	3	Média	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Caneluras	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta caneluras pouco profundas e longitudinais na sua superfície.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.44	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	200	7	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Aguada / Pinçados	Meados séc. XIII-séc. XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.45	4	1	[465]	Cerâmica comum	Panela	Fundo	-	-	4	-	-	-	-	Caneluras	-	Colagem de vários fragmentos
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.46	4	1	[465]	Cerâmica comum	Jarro	Fundo	-	-	6	-	-	-	-	-	Séc. XIII-XIV	Base apresenta defeito
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.47	4	1	[465]	Cerâmica comum	Bilha	Fundo	-	-	4	-	-	-	-	-	Séc. XIII-início séc. XV	Paredes afeiçoadas. Poderá ter servido como Godé
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.48	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Fundo	-	-	3	-	-	-	-	-	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta Pitorra/Pedúnculo. Cola com Bordo de Testo da [463].3871.35
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.49	4	1	[465]	Cerâmica comum	Testo	Bordo	-	?	5	Pouca	≤1mm	Micas	Redutora	Aguada	Meados séc. XIII-séc. XV	Apresenta vestígios de lume. Fragmento encontra-se muito rolado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.50	4	1	[465]	Cerâmica construção	Malha de Jogo	PC	-	40	12	Média	≤1mm	Micas / Quartzos	-	-	-	A partir de fragmento em cerâmica de construção.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.51	4	1	[465]	Cerâmica comum	Malha de Jogo	PC	-	40	11	Pouca	≤1mm	Micas	Oxidante	Aguada	-	A partir de um fundo de fragmento em cerâmica comum.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.52	4	1	[465]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Apresenta pinturas com duas linhas brancas	Islâmico?	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.53	4	1	[465]	Cerâmica comum	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Apresenta decoração com linhas brancas e escuras	Idade do Ferro?	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3887.54	4	1	[465]	Cerâmica	Indeterminada	Parede	-	-	-	-	-	-	-	Apresenta pintura com linha branca	Islâmico?	-

				comum												
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3888	4	1	[465]	Cerâmica vidrada	Várias	Paredes	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Paredes (3) Total = 3
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3888.1	4	1	[465]	Cerâmica vidrada	Indeterminada	Bordo	-	160	6	Pouca	≤1mm	Micas / Calcites	Misto	Vidrado	-	O vidrado encontra-se na superfície externa do fragmento e encontra-se muito desgastado.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Várias	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Inclui Fundo (1) Total = 1
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889.1	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	I	90	4	Pouca	≤1mm	Micas / Quartzos	Oxidante	Engobe	Sécs. XII-XIII	Fragmento de candeia de pé alto e apresentando arranque de asa. Falta peanha. Colagem de dois fragmentos.
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889.2	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889.3	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	80	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889.4	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Sécs. XII-XV	-
HCS/14.ST.4.SD.1.[465].3889.5	4	1	[465]	Cerâmica comum	Candeia	Bordo	II	?	4	Pouca	≤1mm	Micas	Misto	Engobe	Sécs. XII-XV	Apresenta vestígios de lume.

## **Anexo II**

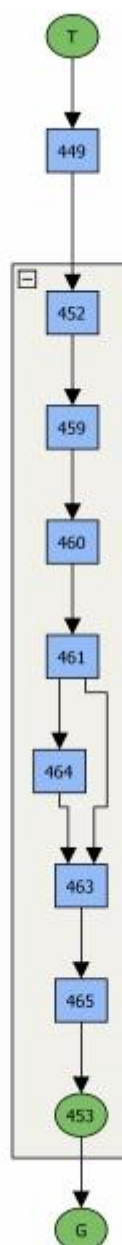
### **Implantação, estratigrafia e fotografias de materiais**



**Figura 1, 2 e 3** – Implantação da área dos antigos Armazéns Sommer e da zona da intervenção sobre imagens de satélite e na planta da cidade de Lisboa (NETO ET AL., 2016, p.124).



**Figura 4** – Topografia da colina do Castelo de São Jorge com a implantação da área dos antigos Armazéns Sommer marcado a vermelho, junto à margem direita do Rio Tejo (NETO ET AL., 2016, p.125).



**Figura 5** – Estratigrafia do silo [453], efetuada através do Harris Matrix Composer.



**Figura 6** – Panela 3855.24 (Finais séc. XIV- início séc. XVI).



**Figura 7** – Panela 3855.25 (Finais séc. XIV- início séc. XVI).





**Figura 8** – Panela 3887.4 (Finais séc. XIV- início séc. XVI).



**Figura 9** – Caçoila 3855.7 (Finais séc. XIII - séc. XIV).



**Figura 10** – Caçoila 3855.10 (Meados séc. XIV - séc. XV).



**Figura 11** – Caçoila 3855.23 (Finais séc. XIII - séc. XIV).



**Figura 12** – Caçoila 3861 (Finais séc. XIII - séc. XIV).



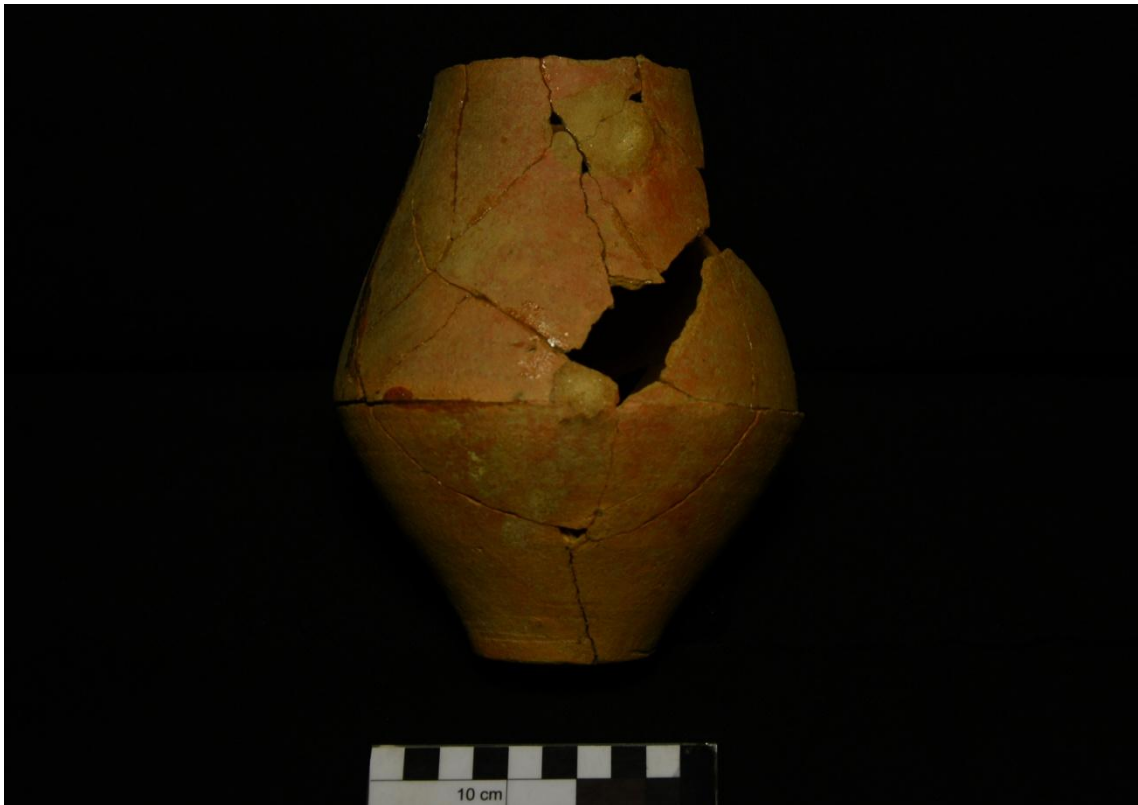
**Figura 13** – Testo 3847.4 (Meados séc. XIII - séc. XV).



**Figura 14** – Testo 3855.6 (Meados séc. XIII - séc. XV).



**Figura 15** – Jarro 3836.28 (Séc. XIII - XIV).



**Figura 16** – Jarro 3855.26 (Séc. XIII - XIV).



**Figura 17** – Jarro 3860 (Séc. XIII - XIV).





**Figura 18** – Púcaro pequeno 3836.29 (Séc. XIII - início séc. XV).



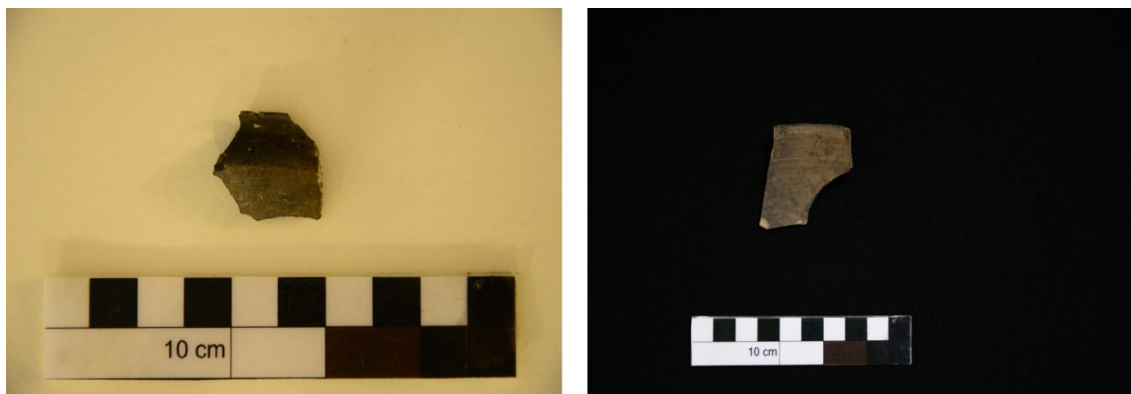
**Figura 19** – Púcaro 3862 (Séc. XIII - início séc. XV).



**Figura 20** – Tigela 3855.20 (Finais séc. XIII - séc. XIV).



**Figura 21** – Cântaro 3855.22 (Séc. XIII - XIV).



**Figura 22** – Bordos de taças de pasta cinzenta, brunidas, identificados no silo [453] (3820.13 e 3838). Os dois únicos bordos de **taça** identificados, ambos em cerâmica de pasta cinzenta e brunida, parecem enquadrar-se na Idade do Ferro, surgindo assim como intrusão no enchimento do silo [453], sendo provenientes de contextos circundantes mais antigos, identificados durante a intervenção nos antigos armazéns Sommer.

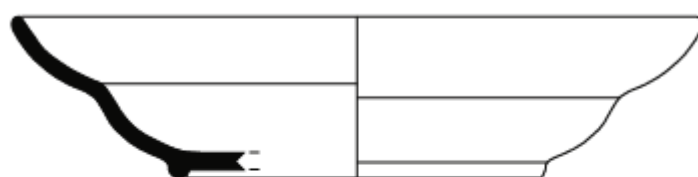


**Figura 23** – Bordo de forma indeterminada de *terra sigillata* (3880). Por ser proveniente de uma das camadas do fundo do silo, permite-nos concluir poder tratar-se de uma peça intrusiva dentro do conjunto medieval em estudo.





**Figura 24** – Prato de cerâmica esmaltada (3814.1), decorado na sua superfície interna e junto ao bordo, com semi-círculos concêntricos a azul cobalto, acompanhado por um simples elemento decorativo ao centro do fundo, que poderá ser vegetalista, identificado na U.E. [449], que cobre o silo [453]. O tipo de decoração aponta para uma cronologia que vai de meados do séc. XVII a princípios do séc. XVIII.



HCS/14.ST.4.SD.1.[449].3814.1



**Figura 25** – Prato de cerâmica esmaltada (3814.1).